

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

Ano 5 - Nº 34 - Edição Novembro e Dezembro 2025

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

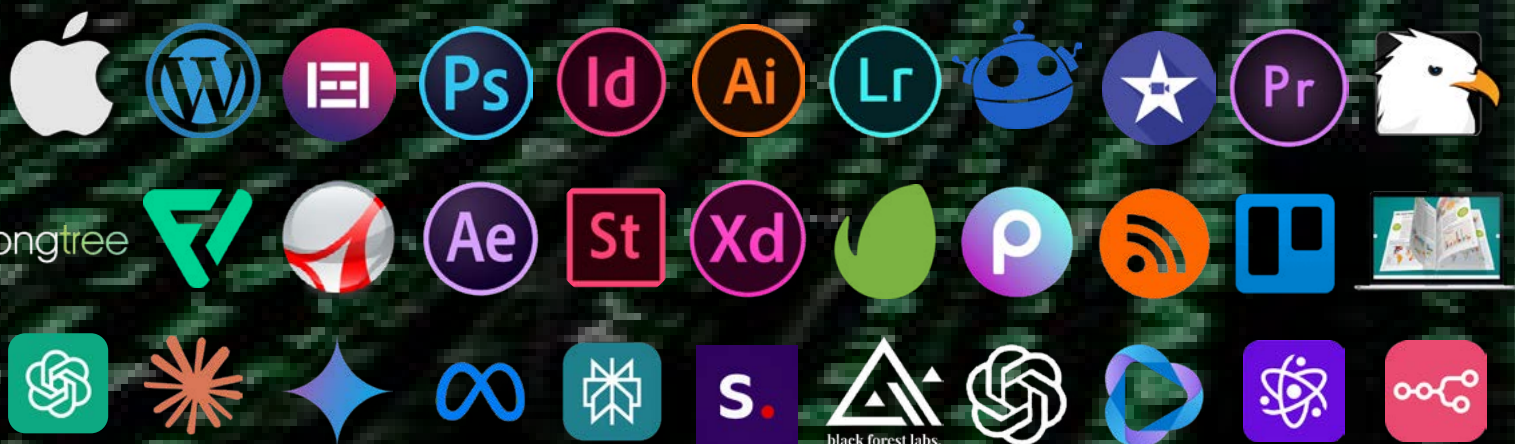
O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES:
"uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

2764-9768



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS





Edição da Revista

ED. NOV/DEZ 25

Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imensa satisfação que damos as boas-vindas à 34ª edição da Revista Interativa The Bard, fechando o ano com esta magnífica edição. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

Nessa edição vem com o tema da Matéria de Capa é O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES: "uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade", por J.B Wolf.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil e da Angola.

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também "Frases e Pensamentos", Minicontos", "Contos" e "Crônicas". Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de "Vitrine The Bard", prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
35ª Edição JAN/FEV 2026



LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

**35ª
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

34ª edição



O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 34ª edição Novembro e Dezembro 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF
Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 34ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Rute Augusto Possebom

Rute Augusto Possebom, 62 anos, natural de São Paulo. Graduada em Letras (USP), com mestrado em Literatura (PUCSP). Lecionei durante 29 anos e sou corretora de redação. Sou voluntária em uma instituição pública na qual oriento crianças e adolescentes no universo da leitura e da escrita.

INSTAGRAM



CRÔNICAS



Pietro Costa

Pietro Costa. 30.06.1981, Brasília/DF, Brasil. Pós-grad. na ESMPU e Ruhr de Bochum/Alemanha. Assessor Juríd. - MPU. Escritor. Poeta. Homenageado de Honra - 94ª Feira do Livro de Lisboa/2024. Dr. h. c. mult. Autor de 10 livros. Venceu o Prêmio Literário Clarice Lispector ZL Books 2024, categoria "Melhor Livro de Poesia", com o livro "SolRidente". Coautor de mais de 300 coletâneas.

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas



Ilze Maria de Almeida Matos

Ilze Maria de Almeida Matos, nasceu em Caxias, Maranhão, é engenheira agrônoma, ex-bancária e poeta. Sempre teve na alma e no coração poesia, música e muitos sonhos. Acredita no amor e nas pessoas, convicta de que tudo pode mudar e de que o amor de Deus transforma vidas. É casada e mãe de três filhos. A poesia surge para ela de diversas formas: em conversas, risos e nos momentos do convívio diário, transformando o simples cotidiano em poesia. Gosta de escutar as pessoas e está sempre pronta para oferecer um conselho ou um aconchego a quem se aproxima dela. A escrita é uma forma de expressar os sentimentos guardados em seu coração, e ela vibra quando suas palavras tocam o coração de alguém. Escreve simplesmente para tocar corações. Sempre procurou algo a mais, algo que a tocasse profundamente, e a poesia é o que faz seu coração transbordar de lindos sentimentos, de maneira que todos possam compreender.

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Matéria de Capa
J.B WOLF



ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA

Autopoesse & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA

Frases e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCO



ACESSE A COLUNA

Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA

Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZUCARATO



ACESSE A COLUNA

HumanLITERAR
SUELI LOPES



ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
ANGELA DANIELUCI



ACESSE A COLUNA

Semeando a Escrita
LILIAN BARBOSA



ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura - Vistudes Poéticas
MÁRCIA NEVES



ACESSE A COLUNA

A Língua em movimento
ALINE ABREU SANTANA



ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



ACESSE A COLUNA

Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



ACESSE A COLUNA

Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO



ACESSE A COLUNA

As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA

Raízes de Moçambique
DANY AMADO



ACESSE A COLUNA

Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH BALTAR

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Mãe África
FÁTIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA

Val um livro aí?
ARELLY SOARES



ACESSE A COLUNA

Resiliente MENTE
ADRIANA STRELLA



ACESSE A COLUNA

Caldeirão Cultural
LUIZ SOLRAK LIMA



ACESSE A COLUNA

Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



ACESSE A COLUNA

Nem te conto
FABIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



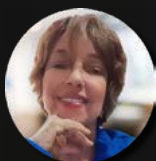
ACESSE A COLUNA

Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



LUIZ SOLRAK
Redator Digital

ACESSE



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



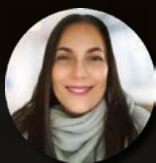
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



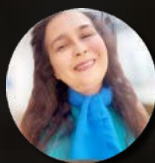
Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



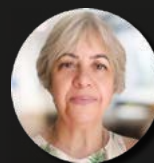
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



COLABORAÇÃO
& PESQUISA

Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA





"O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES: uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"

Por J.B WOLF

*O amor é a gramática secreta das artes:
ensina o gesto a dizer, a cor a cantar e o silêncio a conversar.*
J.B Wolf

Há temas que atravessam o tempo como rios subterrâneos. O amor é um deles. Não é apenas assunto de poemas ou canções. É uma força organizadora que, desde a oralidade primordial até os feeds digitais, tem reinventado a maneira como dizemos, ouvimos e imaginamos. Quando uma comunidade se reúne para ouvir um conto de origem, quando uma mãe embala um

recém-nascido com uma melodia improvisada, quando um adolescente escreve a primeira mensagem que hesita em enviar, o amor atua como bússola e método de comunicação. Ele pede clareza, convoca imagens, exige ritmo, cria códigos e também silêncios. Por isso o amor é a arte de todas as artes. Porque nele a forma nunca está desligada da intenção de alcançar o outro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"

No início havia a voz. Nas sociedades de tradição oral, a partilha do afeto passava por fórmulas repetidas, por metáforas simples e por cadências capazes de fixar a memória. As primeiras líricas amorosas de que se tem notícia, como os cânticos antigos, já combinavam estética e cuidado, beleza e função. Era linguagem que aquecia, mas também que ensinava modos de estar com o outro. Na Grécia, o amor ganhou corpo filosófico e teatral. Em diálogos e tragédias, a experiência amorosa aparecia como desafio ético e como caminho de conhecimento. Aprendia-se que amar é interpretar sinais, ler gestos, escolher a palavra exata, evitar o excesso e cultivar a escuta. A lição persiste. Onde há amor, há uma pedagogia da atenção.



A Idade Média adensou o vocabulário do sentimento, transformando-o em um sofisticado exercício de comunicação. Os trovadores codificaram gestos, inventaram uma etiqueta do desejo e, ao fazer isso, ajudaram a consolidar línguas vernáculas e a circulação de formas poéticas que cruzavam estradas, feiras e castelos. O amor cortês não era apenas enredo. Era um laboratório de retórica aplicada. Para merecer resposta, a canção precisava de estrutura, melodia e imagem precisa. O que começou como performance itinerante terminou como gramática de intimidade. As cartas e as canções daquela época mostram que a necessidade de dizer com delicadeza e precisão foi forjando técnicas que depois migraram para outras artes.

Com a imprensa, a intimidade ganha escala. O romance

epistolar transforma a carta de amor em arquitetura narrativa. O sentimento, que antes pedia segredos, aprende a viver dentro de páginas públicas e a disputar a atenção de leitores distantes. O teatro moderniza a cena do encontro, a pintura captura olhares que se buscam, e a música popular, já no século seguinte, descobre refrões que ficam na cabeça porque traduzem sentimentos em fórmulas cantáveis. Cada meio organiza o amor segundo seus recursos. A carta treina o detalhe, o tempo lento, o parágrafo que cresce para dizer o indizível. O jornal e a revista elegem a crônica, gênero que alinha observação e calor humano. O cinema inventa o close, aproxima os rostos, sincroniza respiração e imagem e, com isso, inaugura uma gramática de silêncios e pausas que talvez nenhuma outra arte tenha alcançado com tanta eficácia.



AGENS GERMÂNS POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 10/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"

O século do rádio e da canção popular transformou o afeto em linguagem coletiva. Uma cidade podia cantar o mesmo verso a caminho do trabalho. Havia algo de comunitário nessa experiência. Quando uma voz anônima ecoava pela casa falando de saudade ou de reencontro, uma nova sociabilidade se criava. O amor fazia as pessoas cuidarem da antena, ajustarem o volume, cederem espaço e silêncio ao outro. Não é trivial. Amar exige logística de escuta. Com o telefone, a comunicação ganhou tremor e imediatismo. Do outro lado da linha, havia respirações, hesitações, uma ética do tempo real que a carta não conhecia. O amor continua como mestre de tecnologia. Ele pede que se inventem meios para ficar perto, para diminuir distâncias, para colocar em ordem a avalanche de sentidos que

as emoções liberam.

A cultura pop elevou essa dinâmica ao máximo. Entre refrões, capas de discos, videocliques e pistas de dança, o amor virou linguagem franca. Beatles, boleros, bossa nova, baladas, rap, cada forma reorganizou palavras e ritmos para empacotar experiências de perda, desejo, reconciliação e promessa. A indústria aprendeu com rapidez que falar de amor é falar com mais gente. À publicidade interessou a confiança, a lealdade, a ideia de futuro compartilhado. Isso traz risco e potência. Risco, porque o sentimento pode ser reduzido a ferramenta. Potência, porque o discurso amoroso continua lembrando que por trás de cada decisão de consumo há alguém tentando pertencer e ser reconhecido. O amor nos torna legíveis.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"

No presente digital, a comunicação afetiva se multiplica e se fragmenta. Emojis funcionam como ideogramas de cuidado. Mensagens de voz substituem confissões longas em cartas. Fotos e stories constroem narrativas de casal em tempo quase real. Aplicativos de encontros comprimem a apresentação de si em poucas linhas e algumas imagens. A linguagem muda. Surgem abreviações, ironias visuais, pequenos rituais de resposta que sustentam a expectativa. Há também exaustão, ansiedade por confirmação, medo do visto e não respondido. O amor tensiona os modos de comunicar, pede que reinventemos regras de etiqueta e de proteção, ensina que descompressão e pausa são partes do diálogo. Em meio a telas, a lição antiga permanece. O que transmite afeto não é só o conteúdo, é o cuidado com a forma. Uma mensagem simples, escrita com atenção, pode desarmar uma noite inteira de mal entendidos.

As artes visuais, a literatura e o cinema atualizam esse pacto a cada geração. Artistas têm testado como representar conexões em tempos de hiperexposição. Filmes registram o susto de encontros mediatizados, romances aprofundam tensões entre intimidade e performance, e exposições exploram arquivos de correspondências e vozes de voz. A pergunta central reaparece em novas molduras. Como sustentar a singularidade da experiência amorosa em sistemas que nos convidam a falar para todos ao mesmo tempo. A resposta, quando aparece, não é uma teoria e sim uma forma. Um plano fixo que dura mais, um parágrafo que respeita o silêncio, uma canção com um intervalo mais longo entre versos. O amor se inscreve em modulações.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"

Também a política tem recorrido a esse repertório. Palavras como cuidado, solidariedade e compromisso circulam em campanhas, programas e movimentos, muitas vezes para nomear a urgência de reparar vínculos corroídos. O amor como projeto cívico aparece em ações de acolhimento, em redes de proteção mútua, em práticas de justiça que reconhecem feridas e buscam reatar laços. Não se trata de importar sentimentalismo para o debate público, e sim de reconhecer que toda comunicação que pretende construir futuro precisa de uma gramática do vínculo. O amor ensina isso quando enfrenta o cotidiano, aquele território onde a retórica se mede na capacidade de sustentar combinados e de pedir desculpas quando falha.

A tecnologia de ponta adiciona uma camada de perguntas que não podemos postergar. Máquinas escrevem poemas, compõem melodias, sugerem mensagens, simulam conversas. Há fascínio e há limites. Se o amor é arte de todas as artes, então o núcleo do que chamamos de criação amorosa continua ligado a presença, risco e responsabilidade. Nenhum auxílio técnico substitui a coragem de se fazer compreender e de compreender o outro, de ajustar o tom, de mudar o plano, de admitir que não sabemos o que dizer e, ainda assim, permanecer. A inteligência que interessa ao amor é menos a capacidade de processar dados e mais a habilidade de ler o contexto, de respeitar tempos, de sustentar o que foi dito com atos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"

Se é verdade que toda grande obra carrega uma pergunta de amor, também é verdade que a comunicação cotidiana pode se elevar quando aceita essa medida. Um e-mail pode ter a economia de um bom poema. Uma conversa difícil pode seguir a arquitetura de uma cena bem escrita, com começo, meio, virada e um desfecho honesto. Uma fotografia enviada no momento certo pode dizer o que nenhuma frase alcança. O amor reaproveita as lições das artes para tornar a vida comum mais habitável. Por isso ele moldou e continua moldando nossas formas de dizer. Não apenas como tema, mas como critério de qualidade. O que é belo, no fundo, é o que alcança o outro de modo digno.

Nada disso é nostalgia. O amor não foi melhor no passado e tampouco está garantido no futuro. Ele se reinventa. A cada ferramenta nova, o desafio se repete. Como dizer sem ferir. Como ouvir sem pressa. Como perguntar de um modo que abra espaço. Talvez o segredo esteja em devolver à comunicação algo que as tradições artísticas aprenderam a preservar. Ritmo, atenção, montagem, revisão. O amor revisa. Ele apaga excessos, escolhe verbos menos ruidosos, troca adjetivos por imagens concretas. Ele também monta. Aproxima memórias, cria paralelos, encontra o ponto de virada. E, sobretudo, ele dá ritmo. Pausas no lugar certo dizem muito. A arte sempre soube disso. Quando uma coreografia suspende o movimento, quando a música segura um compasso, quando um texto decide por um ponto final em vez de mais uma explicação, o que se comunica é precisamente o cuidado.

Talvez seja essa a definição mais simples e mais exigente. O amor como arte de todas as artes não porque seja assunto fácil, mas porque obriga cada linguagem a encontrar o seu melhor. É uma prova constante de clareza e de abrigo, de invenção e de responsabilidade. Diante de um mundo ruidoso, ele sussurra que ainda vale a pena escolher palavras que não machucam, imagens que não saturam, melodias que não abafam. Em tempos acelerados, o amor desacelera para caber o outro. Em tempos de dispersão, ele reconcentra. Em tempos de excesso de opinião, ele reaprende a perguntar. E, assim, segue ensinando às artes e aos meios aquilo que nós mesmos insistimos em esquecer. Comunicar não é vencer. É chegar junto. E ficar.

INSTAGRAM



COLONAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e torne-se um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI



Sumário



16

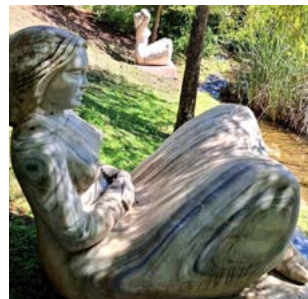
Matéria de Capa:
O amor, a arte de todas as artes: uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade", por J.B Wolf



62 Prosa Poética
por Jeane Tertuliano

66 Mitologias e Crônicas
Império Otomano,
por Ladylene Aparecida

76 Coluna Dialética
Rock, Filosofia e Psicanálise: o amor em estado de dor, por Clayton Zocarato



86 Humaniliterar 
Um pouco sobre o Parque dos Poetas, por Sueli Lopes

94 Grandes Autores
José de Alencar: o arquiteto dos sentimentos e da alma brasileira, por Angela Daneluci

100 Semeando a Escrita
A voz da poesia,
por Lilian Barbosa

Edição Nov/Dez 2025

28 Tudo Sobre Cinema
Por Claudia Faggi

36 Autopoiese & Narrativas
O amor - a verdadeira obra de arte da vida, por Stella Gaspar

50 História das Artes
O amor, a arte de todas as artes,
por Betânia Pereira

62 Vida de Autor
"Pânico da folha em branco", por Lilian Stocco



104 Nossa Literatura
Letramento literário - para além do amor, a vida, por Márcia Neves



112 A Língua em Movimento
por Aline Abreu Santana



120 Crônicas Tons do Cotidiano
por Adriana Moura Salles



124 **Raízes do Brasil**
Livros proibidos em nossa história, por Renata Munhoz



130 **Inclusão e Acessibilidade em Foco**
O amor como direito, por Sandra Santiago



134 **As Cores da Sociedade**
Cruz e Souza em algumas palavras, por Elke Lubitz



150 **Florescendo em Pensamentos**
Sonhos não envelhecem, por Cris Gomes

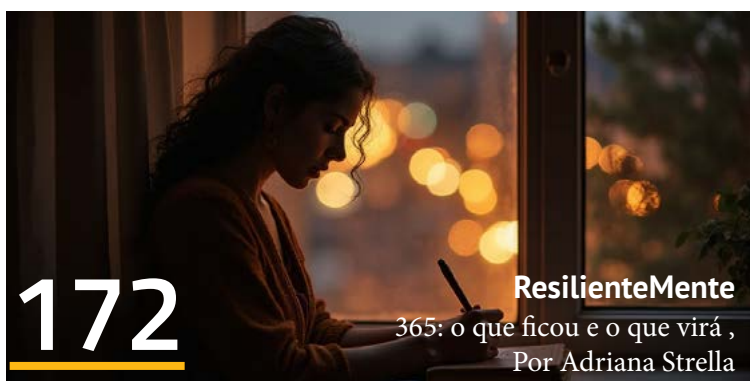
156 **Literatura de Cordel**
Romances, Cordel e o Pavão misterioso, por Beth Baltar



142 **Raízes de Moçambique** 
Por Dany Amado Vasco

220 **Mãe África** 
Rainha Njinga, por Fátima Moniz

166 **Vai um livro aí?**
por Arely Soares



172 **ResilienteMente**
365: o que ficou e o que virá, Por Adriana Strella

182 **Caldeirão Cultural**
Dom Quixote e o delírio necessário do amor, por Luiz Solrak

190 **Desnuda em Palavras - Erótico**
por Tônia Lavínia

202 **Poetas e Poetisas**
por Edna Lessa



212 **Nem te conto - Minicontos**
O que são Minicontos?, por Fabiana Francisco



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 34, Novembro e Dezembro 2025
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Betânia Pereira,
Cristina Gomes, Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavínia

Redatores Digitais: Luiz Solrak e Mia Koda

Redatora Intérprete de Libras: Sandra Santiago

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado em Moçambique 
Dany Amado Vasco

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - J.B Wolf
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoesia & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lilian Stocco
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- Grandes Autores - Angela Daneluci
- Semeando a Escrita - Lilian Barbosa
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Mãe África - Fátima Moniz
- Vai um livro aí? - Arelly Soares
- ResilienteMente - Adriana Strella
- Caldeirão Cultural - Luiz Solrak
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Nemw Te Conto - Minicontos - Fabiana Francisco
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 14 e 15

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista *The Bard* Poesia, arte e música



ISSN 2764-9768

SNIIC AG-217193

121 Países





22



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti à um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

A VIDA IMITA A ARTE OU A ARTE IMITA A VIDA?

Nesta edição especial, trazemos seis obras que exploram diferentes universos narrativos, transitando entre o medo, a crítica social e o encantamento poético.

Em *A casa das almas perdidas* (1991), mergulhamos em uma atmosfera sombria de terror clássico, em que uma família se vê envolvida em segredos macabros de uma mansão mal-assombrada. A narrativa constrói tensão de forma gradual, mostrando como o passado pode aprisionar o presente em correntes invisíveis.

Já em *A porta do porão*,

o suspense psicológico é o fio condutor. O filme trabalha com o medo íntimo, aquele que nasce do desconhecido, dos espaços que escondem mais do que aparentam e da fragilidade humana diante do terror cotidiano.

Em *O conto da Aia*, adaptação da obra de Margaret Atwood, somos transportados para uma distopia sufocante, onde mulheres são reduzidas a instrumentos de reprodução sob um regime totalitário. A força da narrativa está em provocar reflexões sobre opressão, liberdade e a luta por dignidade em meio ao autoritarismo.



Imagem de Laskoart por Freepik

Herege amplia esse olhar para o conflito entre fé e razão. A trama tensiona crenças religiosas e experiências sobrenaturais, levando o espectador a questionar o que é dogma e o que é experiência real, sempre à beira do inexplicável.

Para quebrar o peso das narrativas sombrias, O fabuloso destino de Amélie Poulain surge como uma ode à delicadeza da vida. Amélie, a jovem sonhadora que transforma pequenas ações em grandes gestos, mostra como a felicidade pode estar escondida nos detalhes do cotidiano, convidando o público a enxergar o mundo com olhos mais poéticos.

Por fim, Presença une mistério e sensibilidade em uma narrativa que toca o invisível. O filme brinca com a ideia de que nem tudo que sentimos pode ser explicado pela lógica, revelando como o desconhecido pode despertar emoções profundas.

Cada indicação foi escolhida para instigar diferentes emoções e reflexões. Prepare a sua lista e permita-se viver essas experiências cinematográficas que marcam, surpreendem e emocionam.

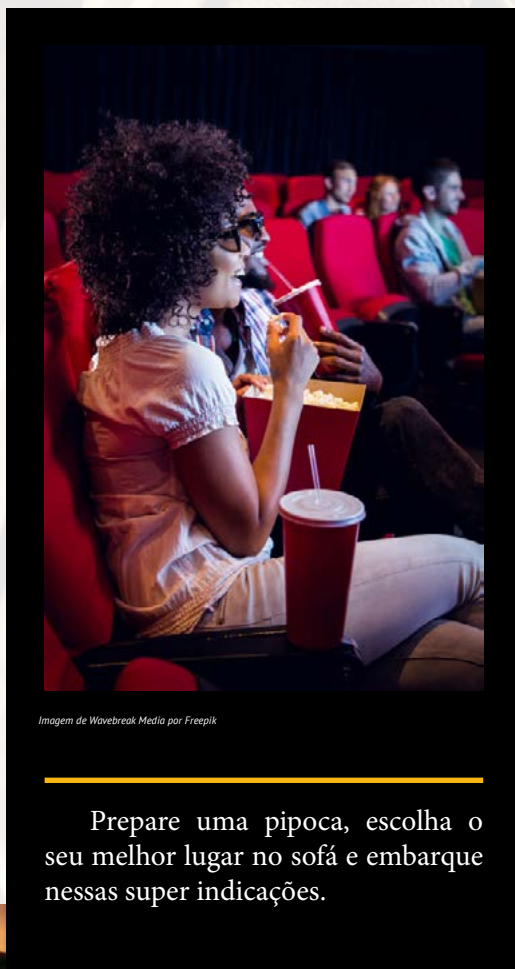


Imagem de Specialday_studio por Freepik

CLAUDIA FAGGI

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLONISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



A Casa das Almas Perdidas

A Casa das Almas Perdidas é um filme de 1990 que atualmente pode não causar tanto desconforto, mas na época, acredite, muita gente deixou a sala de estar e se dirigiu ao quarto com certa desconfiança aos barulhos mais inofensivos da própria casa. Atualmente, os filmes utilizam de recursos digitais e muitas vezes em excesso, o que torna o filme extremamente exagerado e longe da realidade.

O filme é baseado em fatos reais.

A Casa das Almas Perdidas fala de espiritualidade, energias e possessões, fatores em que eu, particularmente acredito.

A cena em que o marido assiste televisão à noite e é surpreendido por uma presença macabra que se materializa com traços femininos e masculinos é forte.

Os filmes de psicopatas mascarados são diferentes dos filmes de possessão demoníaca e presenças sobrenaturais malignas incomodam até aqueles que não acreditam no Deus bíblico.

Dirigido por Robert Mandel e com efeitos especiais limitados, A Casa das Almas Perdidas é uma produção que nos demonstra que a sugestão pode ser bem mais interessante que o visual em excesso. Lançado em 1991, com o roteiro assinado por Janet Smurl, Robert Curran, Darrah Cloud, além de Ed e Lorraine Warren, casal que já havia aparecido no cinema, como coadjuvantes, muito antes do protagonismo de Invocação do Mal.

Eu encontrei A Casa Das Almas Perdidas no youtube através de uma pesquisa sobre o próximo filme da série Invocação do Mal 4 que será lançado em setembro de 2025. A película vai abordar esse caso contado pelo casal Warren.

Filme de terror que vai mexer com os seus nervos.

Imperdível!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



A Porta do Porão



O filme A Porta Do Porão não se trata apenas de uma porta, mas sim da nossa obsessão por algo que nós não podemos fazer mesmo sabendo que as consequências serão avassaladoras.

A Porta Do Porão, de Vaughn Stein, é um filme que foca nos sacrifícios que estamos dispostos a fazer pelo nosso futuro e pelo futuro da nossa família. Um casal sofre com o trauma de um aborto espontâneo, e sua busca por um novo começo que se inicia com uma nova casa.

Assim que começam a perder a esperança de encontrar a casa perfeita dentro do seu orçamento, recebem a oferta de uma propriedade dos sonhos que vem com uma única condição suspeita. O antigo dono da casa, oferece ao casal a propriedade de presente, desde que concordem em nenhuma circunstância, abrir a porta do porão. Estranho, né!

Mas vamos pensar friamente. Quem seria louco em não aceitar? E quem conseguiria nunca abrir a porta proibida?

E é com esse dilema que o filme se desenrola. Nos momentos de crise o casal tem claras dificuldades com o combinado. Mentiras e discussões invadem cada cômodo da residência.

A Porta Do Porão é um filme sobre escolhas!

Beijos e bom filme!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



O Conto da Aia

O Conto da Aia é um romance de Margaret Atwood, escrito em 1985. O livro foi adaptado para a série de mesmo nome, vencedora de onze prêmios Emmy, como melhor série dramática, melhor roteiro, melhor atriz (Elizabeth Moss, no papel de June) e melhor atriz coadjuvante (Ann Dowd, no papel de Tia Lydia). O romance foi popular desde que publicado pela primeira vez tendo vendido mais de 8 milhões de cópias em todo o mundo.

Atwood, em 1985, prevê que o “futuro” da Inglaterra é se transformar em um Estado totalitário, denominado Gilead. Na série, é o futuro dos EUA. Um determinado agrupamento social religioso toma o poder do Estado e começa a implantar leis extremamente severas.

Em Gilead, resultado de uma degradação ambiental que levou à infertilidade, às mulheres restam posições de inferioridade, os papéis de esposa, mãe, empregada doméstica e procriadora. Revistas, livros e toda publicação impressa são proibidos. Às mulheres é proibido ler inclusive a bíblia.

São seis magníficas temporadas que nos deixam com o coração na mão.

A produção é rica, os figurinos impecáveis e as atuações são emocionantes.

Beijos e boa série!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Herege



O filme Herege conta com 91% de aprovação da crítica do Rotten Tomatoes e definido por muitos como a melhor atuação da carreira de Hugh Grant. O filme de terror oferece uma nova oportunidade para que os fãs do gênero vejam uma atuação de ponta do ator que é conhecido por atuar como galã em comédias românticas.

Na trama, duas missionárias, interpretadas por Sophie Thatcher e Chloe East, chegam à casa do Sr. Reed (Grant), um homem aparentemente solitário e excêntrico. Lá, elas acabam presas e forçadas a participar de um jogo mórbido, desafiando a fé da dupla e botando em xeque tudo no que acreditam.

Comparado aos outros filmes de terror e suspense lançados em 2024, Herege é um longa acima da média. E Grant não é o único motivo. A produção conta com um bom roteiro, que causa medo e desconforto a partir de questões religiosas.

Um dos destaques do filme está no roteiro, assinado por Scott Beck e Bryan Woods, que se tornaram conhecidos por terem escrito "Um Lugar Silencioso", sucesso dirigido por John Krasinski. O texto se mostra bastante afiado ao fazer questionamentos sobre credos religiosos e suas origens.

Através do personagem Sr. Reed, que é um grande estudioso não só sobre religião, mas também de questões culturais, o filme cria um grande labirinto de fé para mostrar que, tanto as missionárias quanto o público, serão testados sobre o que realmente acreditam nos planos espiritual e físico.

Bom filme!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



O Fabuloso Destino de Amélie Poulan

É um dos filmes franceses mais conhecidos internacionalmente e virou um clássico do cinema contemporâneo.

Amélie Poulain (interpretada por Audrey Tautou), uma jovem tímida e sonhadora que cresce em Paris com uma infância solitária. Já adulta, ela trabalha como garçonete em um café no bairro de Montmartre.

Um dia, Amélie encontra por acaso uma pequena caixa escondida em seu apartamento, contendo lembranças de infância de um antigo morador. Ao devolver o objeto e perceber a felicidade que isso provoca, ela decide passar a vida ajudando as pessoas à sua volta de maneira criativa e secreta — realizando pequenos gestos que mudam destinos.

Nesse processo, ela também precisa lidar com sua própria solidão e algo ainda mais interessante acontece em sua vida!

O filme é conhecido por sua fotografia vibrante, com cores fortes (principalmente tons de vermelho e verde), que criam uma atmosfera quase de conto de fadas. Quando você visitar Paris, existe um passeio de um dia para conhecer as lindas locações de Amélie.

A trilha sonora de Yann Thiessen é outro elemento marcante, com acordeão, piano e melodias melancólicas que se tornaram icônicas.

A narrativa mistura realismo e fantasia, explorando os pensamentos íntimos de Amélie e pequenas excêntricas da vida cotidiana.

Amélie Poulain tem a conexão humana como grandes gestos. É emocionante!

O filme foi um enorme sucesso de público e crítica, indicado a 5 Oscars (incluindo Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Fotografia).

Não perca essa história de amor pelo próximo!

Beijos!



POST NO SITE



Presença



O filme acompanha a família Payne — Rebekka, Chris e seus dois filhos, Tyler e Chloe — que se muda para uma casa nos subúrbios, recentemente adquirida após uma perda traumática. Logo descobrem que o lar já está habitado por uma entidade sobrenatural, chamada simplesmente de “Presença”.

O grande diferencial é que a narrativa é mostrada integralmente do ponto de vista da entidade, com longas sequências contínuas que criam uma experiência imersiva e incomum.

É isso, você vai assistir um filme pela ótica do fantasma!

E A Presença observa as tensões familiares crescerem: o casamento enfrenta crise, traumas não resolvidos e segredos emergem. Chloe lida com o luto por uma amiga falecida em circunstâncias misteriosas.

A trama se intensifica quando Chloe é alvo de um ataque por parte de um amigo chamado Ryan. A entidade intervém para evitá-lo, travando uma batalha invisível, e revela sua existência à família.

Assista!

Presença é um filme diferente de todos os outros do mesmo gênero.

Beijos e bom filme!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

O amor — a verdadeira obra de arte da vida

**“O amor é a beleza da alma”.
(Santo Agostinho)**

A narrativa textual escrita expressa sentimentos de amor, na qual mergulhamos de coração receptivo sobre: “O AMOR — A VERDADEIRA OBRA DE ARTE DA SUA VIDA”. Ao celebrar o amor como fonte de inspiração e expressão, reconhecemos o seu papel essencial nas histórias humanas. Ao longo dos tempos, o amor se revelou uma fonte inesgotável de inspiração e expressão, moldando a comunicação entre pessoas, povos e gerações, tornando os seres humanos mais afetuosos, mais ouvintes de seus corações, mais

emocionais, aprendendo a amar e serem amados.

A importância do amor tem alcançado novas visões nas sociedades contemporâneas, como a comunicação, em seu sentido mais profundo, sendo esta movida pelo desejo de conectar, acolher e compreender o outro. O amor está na base de todos esses processos, seja nas palavras ditas, no olhar apaixonado ou na solidariedade entre conhecidos, ou desconhecidos, nos diferentes contextos sociais, também nos sonhos coletivos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,
sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/09/2025"

O amor, por sua natureza universal, permite que sentimentos sejam comunicados por meio de palavras, imagens, sons e gestos, atingindo corações independentemente de idioma ou cultura. Daí, podemos chamar de “arte de todas as culturas”, transcendendo o tem-

po, expressando-se nas mais diversas formas de comunicação.

À medida que você, caro(a) leitor(a), for lendo a Coluna Autopoiese & Narrativas, vai poder acompanhar fontes inspiradoras nas poesias, músicas, reflexões,

além da minha amorosidade interior.

É um prazer compartilhar o que acredito sobre a capacidade do amor, nos mostrando que viver e amar é a verdadeira floração de nossas almas e corações.

O amor é um só.

John Lennon assim afirmou:

*Não importa quem você ama,
Onde você ama,
Por que você ama,
Quando você ama
ou como ama.
Importa apenas que você ama.*

Ao final desta leitura, espero, desejo que o amor aqui apresentado tenha conquistado a todos. Grande é a minha vontade de que essa narrativa seja um bálsamo que lhe traga paz, luz e amor.

Ame muito, todos os dias e sempre!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"

1- O amor — a verdadeira obra de arte da vida

Podemos dizer que o amor é o destino, é o questionamento do que ele significa. Consideramos ser importante sermos amor, transformando-nos em uma verdadeira obra de arte para a nossa vida, seguindo um destino de crescimento e evolução. O amor é o princípio criativo que nos ajuda a crescer e a evoluir, é a nossa expressão natural, o nosso instinto básico. É uma dedicação apaixonada e um apreço pela busca da excelência, não apenas em obras artísticas, mas em todas as facetas da vida. Dessa forma, seus caminhos não são apenas amar uma pessoa, mas sim, amar todas as pessoas. “Amar e ser amado é sentir o sol vir dos dois lados.” (David Viscott). Amamos porque nosso coração deseja, amando abrimos espaços à intimidade, à igualdade, à confiança e à estima, à admiração e ao desejo de viver junto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"

Como seres humanos, originamos a partir do amor e somos todos dependentes dele (Maturana, 1995). O amor é a vontade de estar perto. É um sonho de unir corpo e alma. É o amor que procuramos e desejamos. Nesse amor, buscamos uma conexão perfeita, sem dificuldades e sem limites. A comunicação é especial. Esse amor é uma

verdadeira obra de arte em nossas vidas. Ele cuida da nossa saúde mental, emocional e física. Concordamos com Maturana (1995), ao reconhecer o quanto somos amorosos desde o momento em que nascemos. Somos dependentes do amor para podermos viver e sobreviver. Ao dar e receber amor, nos sentimos privilegiados, eleitos

e honrados pela vida.

Como seres humanos amorosos, direcionamos as nossas vidas em busca da essência do amor, aquele que liberta e compreende, aquela fonte inesgotável de energia e bem-estar, inspiradora de nossos desejos, esperanças, esperas e encontros.

O amor é a expressão máxima da arte de viver, na plenitude de nossa alma dia a dia. É a alquimia transformadora, a força poderosa que move o cosmo, a energia, a fonte da vida, da fé e da esperança, é o encontro do nosso próprio destino. Um amor de verdade se constrói a cada dia, sem leis e sem horários. Um amor leal não é aquele que sabe tudo de você, mas é aquele que não precisa sa-

bê-lo e que respeita a sua privacidade. O amor-perfeito é impossível, mas o amor verdadeiro existe e é possível.

Como um artista se dedica à sua criação, o amor requer trabalho e atenção contínua para ser mantido e desenvolvido, são construídos dia a dia, lapidados pelas experiências e adversidades que a vida apresenta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"

2- O amor... Arte e expressão de beleza

O amor é uma arte?

De certa forma, sim. É algo além da arte. É o domínio do desconhecido. O amor é tudo o que você quer que ele seja. É abstrato, mas tão real. Amor e arte são experiências altamente subjetivas. Assim como o amor pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes, a arte é interpretada de diversas maneiras com base em experiências e perspectivas pessoais.

Tanto a arte quanto o amor são formas poderosas de expressão emocional. Podem transmitir sentimentos profundos, seja alegria, tristeza, paixão ou saudade.

“ O AMOR E A ARTE NÃO ABRAÇAM O QUE É BELO, MAS O QUE JUSTAMENTE COM ESSE ABRAÇO SE TORNA BELO.

KARL KRAUS

Podemos dizer que o amor é uma semente a germinar nas nossas imaginações. A arte do amor é como um céu com pensamentos leves como as nuvens, como nossas inspirações que mudam e se movem através dos momentos e das emoções. O amor é uma arte luminosa, na habitação do coração.

O amor faz parte da poesia da vida. A poesia faz parte da vida. Ele é uma primavera com suas folhas dançantes e empolgadas nas árvores, acenando para as flores de várias cores, cheiros e formas. É tão agradável quanto o silêncio tranquilo de um coração apaixonado. É impossível apontar onde a arte de amar começa e onde termina.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"

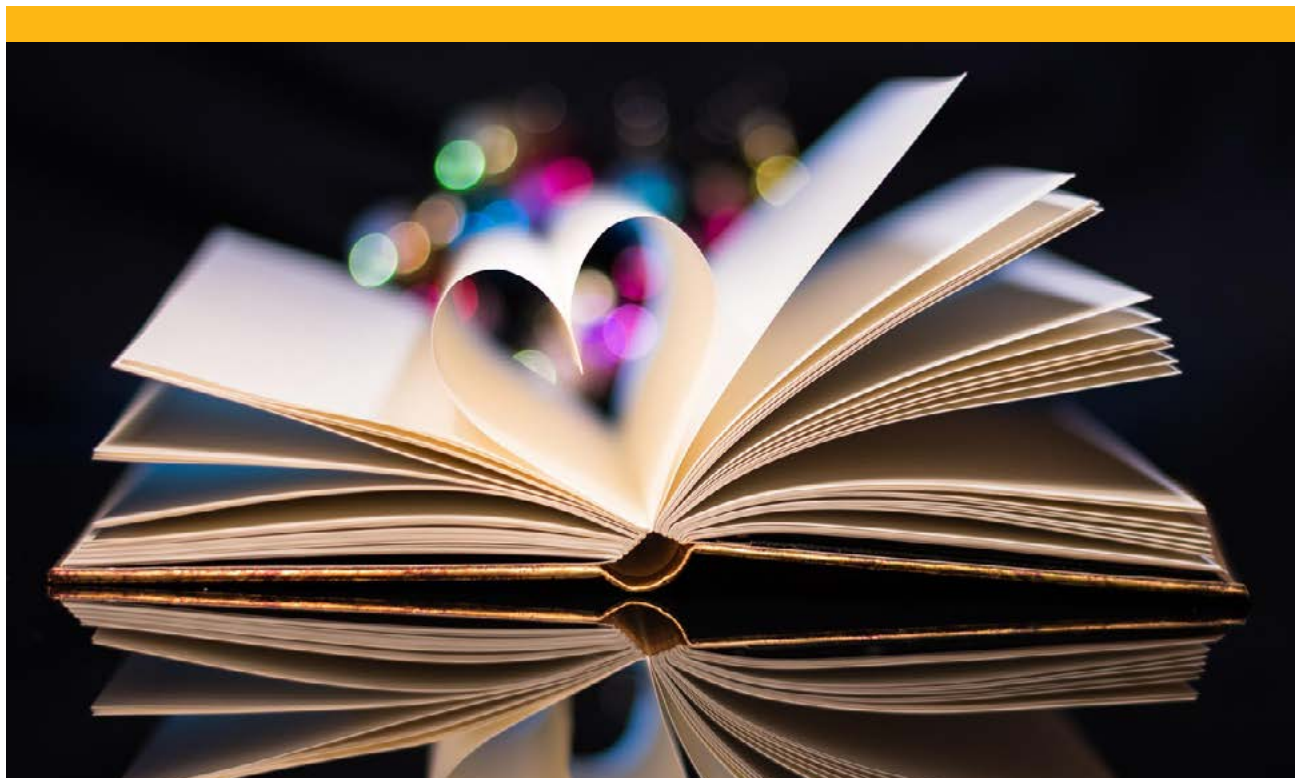


Imagem de Theo Crazzolara por Pvalky

Obras como a escultura O Beijo (em francês: *Le Baiser*) é uma escultura de mármore de 1882 do escultor francês Auguste Rodin. O beijo é exemplo de como a arte consegue expressar e transmitir a beleza e a intensidade do amor, deixando os olhos de nossos corações desabrocharem como uma flor repleta de contentamento. A escultura, com a sua composição dinâmica e tema cativante, foi um sucesso instantâneo quando exposta pela primeira vez em 1887. É uma representação poderosa da paixão e do desejo, contrastando com a dureza do mármore para evocar a união impossível das almas através dos corpos. O beijo, realizado por Auguste Rodin, transmite uma tal força emotiva e sensualidade que tornou esta obra numa das mais famosas esculturas de todos os tempos.

A obra explora a complexidade das emoções humanas, misturando erotismo e idealismo. Um detalhe notável é que os lábios dos amantes não se tocam, criando uma tensão que sugere tanto a iminência do beijo quanto o destino trágico que impede a consumação plena do amor. Rodin congela o momento de entrega ao desejo, antes das consequências se tornarem reais. A história de Paolo Malatesta e Francesca da Polenta é um dos contos de amor trágico mais famosos da literatura ocidental, popularizado por Dante Alighieri em seu poema *A Divina Comédia*. O enredo, que remonta à Itália do século XIII, envolve um casamento arranjado, paixão proibida, traição e morte violenta.

Outra obra a ser destacada é a do poeta, dramaturgo,

jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro, Vinícius de Moraes. Cabe lembrar dos sonetos, como os célebres Soneto de fidelidade, Soneto do maior amor e Soneto de separação. No cancionário viniciano — mas também nos livros de poemas e crônicas — o sentimento amoroso é esplêndido.

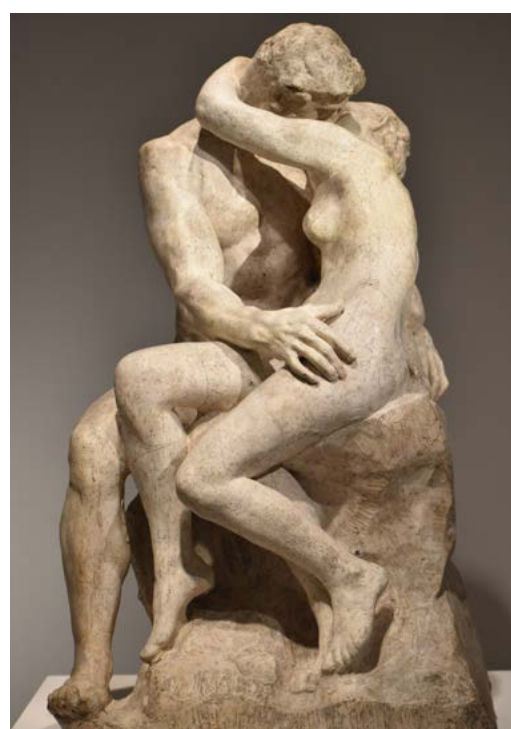


Imagem de Wikipedia por Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"

Soneto do maior amor.

Maior amor, nem mais estranho, existe.
Que o meu, que não sossega a coisa amada.
E quando a sente alegre, fica triste.
E se vê descontente, dá risada.

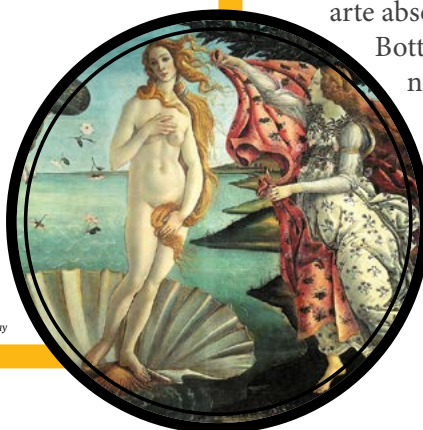
E que só fica em paz se lhe resiste.
O amado coração que se agrada.
Mais da eterna aventura em que persiste.
Que de uma vida mal-aventurada...

Louco amor, meu, que quando toca, fere.
E quando fere vibra, mas prefere.
Ferir a fenecer — e vive a esmo.

Fiel à sua lei de cada instante.
Desassombrado, doido, delirante.
Numa paixão de tudo e de si.

Vinícius de Moraes.

Imagem de WikiImages por Pixabay



Após seus primeiros livros, Vinícius de Moraes permaneceu como um dos principais poetas do Brasil, publicando com frequência até a década de 1950. A partir desse momento, sua produção editorial fica mais esparsa e ele desloca sua poesia de prosódia perfeita e subjetividade intensa para letras de músicas populares. Ao atuar intensamente como compositor, articula de forma inédita e definitiva a alta qualidade poética de seus versos à renovação da produção musical brasileira do seu tempo.



Imagem de Wikipedia - Vinícius de Moraes por Google

A poesia do artista se tornou, a partir de então, uma espécie de fusão entre sua vasta cultura literária e a aplicação direta de sua poética pessoal em versos que se tornaram ditos populares ou odes pessoais decalcadas na vida dos seus leitores. Ao longo do tempo, essa poesia desloca-se do espaço metafísico e místico de seus primeiros livros para a incorporação lírica do mundo e de seus aspectos mais impactantes.

Vários artistas conseguiram traduzir o maior sentimento do mundo em obras de arte absolutamente perfeitas! Destacando Botticelli, em O nascimento de Vênus. Ao pintar o amor encarnado, o ideal de perfeição, ele traduz, talvez, a nossa esperança de que o amor seja perfeito?

3- Poesia e Amor

O amor humano real lida com falhas, desafios e decepções. A beleza está justamente na capacidade de aceitar as imperfeições do outro e de si, construindo uma relação baseada em respeito, compreensão e comprometimento, nos entregando e dialogando com os desafios.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025

Motivos para amar.
Por Stella Gaspar.

"Nunca existiu uma pessoa como você antes!
Não existe ninguém neste mundo como você agora.
E nem nunca existirá.
Veja só o respeito que a vida tem por você.
Você é uma obra de arte — impossível de repetir,
Incomparável, absolutamente única." (Osho)

Nunca deixei de te ver.
Sempre senti.
O teu suave aroma.
Eu te escuto agora.
Desejosa em brindar.
A beleza sem fronteiras.
Que é você.
Felicidade foi te encontrar.
Eu vou sim, a toda horinha.

Chamando o teu belíssimo nome.
E na ritmada sonoridade.
Te chamando de meu amor.
Encontrando em ti,
Mais do que o amor,
É capaz de mostrar.

Você...
É a vida que vive.
Florescendo em mim
Como a aurora doce e silenciosa.
Deixando o meu coração,
Com nossos sonhos despertados.
Te digo, apossando-me das palavras;
Do poeta Augusto dos Anjos.
"Ah! Num delírio de ventura louca,
Vai-se minha alma toda nos teus beijos.
Ri-se o meu coração na tua boca!"

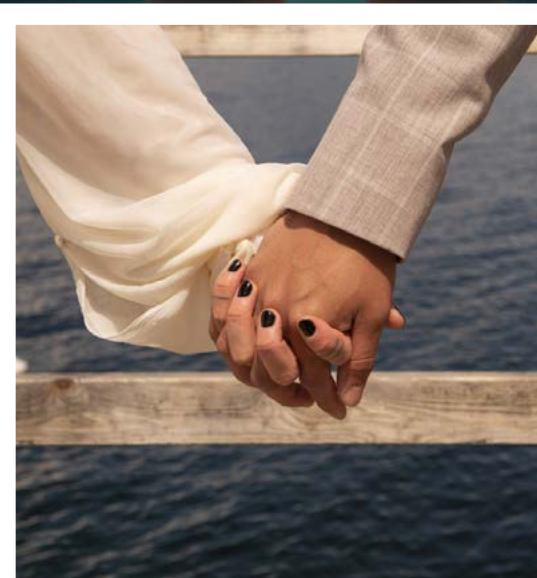


Imagem de EyeEm por Freepik

A Poesia, enquanto forma de Arte em um espectro mais abrangente, não se limita unicamente à produção textual; é tida como uma das sete artes e se manifesta em variadas expressões, como a música, a pintura, a escultura, a fotografia e, até mesmo, em sutis instantes do dia a dia, na maneira como apreciamos a beleza e a estética ao nosso redor. A nossa essência poética pode ser traduzida por meio da dança, do canto e dos versos poéticos. Portanto, prosa-poesia-amor constituem o tecido de nossa vida. Holderlin afirmava: "O homem habita a terra poeticamente". Precisamos conviver com essa dupla existência, sem rupturas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025

E o amor?

Tudo que os poetas dizem sobre ele é verdadeiro, o amor é alegre, é energia, é paciência, é perdão e desejo pelo bem da pessoa amada.



Imagem de Voicu por Pixabay

Shakespeare escreve:

“Amor é um marco eterno, dominante, que encara a tempestade com bravura; é astro que norteia a vela errante, cujo valor se ignora, lá na altura. Amor não teme o tempo, muito embora Seu alfange não poupe a mocidade; Amor não se transforma de hora em hora, antes se afirma para a eternidade.” (Acesso em 20/09/2025. Google.com)

O poeta tem um coração cheio de amor, um coração amoroso. O poeta percebe, sente, concentrando suas atenções para a vida com brilhos de poesias. O poeta aprende diariamente a amar e ser amado incondicionalmente, com um amor gratuito e transpessoal. Ele não precisa ficar refém dos jogos de palavras e símbolos. O poeta possui uma competência total, multidimensional.

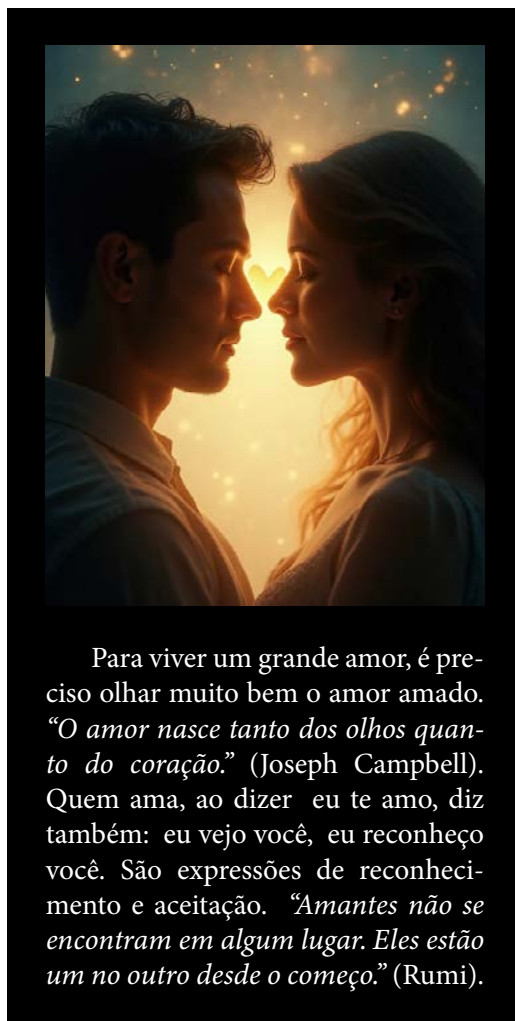


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"

Para viver um grande amor, é preciso olhar muito bem o amor amado. *“O amor nasce tanto dos olhos quanto do coração.”* (Joseph Campbell). Quem ama, ao dizer eu te amo, diz também: eu vejo você, eu reconheço você. São expressões de reconhecimento e aceitação. *“Amantes não se encontram em algum lugar. Eles estão um no outro desde o começo.”* (Rumi).

A poesia e o amor tecem os mais profundos sentimentos, entrelaçando-nos em uma tapeçaria de emoções que nos conecta reciprocamente. É nesse mágico espaço que a poesia é uma arte extraordinária. Cada verso faz poesia nas nossas almas, que desnudas romantizam o nosso ser de inteirezas. Nas poesias, o amor é oceano, é céu e mar; por isso, são infinitas, como sonhos que encontram asas e voam, nos levando para um lugar somente nosso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/09/2025"



Imagem de EyeEm por Freepik

Poesia e amor, sentimentos em ebulição, nas urgências dos afetos, uma loucura apaixonante nos corações, provocando vendavais. As poesias amorosas, ou poesia de amor, percorrem caminhos escondidos, onde os sentimentos mais profundos e complexos habitam. Cada poema pode ser um abraço poético ou um beijo apaixonado, que aquece a alma e nos lembra que, no labirinto das emoções, estamos todos conectados.

Portanto, o amor é um ritmo solene, um cativante e intenso sentimento. Com o amor, tudo fica mais possível.

Amar e ser amado, nada é mais belo. A beleza que vemos no amor é reflexo de nosso autoconhecimento.



Imagem de Grau por Pixabay

AMOR AUSENTE

Na cama desarrumada, lençóis amassados guardam o calor dos nossos corpos entrelaçados, impregnados com a essência agri-doce do nosso amor. O gosto ácido dos teus lábios, um néctar fugaz dos deuses, ainda queima minha língua. O suor da nossa noite, salgado e quente, agarra-se às cobertas jogadas ao chão, enquanto o perfume de jasmim do teu cabelo persiste no travesseiro amarfanhado. Pela janela entreaberta, o vento frio sussurra, fazendo as folhas secas rodopiarem com um farfalhar que corta o silêncio. Na penumbra, a luz pálida da manhã desenha sombras tortas no chão, onde teus passos não ecoam mais. Tua ausência pesa como névoa úmida, e meu peito, vazio, implora: volte logo. (Luiz Primati, 2025)

Assim são as grandes histórias de amor, conhecemos alguém que escolhemos para amar e nos apaixonamos, enfrentando o medo da perda, a separação e o feliz retorno.

Agradecimentos

Obrigada a todos (as), por sua generosidade em ler o que deixo aqui, nesta Coluna Autopoiese & Narrativas. Senti a sua presença amorosa e valiosa.

Escrever sobre esse especial tema foi uma experiência incrível, para mim!

Colunista Stella Gaspar



Imagem de Raw18 por Freepik

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

**35^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

FRASES E PENSAMENTOS

"No silêncio sereno de um coração apaixonado, reside a essência do amor, que nos conduz pela infinita arte de amar."

Stella Gaspar

"O amor é a arte de criar algo com a ajuda da capacidade do outro."

Bertolt Brecht

"O amor e a arte não abraçam o que é belo, mas o que justamente com esse abraço se torna belo."

Karl Kraus

"A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!"

Mario Quintana

"Aprendo a amar. Uma arte difícil, nenhuma norma me orienta."

Nélida Piñon

"A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida."

Vinicius de Moraes

"As pessoas discutem minha arte e fingem entendê-la como se fosse preciso, quando é preciso simplesmente amar."

Claude Monet

"Nas artes, como na vida, tudo é possível desde que se baseie no amor."

Marc Chagall

"Que a arte de amar seja a resposta que o nosso coração precisa ... e que ninguém a tente complicar ... pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer! Gratidão por este dia maravilhoso de bênçãos."

Jared Hassan

"Arte e amor são a mesma coisa: é o processo de se ver em coisas que não são você."

Chuck Klosterman

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUMNISTAS

"Ame muitas coisas, pois é aí que reside a verdadeira força, e quem ama muito consegue muito e pode realizar muito, e o que é feito com amor é bem feito."

Vincent Van Gogh

"É melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado."

Alfred Lord Tennyson

"É bom amar muitas coisas, pois aí está a verdadeira força, quem ama muito, realiza muito e pode realizar sempre mais, e o que é feito no amor é bem feito."

Vincent Van Gogh

"O amor é a única resposta sensata e satisfatória ao problema da existência humana."

Erich Fromm

"SUA FRASE AQUI"

"Ame a arte em si mesma e não a você mesmo na arte."

Constantin Stanislavski

"Penso que não há nada mais artístico do que amar verdadeiramente as pessoas".

Vincent Van Gogh

"Arte e amor são a mesma coisa: é o processo de se ver em coisas que não são você".

Pablo Picasso

"A arte é o sussurro da alma em cores, formas e melodias que o tempo jamais apaga".

Frida Kahlo

"O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para que ela voe até o céu".

Michelangelo





Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/09/2025"

*"O amor é sobrevivência!
O respiro da Alma."*

Betânia Pereira.

Vivemos por amor e morremos por amor. Somos amor o tempo inteiro, mesmo na dor e aos prantos, somos amor; sobrevivemos por amor. A estrada não tem cor, cheiro, nem sentido se por ela não houver passos do amor. Ao longo da história, nenhum outro tema inspirou tamanho interesse

ou polêmica, e nunca se esgota.

Qual seu conceito de amor? Estaria ligado a rituais românticos: rosas-vermelhas, jantares à luz de vela, noivas de vestido branco, luas de mel em destinos distantes? Ou seria um mandamento?

“O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando”.

(João 15.12-14)

O conceito de amor vem se desenvolvendo ao longo da história, passando de alianças familiares para o desejo individual e o afeto, impulsionado por mudanças sociais, econômicas e tecnológicas. As expressões e rituais do amor também variaram, com o casamento evoluindo de um “negócio de família” para uma união baseada no afeto, e o século XX marcando a emancipação feminina e a aceitação de relações diversas. O amor (do latim amore) é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. O uso do vocábulo, contudo, lhe empresta outros tantos significados, quer comuns, quer conforme a ótica de apreciação, tal como nas

religiões, na filosofia e nas ciências humanas. A palavra tem suas raízes no termo em latim “amare”, que era usado para a distinção das carícias e cuidados da mãe dos cuidados do amor verdadeiro. Para, além disso, a língua também cita a palavra “Amma” que faz referência ao amor materno, como o primeiro amor incondicional do ser humano.

A maioria dos especialistas acredita que o amor, assim como a família, nasceu com a descoberta do fogo. Ali, confinados em cavernas, reunidos em volta da fogueira, homens e mulheres estabeleceram as regras de uma célula social pré-histórica: divisão de funções, cuidados especiais com os filhos e parceiros.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEARTEAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/09/2025"

Segundo o mito de Aristófanes, que faz parte das crenças gregas, o amor surgiu há muito tempo a partir da divisão do ser humano. A história narra uma Terra onde os seres humanos eram divididos em três tipos: homens, mulheres e hermafroditas (que tinham ambas as partes reprodutivas). O amor seria, então, a busca de cada metade pelo seu "complemento", o anseio pela união e pela restauração da unidade original.

Entre os gregos surgem ideias como "almas gêmeas", "cara-metade" e a de que o amor só era possível entre pessoas iguais, ou seja, da mesma classe social, do mesmo nível intelectual. Os gregos acredita-

vam, ainda, que o verdadeiro amor só acontecia entre pessoas do mesmo sexo.

Assim, na antiguidade, sobretudo na Grécia Antiga, o amor não se limitava a uma única definição. Os gregos o dividiam em várias categorias, explorando suas diferentes nuances:

- **Eros:** A paixão e o desejo sexual, frequentemente associados a uma força perigosa e irracional. O filósofo Platão, em sua obra *O Banquete*, teorizou sobre o "amor platônico", uma forma de eros que transcende a atração física em busca da beleza da alma e do intelecto.



Imagem de Vevekolag por Pixabay

A Idade Média foi profundamente marcada pelo cristianismo, que via a sexualidade com desconfiança e promovia o amor a Deus e à família. Surge o conceito de amor cortês: uma idealização do amor romântico, que floresceu na poesia trovadoresca entre os séculos XII e XIV. Era uma paixão platônica entre um cavaleiro e uma dama nobre, inatingível e já casada. O cavaleiro expressava sua devoção e submissão, honrando e servindo sua amada, que era idealizada como um ser perfeito e inacessível.

Com o Renascimento, a visão de mundo se tornou mais humanista e individualista, o que também influenciou a percepção do amor, deixando de ser apenas um arranjo social e passando a ser visto como uma experiência intensa e pessoal.

- **Philia:** O amor fraternal e a amizade, valorizados como uma virtude fundamental na sociedade.

- **Ágape:** O amor incondicional e altruísta, que mais tarde seria associado à caridade cristã.

- **Ludus:** O amor lúdico e sedutor.

- **Pragma:** O amor pragmático e duradouro, focado na parceria e no compromisso.

Essas histórias, da mitologia, demonstram a complexidade do amor e sua importância para o pensamento humano desde a Antiguidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 28/09/2025"

A poesia de Dante, Petrarca e Camões celebrava o amor como uma experiência sublime, mas também dolorosa, capaz de elevar a alma humana. Uma espécie de idealização do ser amado. Começou a ganhar força a ideia de que encontrar o amor verdadeiro era parte do destino individual, e não apenas uma obrigação familiar ou social.

A Era Vitoriana, no século XIX, foi caracterizada por um rigoroso moralismo social e sexual. O casamento era a única forma aceitável para a expressão sexual, que era vista como tabu. A família se tornou um refúgio de sentimentos, em contraste com a esfera pública masculina. Os homens deviam ser provedores e protetores, enquanto as mulheres eram idealizadas e mantidas no espaço privado do lar.

Embora a paixão existisse, o casamento, especialmente nas classes mais baixas, muitas vezes era um arranjo prático para a sobrevivência.

O século XX foi palco de grandes transformações sociais que alteraram a percepção do amor e do casamento. A crença de que o casamento deveria ser por amor, e não por conveniência, se consolidou para grandes parcelas da população, seguindo um "complexo de Cinderela". A crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e a ascensão do individualismo minaram a tradicional hierarquia familiar e a rígida divisão de papéis. O ceticismo em relação ao amor eterno e à felicidade prometida pelo romantismo começou a surgir à medida que os casamentos se

tornavam mais efêmeros.

O amor contemporâneo pode ser entendido como uma construção cerebral, com diferentes fases (paixão e apego) que ativam diversas substâncias químicas e regiões do cérebro, culminando em sentimentos de euforia, necessidade, tranquilidade e segurança. E espiritualmente, o amor é visto como um sentimento que precisa ser cultivado internamente e que conecta a todos. A neurociência explica o amor como um processo que se desdobra em fases:

Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.
Colossenses 3:14



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolff, Criada em 28/09/2025"

- Fase da Paixão: A paixão ativa o centro reptiliano do cérebro, associado a desejos e motivações, e libera substâncias que causam euforia e uma sensação de "vício" e obsessão pela pessoa amada.

- Fase do Apego: Com o tempo, a paixão evolui para o apego, caracterizado por tranquilidade, segurança, conforto e uma profunda conexão emocional. Essa fase está ligada ao córtex pré-frontal, a parte mais evoluída do cérebro, responsável por funções como confiança, respeito e companheirismo.

No cristianismo, o nascimento do amor está ligado à vinda de

Jesus Cristo e à manifestação do amor de Deus pela humanidade. Tornamo-nos filhos de Deus ao aceitar essa palavra cheia de amor, e a prática do amor a Deus e ao próximo é fundamental.

O amor não é algo passivo que se espera que venha de fora, mas um sentimento que precisa ser cultivado e alimentado diariamente. É uma escolha que se renova e se constrói através da cumplicidade e do esforço compartilhado.

Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.
1 João 4:8;

Na era contemporânea, as relações são marcadas pela velocidade, incerteza e pela influência da tecnologia. A tecnologia, através dos aplicativos de paquera e redes sociais, mudou a forma de se relacionar, tornando as conexões mais superficiais. Apesar de toda a superficialidade, a exclusividade e a devoção no relacionamento amoroso ainda são valores prezados por muitos na contemporaneidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolff, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/09/2025"

Sigo acreditando que não gostar de alguém não nos isenta de amar. Gostar é sentimento. Amar é uma ação. Sentimentos surgem depois. Sentimentos são instáveis, podem mudar com o tempo. Mas o amor vai, além disso: é uma escolha consciente de estar, cuidar e permanecer, mesmo

quando as circunstâncias não são perfeitas. Ele exige esforço, comprometimento e intenção.

Te vejo logo ali, vejo flores em você!

Betânia Pereira.

*O amor é estrada percorrida
sobre espinhos*

Exalando perfume de jasmim.

O amor é graça, sorriso e cheiro.

É corpo inteiro!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/09/2025"

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLONAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

23



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca. Para 2025 está produzindo o primeiro volume de um romance LGBTQIAPN+ e sua primeira ficção científica.

“PÂNICO DA FOLHA
EM BRANCO”

O cursor pisca insistentemente na sua frente e você não consegue escrever a primeira palavra?

Quem nunca passou por isso na vida?

Na última matéria do ano, va-

mos falar exatamente sobre isso. Quando você autor se preparou, mas o branco vem e se instaura, impedindo que a primeira palavra seja escrita. Venha comigo desvendar os mistérios da vida de autor e os caminhos que nos levam a vencer a folha em branco.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

"PÂNICO DA FOLHA EM BRANCO"

Muitas vezes, mesmo nos preparando, fazendo anotações, criando personagens, escrevendo sobre os mundos que desejamos roteirizar nossas histórias e estudando muito, não conseguimos escrever a primeira palavra.

O cursor pisca sem parar e nós ficamos lá admirando a tela ou a folha em branco e nada vem. Tudo que passa na nossa mente é ruim demais. Nada é importante. Tudo parece ob-

soleto. Sem razão para se passar para a tela ou para a folha de papel.

Nada parece bom o suficiente para conquistar nossos leitores.

Isso não se chama falta de criatividade!

Isso se chama excesso de autocobrança, que é um dos maiores inimigos dos autores e artistas em geral.

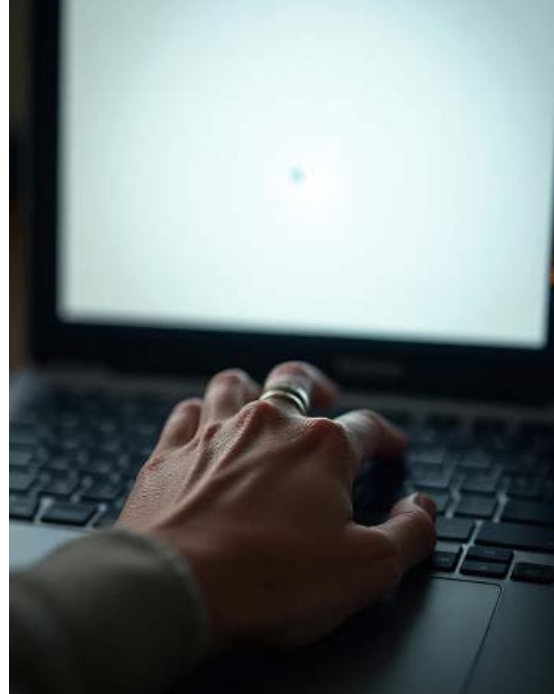


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Se todas as informações que você precisa estão ali, acessíveis em sua mente, então a maior parte do caminho já foi percorrido. Basta você se organizar, respirar fundo e começar. E lembrar sempre dessas frases:

Para ser Bom você precisa ser Ruim,

Para ser Ruim você precisa Tentar,

Para Tentar você precisa Fazer e

Para Fazer você precisa 'Parar de Pensar' e Agir com tudo o que você já tem.

Mas calma, não vai ser fácil assim, pois sua mente irá querer lhe dizer que você está no caminho errado e tudo o que você tentar escrever é ruim e banal.

Então, utilize a forma melhor que nossa mente tem para entender que algo é bom e que tem futuro.

Escreva três palavras diferentes e desenvolva uma frase para cada palavra. As frases podem ser sobre qualquer coisa. Algo simples do cotidiano como por exemplo: "O pão estava delicioso"; "Com a

faca ela fez o corte"; "A luz entrava tênue pela janela aquela manhã".

Coisas simples, de cenas ou ações do cotidiano, nada de muito rebuscado. A partir dessas frases, você iniciará sua história.

Pegue a primeira frase, pense nela e na cena ou ação que ela descreve e continue a desenvolver, mas pensando em algum personagem que estará na história que você está querendo escrever. Tente usar algo de suas características ou local em que ele está inserido para lhe ajudar.

Vou desenvolver as frases que fiz para dar uma ideia para você continuar e sair da página em branco.

Frase 01 - "O pão estava delicioso. Sua atenção se voltava a sentir cada nota de sabor que tocava suas bocas. Seu único olho não conseguia acreditar no que via. Naquele pedaço de cor âmbar por fora e branco por dentro continha um sabor inigua-

lável para suas papilas gustativas. Aquele pedaço de massa misteriosa chamada pão era a melhor coisa que já provara pelos vários mundos que destruiu. E esse fato, somente esse fato o deixava em dúvida se deveria continuar o plano de aniquilar a raça humana pelo simples fato de ter recebido uma ordem."

Frase 02 - "Com a faca ela fez o

corde e sentiu o sangue escorrer por entre os dedos com um sorriso no rosto. O pacto que tanto planejara, finalmente começou. Agora já era tarde para Madalena tentar reconquistar a confiança de seu amor. Com aquele pato profano, o coração de Jade nunca mais bateria com o fogo da paixão por Madalena. Ela perderia seus sentimentos por completo."

Frase 03 - "A luz entrava tênue pela janela aquela manhã, mas nada poderia agradar à vossa majestade. Os estrondos dos canhões e os tremores anunciavam que a queda de seu reino estava prestes a terminar. Sem parar para pensar, ela se levanta com sua armadura e segue para a frente de batalha. Sem esperanças, ela se une a seus soldados sucumbindo ao farelo da conquista pelo reino vizinho."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Com as frases prontas, você poderá utilizar como um norte em suas histórias, como inspiração ou mesmo como uma parte real da narrativa.

Esses pequenos trechos de história, sem pretensão de satisfazer ninguém, pode facilitar o seu processo de aceitação de suas próprias palavras. Pode lhe provar como sua escrita é poderosa e que envolverá seus leitores com muita facilidade.

A escrita de frases sem a pressão de pensar em que ela irá começar sua história, ou mesmo um capítulo pode ser de grande auxílio para a construção de suas narrativas e aguçar sua criatividade. Possibilitando uma escrita leve, fluida e cativante para seus leitores aproveitarem do melhor que sua mente pode lhes entregar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

E aí? Gostou das dicas

Nos encontraremos na próxima edição, em 2026, com novidades sobre arte e design para você autor. Após utilizar frases simples como uma ferramenta ágil na criação, qual seria o próximo desafio na vida dos autores nacionais?

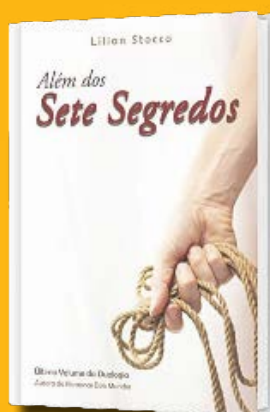
Desejo um ótimo fechamento de ano para todos e agradeço por acompanharem a coluna Vida de Autor.

Aguardo você na próxima edição!



Imagem de Freepik

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)



OLUNAS E COLUNISTAS

LILIAN STOCCO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





JEANE TERTULIANO



Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas, é professora, escritora e palestrante com 20 livros publicados. Graduada em Letras, com pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina, é autista, com altas habilidades, TDAH e baixa visão. Feminista e ativista sociocultural, recebeu prêmios como o 1º lugar no Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (2023). Em 2024, foi eleita delegada para representar o setor "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura. Colunista da The Bard e membro da AIL e UBE, organiza projetos antológicos e utiliza a literatura como ferramenta de transformação.

A Prosa Poética

A prosa poética é como um sopro que escapa das formas rígidas do texto e se deixa guiar pelo ritmo do sentir. Não busca obedecer às margens fixas do poema nem se prender à lógica linear da narrativa em prosa. É o lugar onde as palavras se tornam respiração, música e silêncio ao mesmo tempo, revelando nuances da vida que muitas vezes escapam ao olhar distraído. Há nela mais do que um contar de histórias, há um desvelar do invisível.

Se a prosa tradicional é estrada reta, a prosa poética é desvio, curva, caminho de terra que leva a paisagens inesperadas. O sentido não se constrói apenas pela sequência dos fatos, mas pelo impacto das imagens, pela densidade do instante e pela intimidade que as palavras criam com quem as lê. Ela não se limita a narrar acontecimentos, prefere registrar impressões, fragmentos de pensamento, pulsações da alma.

Clarice Lispector é uma das vozes que melhor encarna essa forma de escrita. Sua prosa parece sempre à beira de um abismo, onde a lógica vacila e o sentimento ganha corpo. O que poderia ser uma simples cena cotidiana transforma-se em revelação filosófica, em meditação existencial. Em cada frase, há um mergulho para dentro, uma tentativa de tocar o indizível, e é justamente esse gesto que dá à sua escrita o caráter poético.

Assim, a prosa poética é menos um gênero fixo e mais um estado da linguagem. É o espaço onde o pensamento se curva para ouvir o coração, onde o cotidiano se abre em transcendência. Ela não precisa se explicar, basta ser sentida. É palavra que não se contenta em descrever, mas que deseja estremecer. É escrita que não pede pressa, porque só se cumpre quando ecoa no leitor. Sim!



Gratidão à máquina

Clarice Lispector

Uso uma máquina de escrever portátil Olympia que é leve bastante para o meu estranho hábito: o de escrever com a máquina no colo. Corre bem, corre suave. Ela me transmite, sem eu ter que me enredar no emaranhado de minha letra. Por assim dizer provoca meus sentimentos e pensamentos. E ajuda-me como uma pessoa. E não me sinto mecanizada por usar máquina. Inclusive parece captar sutilezas. Além de que, através dela, sai logo impresso o que escrevo, o que me torna mais objetiva. O ruído baixo de seu teclado acompanha discretamente a solidão de quem escreve. Eu gostaria de dar um presente a minha máquina. Mas o que se pode dar a uma coisa que modestamente se mantém como coisa, sem a pretensão de se tornar humana? Essa tendência atual de elogiar as pessoas dizendo que são “muito humanas” está-me cansando. Em geral esse “humano” está querendo dizer “bonzinho”, “afável”, senão meloso. E é isso tudo o que a máquina não tem. Nem sequer a vontade de se tornar um robô sinto nela. Mantém-se na sua função, e satisfeita. O que me dá também satisfação.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

O Silêncio da Última Porta

A morte não me assusta, ela me atravessa como um sussurro antigo. Não a vejo como fim, mas como passagem onde a pele silencia e a essência se desamarra do corpo. É um instante em que o relógio se cala e o tempo deixa de medir a vida, porque tudo o que fomos continua a reverberar no espaço que tocamos.

Há algo de poético no mistério do término. Cada despedida guarda em si um renascimento secreto, invisível aos olhos imediatos. A morte não anula, transforma. Recolhe-se em silêncio para depois florescer em lembrança, em saudade, em marcas que permanecem mesmo quando a presença já não habita o agora.

E se o corpo é morada frágil, a alma é errância que não conhece limites. Morremos em partes tantas vezes antes do último sopro, e ainda assim seguimos. Talvez seja por isso que a morte, em vez de impor medo, desperte reverência. É nela que descubro o quanto viver é urgente e delicado, como quem segura um pássaro nas mãos e aprende a deixá-lo voar.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B Wolf
Poeta e Escritor

A Arqueologia da Alma

Subir ao sótão é mergulhar num tempo suspenso, um oceano de poeira banhado pela luz fraca da claraboia. O ar, pesado, cheira a madeira e papel antigo. Aqui, as coisas não morrem, apenas são esquecidas. E nesse silêncio denso, elas falam.

Numa prateleira, um livro de couro ressequido me encara. Suas páginas amareladas revelam uma anotação a lápis junto a um poema sobre o mar. De quem era a mão que sonhava com viagens ou lamentava um amor perdido para as ondas? O livro guarda o fantasma de uma emoção, a vibração de um dedo que traçou aquela linha. Sua história não está no texto, mas na marca humana que o tempo poupou.

Ao fundo, numa caixa, um cavalo de madeira. A tinta gasta, uma roda perdida. Seus olhos pintados guardam batalhas imaginárias. Foi corcel de um rei, confidente de um menino. Hoje, sua imobilidade é sagrada, um monumento à infância que galopa apenas na quietude da memória.

Dentro do livro, uma fotografia em sépia: um casal jovem sorri, encostado numa árvore. Sua felicidade é tão palpável que dói. Posam para um futuro que acreditavam ser infinito. Quem são? O que foi feito do amor em seus olhos? A foto é um portal para um instante congelado, uma beleza perdida que assombra o presente.

Não são objetos, percebo ao descer. São ecos. A arqueologia da alma. Testamentos de vidas, amores e sonhos. Sua melancolia não vem do abandono, mas da certeza de que toda história, por mais vibrante, um dia se torna um objeto empoeirado, à espera de olhos que a leiam.

WOLFBIO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





22



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Império Otomano



Imagem de HeiniKafa por Freepik

Olá, querido leitor.

Quando propus ao Editor-Chefe da Revista The Bard Wolf uma coluna sobre mitologias, deuses e a história da humanidade sob outras perspectivas, jamais imaginei que ele aceitaria. Confesso: fiquei assustada, nervosa, feliz — e com medo de não corresponder à confiança que me foi dada. Mas aqui estamos, três anos depois, e sigo firme como colunista dessa que considero

a melhor revista literária do mundo.

Nesse tempo, fiz uma promessa a mim mesma: trazer sempre histórias e detalhes que não encontramos facilmente por aí. Quem me conhece sabe que carrego um humor ácido, e gosto de escrever aquilo que muitos evitam — seja por medo de rejeição ou, nos tempos atuais, por receio do famigerado cancelamento. Eu nunca tive esse problema. Como dizem na literatura: eu escrevo com o fígado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

Por isso, não se assuste se notar mais acidez em meus textos daqui em diante. Estou me formando não apenas como jornalista, mas como escritora de verdades. E quis compartilhar com vocês essas pequenas nuances que vão começar a aparecer na minha escrita.

Enfim, dito isso, vamos ao que realmente interessa, a mitologia. Nessa Edição vamos explorar o Império Otomano, da Ascensão a queda. E todas as maravilhas dessa história...

Então se aconchegue, pegue sua bebida favorita e boa leitura!

Sombras e Espíritos do Império Otomano



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

Ascensão, Política e Constantinopla

O Império Otomano nasceu nas sombras das estepes e das tribos turcas do século XIII, pequeno, ágil, quase invisível. Mas a história gosta de surpreender: da obscuridade ao estrelato, eles se tornaram uma força que dominaria o Mediterrâneo, o Oriente Médio e os Bálcãs por séculos.

A ascensão não foi por acaso. Entre estratégias militares

engenhosas, alianças matrimoniais e uma administração rígida, os otomanos construíram uma máquina de poder que equilibrava exércitos, burocracia e religião. O sultão era ao mesmo tempo guerreiro e califa, juiz e legislador, sombra divina na terra. Cada decreto, cada batalha, cada construção monumental refletia o esforço de transformar território em império duradouro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

E então, em 1453, aconteceu o que parecia impossível: Constantinopla caiu. O que fora capital do Império Bizantino, centro do cristianismo oriental, tornou-se Istambul, a joia do Império Otomano. As muralhas milenares foram vencidas pelo engenho militar, pelos canhões e pela audácia de Mehmet II, o Conquistador. Com a cidade nas mãos, os otomanos não apenas controlaram rotas comerciais estratégicas entre Europa e Ásia, mas também se posicionaram como líderes do mundo islâmico, reafirmando o poder do califado e da fé sunita.

Por séculos, o império se manteve como gigante, mas nada é eterno. Guerras sucessivas, revoltas internas, crises econômicas e o avanço europeu enfraqueceram suas fronteiras. No século XIX, já enfraquecido, começou a ser chamado de “o homem doente da Europa”, e após a Primeira Guerra Mundial, em 1922, terminou. O sultão perdeu o poder, e surgia a República da Turquia, liderada por Mustafa Kemal Atatürk, cortando oficialmente os últimos fios do império, mas não a memória de sua grandeza.

Otman I: O Guerreiro que Ergueu um Império

Antes que os minaretes risquem o céu de Istambul, antes das cúpulas que desafiam a gravidade, houve um homem que transformou tribos errantes em dinastia imperial. Chamava-se Otman I (1258-1324), e seu nome daria origem ao que hoje chamamos Império Otomano.

Oriundo da tribo de Ghuzz, nas terras que hoje correspondem ao Cazaquistão, Otman cresceu em um mundo de estepes abertas e batalhas incessantes. Herdou de seu pai, Ertogrul, o senso de liderança e a coragem de guerreiro, mas também a visão estratégica: unir tribos, respeitar tradições, con-

solidar poder sem apagar a identidade dos povos conquistados.

Otman não era apenas um conquistador, era um arquiteto de impérios. Suas estratégias militares não se limitavam ao combate; envolviam diplomacia, administração e sobretudo a tolerância religiosa. Era essa capacidade de respeitar costumes locais que garantia estabilidade e expansão. Sob seu comando, os otomanos começaram a se mover sobre a Ásia Menor, atravessando territórios estratégicos entre o Oriente e o Ocidente, abrindo caminhos que logo se tornariam rotas comerciais essenciais.



A Lenda de Osman I

Entre os mitos fundadores, a narrativa sobre Otman I brilha com intensidade própria. Conta-se que ele teve um sonho profético: uma árvore gigantesca brotava de seu peito, com galhos que se espalhavam pelo mundo. Interpretado como sinal da expansão de sua dinastia, esse sonho transformou Otman em figura quase lendária, antecipando séculos de conquistas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

Quando seu filho Orkhan assumiu o comando, o processo iniciado por Otman ganhou fôlego. Orkhan liderou campanhas decisivas contra os bizantinos, conquistando cidades vitais como Bursa, Nicéia e Nicomédia. Mas nada disso teria sido possível sem a fundação sólida que Otman estabeleceu: exércitos leais, administração organizada e um povo unido sob uma identidade emergente, muçulmana e imperial.

Otman I não ergueu apenas um império de pedra e espada. Ele plantou as sementes de uma civilização, onde religião, estratégia e governança se entrelaçavam. Cada vitória militar, cada cidade conquistada, cada tribo aliada era um passo na direção de um projeto maior: transformar um conjunto de clãs nômades em uma potência que resistiria por séculos.

Se quisermos visualizar, podemos imaginar Otman sobre a colina de sua primeira

fortaleza, olhando o horizonte da Anatólia, vendo o futuro de seu povo desenhar-se como uma tapeçaria infinita — e sabendo que aquele sonho, frágil e audacioso, iria mudar o curso da história.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

Poder, Conquista e Declínio: Os Grandes Sultões

Não só de força, soberania e beleza vivia o Império Otomano. Ele também se construía sobre estratégia, diplomacia e diversidade. Entre seus governantes mais destacados, três nomes se elevam como colunas históricas: Mehmed II (1444–1481), que conquistou Constantinopla; Se-

lim I (1512–1520), que incorporou o Oriente Médio asiático e o Egito; e Solimão, o Magnífico (1520–1566), que expandiu o império pelo sudeste europeu com uma combinação de espada e administração magistral.

O Império Otomano era um

estado multiétnico, um mosaico de povos, culturas e religiões. Em sua longa história, esteve envolvido em inúmeros conflitos que moldaram o destino de outras potências e alteraram o curso da história do Mediterrâneo e do Oriente Médio.

Os Sultões: Figuras Quase Divinas

Os sultões não eram apenas governantes; eram representantes de Deus na Terra. Após a conquista de Meca e Medina, o título de Califa conferiu a eles autoridade espiritual e temporal. Em cada gesto, em cada decreto, a sombra divina se projetava, inspirando temor, devoção e, claro, histórias que atravessaram o tempo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/10/2025"

A conquista de Constantinopla em 1453 não foi apenas uma vitória militar, mas um marco simbólico: a antiga capital do Império Romano do Oriente tornou-se Istambul, nova joia do império e centro de uma civilização que perduraria por séculos. Dali, os otomanos consolidaram rotas comerciais, administração e fé, tornando-se potência global.

Mas todo império tem seus limites. Nos últimos séculos, movimentos nacionalistas, rivalidades com potências estrangeiras e conflitos internos mergulharam o império em crises sucessivas. Durante a Primeira Guerra Mundial, eventos trágicos como o genocídio armênio marcaram um capítulo sombrio de sua história, considerado por muitos historiadores como o primeiro genocídio do século XX.

A derrota na Grande Guerra selou o destino do império: tratados dividiram seus territórios e deram origem à República da Turquia, encerrando oficialmente uma das civilizações mais duradouras da história, mas sem apagar a memória de sua grandiosidade, riqueza cultural e legado político.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

Antes do Islã: O Céu e o Lobo

Muito antes de os minaretes cortarem o horizonte de Istambul, antes das cúpulas douradas refletirem o sol do Mediterrâneo, havia apenas as estepes infinitas e um povo que caminhava com o vento. Esses homens e mulheres não rezavam para profetas nem para livros sagrados. Seu deus era o próprio céu: Tengri, o imenso, o eterno, o invisível.

Tengri não tinha rosto. Não pedia templos nem estátuas. Bastava erguer os olhos para sentir sua presença. Era dele que vinham a vida, o destino e até a autoridade dos clãs, que afirmavam governar pela sua vontade. O céu era a tenda de todos os povos, e dentro dela o homem vivia sob um olhar silencioso e absoluto.

Mas os céus não falavam sozinhos. Entre os homens e os espíritos havia o xamã, esse viajante de mundos. Com seu tambor e sua dança, ele atravessava camadas invisíveis: falava com os ancestrais, convocava espíritos da montanha, acalmava a fúria de rios e tempestades. Ao redor do fogo, os corpos rodopiavam, o vento levava as preces, e por um instante todos tocavam o infinito.

Entre todos os símbolos, nenhum foi mais feroz e mais terno do que o lobo. Guardião, guia, mãe. Uma velha lenda conta que um menino sobrevivente de uma guerra foi encontrado por uma loba. Ela o amamentou, cuidou, e de sua união nasceram os antepassados dos turcos. Desde então, o lobo cinzento, o Asena, é mais do que um animal: é um eco de origem, um sussurro genético que ainda vive nas sombras desse povo. Mesmo quando o Islã chegou e os otomanos ergueram mesquitas monumentais, o uivo não cessou. Tengri não morreu.

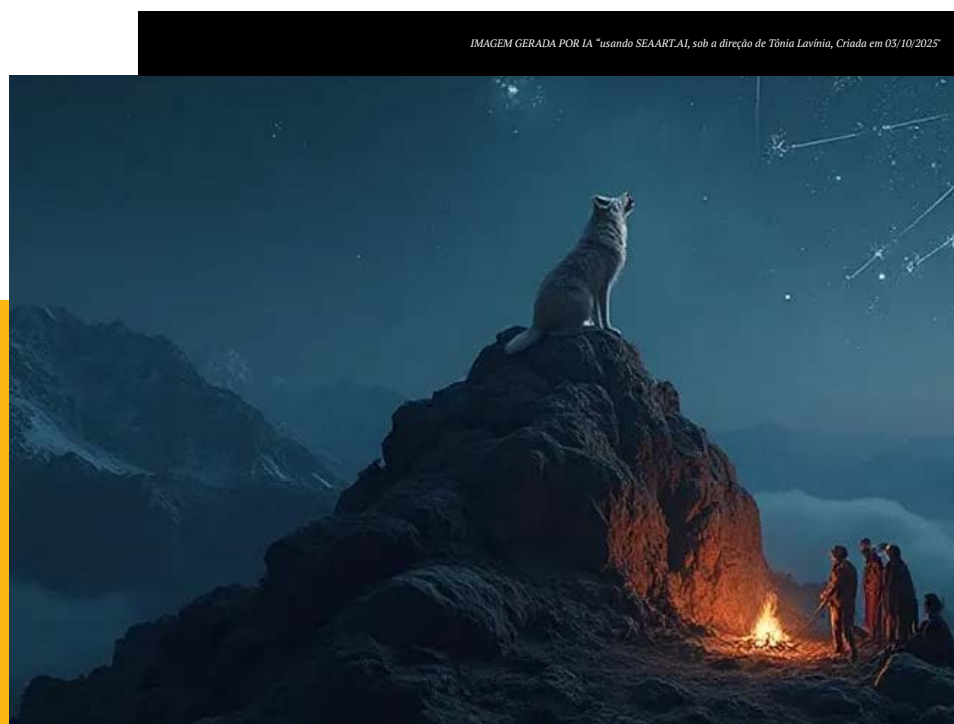


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"



O Lobo, o Céu e o Olho Azul

E, escondidos nesse universo de palácios e poder, persistiam ecos das antigas estepes: o lobo que guiava os ancestrais, Tengri, o céu eterno, e o olho azul (nazar), amuleto protetor contra o mal. Fragmentos do antigo mundo sobreviviam em superstições, símbolos e contos, lembrando que mesmo no coração de um império, o mito ainda pulsa, invisível, mas presente.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

O Islã Otomano: Cúpulas e Vertigens

E então, diante desse uivo que ainda ecoava nas sombras, ergue-se o Império Otomano, carregando consigo o Islã como coluna vertebral. Quando os otomanos tomaram Constantinopla em 1453, não ergueram apenas um império; proclamaram-se guardiões da fé, herdeiros do Profeta e escudo contra o mundo cristão. O sultão era mais que rei: era califa, sombra de Deus na terra. A religião deixou de ser apenas crença: tornou-se or-

dem, lei, cosmos em pedra.

E se antes os turcos buscavam Tengri nos céus abertos das estepes, bastava agora entrar em uma mesquita para sentir o infinito descer sobre os ombros. As cúpulas imensas eram firmamentos de pedra; cada arco, cada vitral, cada jardim murmurava uma promessa do paraíso. O leitor que entra em uma dessas mesquitas talvez sinta a mesma vertigem de quem olha o

céu noturno: pequeno, frágil, esmagado pela imensidão.

Mas não era só lei, decreto e disciplina. No coração do império floresceu o sufismo, chama mística que transforma dogma em êxtase. Os dervixes rodopiavam até se tornarem planetas vivos, orbitando um centro invisível, dissolvendo-se no movimento até tocar o indizível.



E ali surge a voz de Rumi, poeta que atravessa séculos:

*"Além das ideias de certo e errado,
existe um campo.
Eu te encontrarei lá."*

Essa é a outra face do Islã otomano: ao mesmo tempo que erguia palácios de mármore e decretos de ferro, deixava que a poesia corresse como água, que a dança fosse oração, que o amor fosse caminho para Deus. Um império feito de pedra e silêncio, mas também de música, vertigem e fogo.

O Êxtase dos Sufis e o Tecido Invisível do Império

No coração do Império Otomano, entre palácios, mesquitas e muralhas que pareciam tocar o céu, existia uma força silenciosa, uma alma que não se via, mas se sentia. Era o sufismo. Para os sufis, Deus não era um senhor distante, um juiz rígido ou uma lei abstrata: Ele era o Amado, o vinho que embriaga, o fogo que consome.

Os dervixes giravam como planetas em órbita ao redor do Sol divino. Cada rodopio era oração, cada movimento um ato de fusão com o infinito. Se você, leitor, pudesse vê-los por um instante, sentiria vertigem — não medo, mas a sensação de estar diante de algo maior, que dissolve o

próprio ego e faz o mundo se tornar apenas luz e som, céu e fogo.

A poesia de Rumi pulsava nesse mesmo ritmo. Ela não falava de amor humano, mas da chama que destrói o “eu” até que reste apenas o infinito em expansão. Cada verso era um espiral, cada metáfora um caminho para o êxtase. No imperador ou no camponês, no sultão ou no dervixe, havia o mesmo fio invisível que conectava todos ao divino, ao mistério, à dança eterna do cosmos.

E é aqui que o folclore e o mito se entrelaçam com a fé e a história. O Império Otomano não foi feito apenas de conquistas militares



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"

ou tratados de paz: foi uma tapeçaria viva, tecida com fios de céu, fogo e sombra. Tengri e Alá, djinns e anjos, dervixes e poetas, amuletos e até histórias de vampiros — todos coexistiram sob a mesma lua que banhava Istambul.

O lobo ancestral ainda uivava em cantos esquecidos, o olho azul protegia viajantes nas estradas e os palácios guardavam relíquias que misturavam história e mito. As mulheres do harém, os sultões, os poetas e os mercadores — todos participavam de uma mesma dança invisível, onde espada e oração, decreto e feitiço, mito antigo e fé do presente se entrelaçavam como se fossem um só.



Sultões, Profecias e Café Forte: O Império Otomano em Série

Se você acha que o Império Otomano é só coisa de livro de história, tá na hora de rever seus conceitos. Tem produção turca que entrega mais drama que novela mexicana, mais intriga que reality show e mais profecia que horóscopo de revista. Prepare o sofá, o chá de maçã e vem comigo nessa maratona imperial.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI", sob a direção de Tânia Lavinha, Criada em 03/10/2025

Ascensão: Império Otomano

Disponível na Netflix Uma docudrama que mistura encenação com entrevistas de especialistas. A série foca em Mehmet II, o conquistador de Constantinopla, e recria com precisão os momentos que marcaram o fim da Idade Média. Veja mais sobre a série em A Ascensão do Império Otomano | Você Precisa Assistir!

Declínio dos Otomanos

Disponível na Prime Video Documentário que explora o fim do império e suas consequências geopolíticas. Ótimo para entender como o legado otomano ainda ecoa no Oriente Médio. Assista diretamente na Prime Video.

Drácula: A História Nunca Contada

Disponível na HBO Max Em-

Diriliş: Ertuğrul (Ressurreição: Ertuğrul)

Disponível na Netflix A saga do pai de Osman I, fundador do império. Mistura ação, espiritualidade e romance com um toque épico digno das grandes mitologias. Descubra mais em SÉRIE TURCA ESCONDIDA NA NETFLIX COM UMA ...

Kuruluş: Osman

Disponível em plataformas turcas e via YouTube com legendas Continuação direta de Diriliş: Ertuğrul, agora com foco em Osman I. Ideal para entender a fundação do império com riqueza de detalhes. Veja a lista completa em 8 SÉRIES TURCAS HISTÓRICAS DO PERÍODO DO IMPÉRIO ...

Muhteşem Yüzyıl (Século Magnífico)

Disponível no YouTube com dublagem em português A vida de Suleiman, o Magnífico, e sua relação com Hurrem Sultan, uma das mulheres mais influentes da história otomana. Assista ao episódio em Século Magnífico 1. Episódio (Dublagem em português)

Filinta

Disponível em plataformas turcas e YouTube Um "Sherlock Holmes otomano" que mistura mistério, ação e política. Conheça outras séries similares em 7 SÉRIES TURCAS HISTÓRICAS DO PERÍODO DO IMPÉRIO ...

bora não seja sobre os otomanos diretamente, o filme mostra Vlad Tepes enfrentando o império — uma ótima ponte entre história e fantasia. Confira na HBO Max.

11 de Setembro de 1683

Disponível para aluguel digital Filme sobre a Batalha de Viena, um dos momentos decisivos contra a expansão otomana na Europa. Procure em plataformas como Apple TV ou Google Play Filmes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI", sob a direção de Tânia Lavinha, Criada em 03/10/2025

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



COLUNA *Dialética*

21



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário – Argentina.

"Rock, Filosofia e Psicanálise: O Amor em Estado de Dor"

O amor é antes de tudo uma experiência ontológica: ele toca o ser, inaugura uma abertura para o outro, e dessa abertura advém tanto a, possibilidade de elevação quanto a de dor.

O desamor surge como sua sombra estrutural, inerente a qualquer investida amorosa, porque amar é correr o risco da negação, da falta, da traição ou da simples dissolução do vínculo.

A dor, então, não é algo acidental: ela se inscreve no cerne do amor, assim como o eclipse pertence ao olhar que observa o sol.

Religiosamente, filosoficamente e psicanaliticamente, essa tríade amor-/desamor-/dor configura-se como uma dialética: amor → desamor → dor → (eventualmente) reconciliação, transcendência ou aceitação.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI sob a direção de Tônia Lavínia. Criada em 27/09/2025"



Na Grécia antiga, Platão, em diálogos como *Symposium*, apresenta Eros como força que movimenta o sujeito do amor carnal para a contemplação da Beleza em si, passando do corpo ao espírito.

Diotima, no discurso de Sócrates, ensina que o amor é filho da pobreza (*penia*) e da abundância (*poros*): ele nasce da carência, mas busca preencher-se no que é abundante, no que transcende o mero corpo.

Esse movimento ascensional implica, porém, reconhecer que o belo

corporal é imperfeito, transitório, sujeito à perda, e portanto ao luto: é aí que o desamor e a dor emergem como inevitáveis.

Aristóteles, igualmente, distingue diferentes formas de amor: *philia* (amizade), *eros*, *agape* (embora “*agape*” seja mais explícito em contextos posteriores): para ele, o amor virtuoso (*philia* virtuosa) exige reciprocidade, equilíbrio, reconhecimento do bem no outro — se isso falta, surge o vazio, o desamor, e com ele a dor de ter esperado algo que não veio, ou de ver ruir aquela expectativa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

Na China antiga, as escolas filosóficas oferecem matizes diferentes do amor. Confúcio enfatiza o amor nas relações familiares, o *ren*, o afeto, a benevolência, a humanidade, cujo exercício ético rege os vínculos.

O amor filial, o respeito aos ancestrais, a harmonia no clã e com a sociedade, são configurações do amor que acarretam também obrigações e deveres; sua falha (desamor ou ruptura) gera desordem, culpa ou vergonha, formas culturais da dor.

O Mohismo, por sua vez, pregava o “amor universal” (*jian ai*), como antídoto para conflitos oriundos da parcialidade dos amores particulares.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

Contudo, o amor universal também incide sobre a dor: amar indistintamente pode expor o sujeito a mágoas muitas, ao desgaste, às injúrias, à ingratidão — o desamor social, coletivo, mais do que o individual, é dor histórica.

Religiosamente, nas tradições cristãs, o amor é frequentemente entendido como *ágape* — amor de caridade, amor de Deus pelos homens, amor ao próximo, amor sacrificial.

Cristo personifica o amor

que sofre: o amor que assume o sofrimento, que carrega a dor, que dá a vida.

No Corão, no Islã, há o amor místico também, como *ishq*, a paixão devota por Deus; no hinduísmo, a *bhakti*, a entrega amorosa ao divino; no budismo, com paixão como expressão de amor ativo.

Nessas religiões, o desamor muitas vezes se converte em prova, expiação, purificação, ou sofrimento redentor.

A psicanálise ilumina como o amor traz consigo fantasias originárias, vinculações primitivas, desejos inconscientes. Freud argumenta que escolhemos objetos de amor carregados de traços infantis, de cargas afetivas que nem sempre conseguimos representar conscientemente.

Amar é repetir, às vezes, o que foi dado e o que foi negado: amar é desejar ser amado, e esse desejo nem sempre encontra eco.

O desamor aparece não só quando o objeto externo rejeita, mas quando o sujeito interno — o inconsciente, a autoimagem — não suporta o reflexo do olhar do outro.

A dor psíquica deriva do conflito entre as expectativas amorosas (conscientes e inconscientes) e a realidade da alteridade: o outro é sempre Outro, não totalmente apropriável, e suas falhas, faltas e resistências doem.

Entre pensadores contemporâneos, Martin Heidegger vê no ser humano um ser-para-o-mundo e ser-com-os-outros; amar é uma forma de Dasein que se projeta rumo ao mundo do outro, tornando vulnerável sua própria existência; a angústia e o desamparo emergem quando margem entre ser e estar-com se ameaça romper.

Simone de Beauvoir discute o amor romântico sob a perspectiva da liberdade: o amor que nega a liberdade do outro, que tenta aprisionar, que exige, gera desamor; a dor surge aí porque autorreferencialidades conflitam.

Em pensadores como Slavoj Žižek ou Julia Kristeva, a dimensão do desejo, do impossível, do gozo e do trauma aparece — amar é ao mesmo tempo buscar completude e confrontar o impossível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

Música rock (nacional e internacional) frequentemente articula amor, desamor e dor. Internacionalmente, encontram-se canções como "Love Hurts" (Nazareth / Roy Orbison, Dee Snider), "Tears in Heaven" (Eric Clapton), "Nothing Compares 2 U" (Sinéad O'Connor), "Creep" (Radiohead) — todas lidam com a fissura entre desejo e separação, com a perda, a traição, a saudade, a culpa. No rock nacional, há clássicos como "Sessão de Terapia" (Nando Reis), "Mais uma vez" (Roupa Nova), "Pro Dia Nascer Feliz" (Barão Vermelho) ou canções de Legião Urbana que tratam de amores que se perdem — como "Pais e Filhos", "Eduardo e Mônica" (apesar desta última ter esperança e humor), "Tempo Perdido" (Legião que implicam o luto de tempos, de relações, do crescimento que distancia).

E então “Amor, Meu Grande Amor” de Frejat (composta por Ana Terra / Ange-la Ro Ro) funciona como síntese sensível desse movimento: é um poema musical que espera o amor que chega “assim de repente”, sem hora marcada, como uma paixão, sem nome ou sobrenome; oferece “calor”, “endereço”, compromisso existencial: “a vida do teu filho / desde o fim até o começo”.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025”

Há aí uma ambivalência intensa: o eu lírico quer ser primeiro e último, quer ser reconhecido plenamente. O amor é oferecido com generosidade, mas com vulnerabilidade radical: se não merecer, que seja breve (“só dure o tempo que mereça”).

Há na letra uma recusa da artificialidade, do espetáculo, há desejo de autenticidade — mas também há o risco do desamor: a promessa de reconhecimento que pode ou não se cumprir; a entrega de algo total (“meu calor, meu endereço”) que pode sofrer recusa, mudança, silêncio.

A dor está no limiar do reconhecimento perdido, na espera que pode ser frustrada, no amor que aspira infinito mas está sujeito à finitude, ao tempo, à mortalidade dos corpos e das vontades.

Ontologicamente, o amor como oferecimento de ser — porque se dá algo essencial de si no “calor, endereço” — estabelece uma exposição do ser: quando há amor, o eu se abre; o desamor é a resposta que retorna vazio ou diferente do esperado, desordem nessa abertura; a dor é o resultado dialético dessa diferença entre oferta e retorno.

A canção sabe disso intuitivamente: ela não mente sobre o risco. A arte do romantismo encontra aí seu momento forte: amor como promessa e como pedido de reconhecimento.

Dialecticamente, pode se ver um movimento: o eu lírico espera, oferta, reconhece que o amor pode não durar, que pode falhar, mas insiste — na insistência reside uma tese, uma negação, uma síntese possível.

O amor implica desamor; o desamor implica ou pode implicar dor; a dor, se não for eternizada em amargura, pode levar à compreensão, ao autoconhecimento, a uma nova disposição, talvez a uma nova forma de amar menos idealizada, mais adulta.

Poetas clássicos reforçam essa dinâmica.

Na Grécia, Safo cantava o anseio, a separação, o desejo impossível; nos cantos homeróticos, no silêncio entre versos, sente-se o corpo que falta, a ausência que corrói.

Na Roma, Ovídio em *Ars Amatoria* e *Metamorfoses* mostra amores que se transformam, ferem, se desfazem, metamorfoseiam-se — e com a dor vêm lições sobre identidade e mudança.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025”

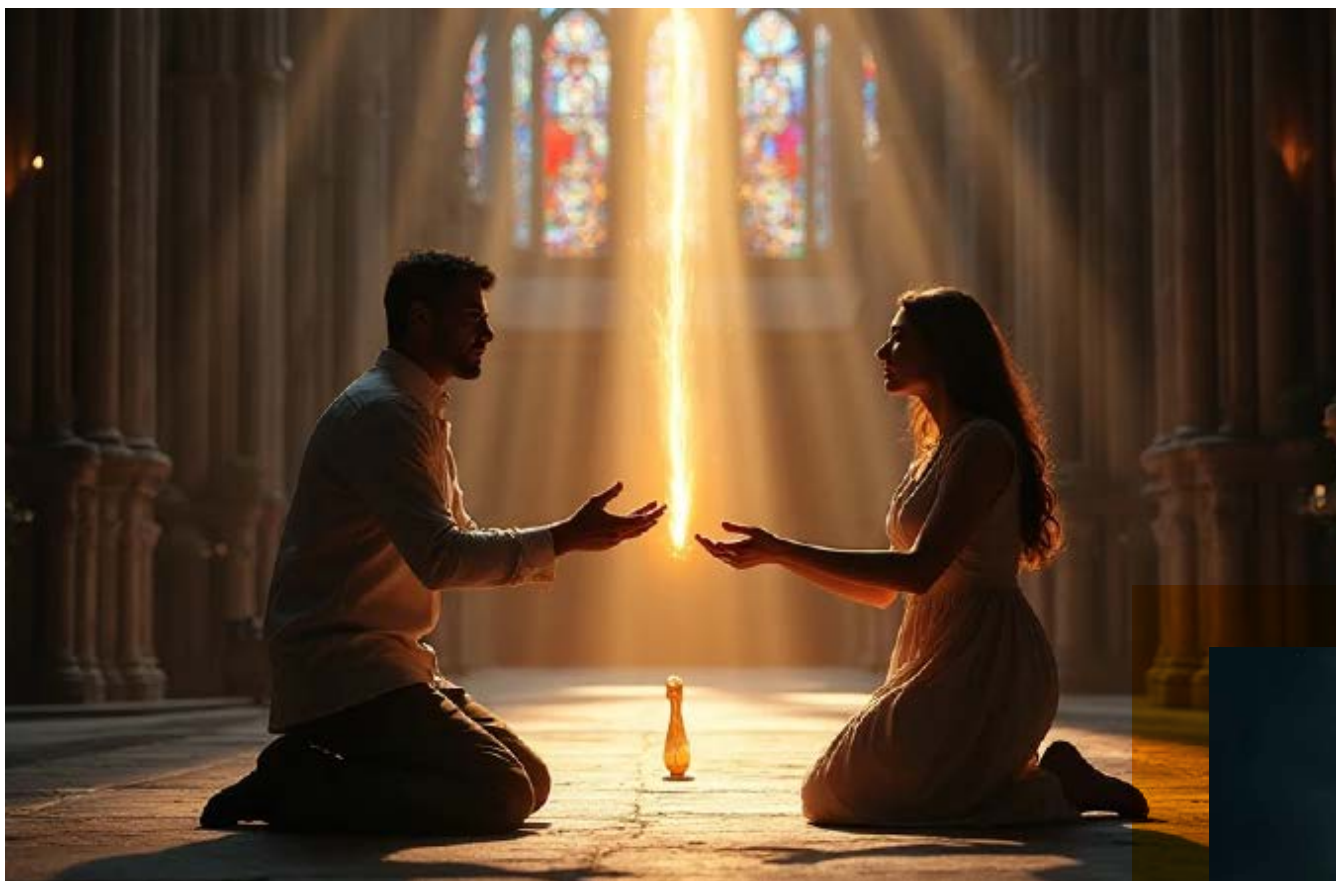


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI" sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025

Pensadores cristãos medievais como Santo Agostinho veem o amor humano como reflexo do amor divino, mas também como lugar de pecado, de desejo desordenado, de culpa, de necessidade de arrependimento.

Na poesia moderna e contemporânea brasileira, Drummond ("A falta que ama"), Adélia Prado, Hilda Hilst, Clarice Lispector (ainda que mais em prosa) exploram o amor como fissura no ser, como espaço onde a subjetividade se ilumina mas também sofre — Amar é olhar, esperar, traduzir silêncio; é conviver com o risco do nada.

Internacionalmente, poetas como Rainer Maria Rilke (em Cartas a um jovem poeta), Federico García Lorca, Pablo Neruda, Czesław Miłosz falam de amor que ama o outro como estrangei-

ro, como absoluto — e que, quando negado, gera dor não só emocional mas metafísica, a sensação de que parte de si se desmancha.

Religiosamente, a dor do desamor encontra eco na mística: Teresa de Ávila e João da Cruz (no cristianismo) falam de noite escura da alma, de amor divino que parece ausência, de desejado encontro que se posterga, de dor que purifica, de desejo de Deus que consome.

No Islã, Rûm fala da dor do amante que dança à espera do amado; no sufismo (Zikr – Meditação), a separação como método de união; no hinduísmo, a espera, a renúncia, a dor que liberta; no budismo, aceitar a impermanência, amar sabendo que tudo morre, tudo passa, inclusive o ser amado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI" sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025

Conflito filosófico-ontológico: o ser que ama arrisca a sua finitude contra o desejo de infinitude presente em todo amor.

O amor aponta para transcendência: quer ser eterno, quer ser plenitude; mas está preso à contingência, ao tempo, à alteridade — e ali se insere o desamor e a dor.

Esse movimento dialético — amor / desamor / dor — torna visível a estrutura da existência humana: que somos seres finitos desejantes.

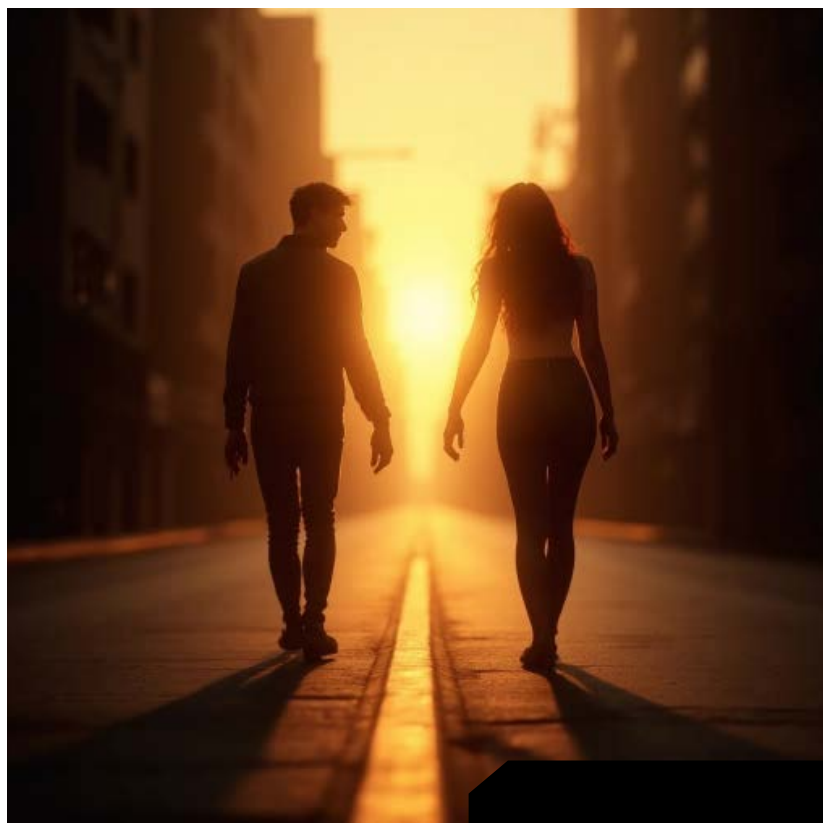


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

E é nesse espelho que o amor nos devolve — deformado, idealizado, incompleto ou pleno — que construímos não só nossa imagem de mundo, mas também nosso destino psíquico.

O desamor, quando irrompe, não é a simples ausência do amor, mas sua negação ativa, sua inversão: é o momento em que aquilo que era fonte de vida se transforma em fonte de dor.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



Amor, Meu Grande Amor encarna poeticamente essa estrutura: oferece — calor, endereço, vida — pede reconhecimento — “quando eu te encontrar... por favor, me reconheça” — admite possibilidade de falha (“que dure o tempo que mereça”) — aceita o risco de dor.

Na dialética da existência, o amor que idealizamos, à maneira platônica ou religiosa, deve passar pela prova do real, do tempo, da imperfeição, do desamor.

A dor, longe de ser extrínseca, faz parte da tessitura do amor verdadeiro: sem ela, talvez o amor fosse uma ilusão.

O amor, ao ser vivido, revela aquilo que em nós é mais frágil e, paradoxalmente, mais essencial.

Ele nos expõe à verdade do nosso próprio ser: somos incompletos, desejantes, dependentes do olhar, da escuta, da presença do outro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 27/09/2025

A dor, por sua vez, é a marca deixada pelo amor que não cumpriu sua promessa, ou que a cumpriu de forma tão intensa que, ao se retirar, deixou o vazio.

Entre os antigos gregos, não se separava amor e sofrimento. Pathos, a paixão, era sempre acompanhada de risco, de vertigem.

O amor de Orfeu por Eurídice é exemplo emblemático: ele ama tanto que desce ao Hades, rompe as fronteiras entre vivos e mortos, mas ao olhar para trás perde o objeto amado.

O olhar é a punição: querer confirmar o amor é, paradoxalmente, perdê-lo.

A dor de Orfeu torna-se canto, arte, mito — mas jamais reconciliação. Assim também, em Fedro, Platão adverte que o amor é possessão divina (theia mania), loucura sagrada, que transporta o sujeito da condição sensível ao mundo das Ideias. Essa ascensão não é isenta de

sofrimento: é, de fato, sofrimento necessário.

Para amar filosoficamente, é preciso sofrer metafisicamente — reconhecer que o corpo é insuficiente, que a beleza escapa, que o tempo corrói.

Na tradição chinesa, essa relação entre amor e dor assume formas mais contidas, mas não menos profundas.

Nos Clássicos das Odes (Shijing), há poemas de amor marcados pela espera, pelo afastamento, pelo lamento.

O amor é sempre, ali, entrelaçado com o tempo e a ordem: quem ama deve saber esperar, deve conter-se, deve viver o amor como parte da harmonia cósmica.

Quando essa harmonia se rompe — por guerra, exílio, morte — resta o lamento, não a rebeldia.

Diferente do Ocidente, onde a dor amorosa clama por resposta, no pensamento oriental ela é integrada ao fluxo da vida, como mais uma entre as dores inevitáveis da existência.

A psicanálise moderna retoma essa compreensão e a reinventa: para Freud, o amor é uma das formas mais sofisticadas de sublima-

ção. Amamos para não adoecer, mas ao amar nos expomos ao retorno do recalcado, às faltas da infância, ao narcisismo ferido.

Amar é reviver o trauma da perda original: a perda do seio, da fusão com a mãe, da completude.

Lacan vai além: o amor é aquilo que se dá ao outro que não se tem.

Ele diz: “amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer”.

A fórmula é cínica, mas profundamente verdadeira: o amor é uma promessa impossível, uma ilusão necessária, uma encenação simbólica de que somos desejáveis, mesmo quando sabemos que não somos completos.

E é nessa encenação que mora a dor — quando o outro deixa de querer o que não temos, a encenação desmorona, e com ela nossa autoimagem.

O desamor, na psicanálise, é vivido como castração.

Deixar de ser amado é como ser excluído do campo do desejo, do reconhecimento. O Eu, antes sustentado pelo olhar amoroso do outro, desfaz-se.

E assim, o desamor ativa em nós mecanismos de defesa: negação, racionalização, sublimação, ou, nos casos mais graves, retorno à melancolia — a dor sem nome, o luto que não passa, o prazer na própria dor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

Melanie Klein vê no desamor uma espécie de retorno ao estado de angústia primária: o mundo se torna persecutório, fragmentado, ameaçador.

Amar, portanto, é também correr o risco de enlouquecer.

A arte, sobretudo a música, tem sido espaço privilegiado para dizer essa loucura.

No rock internacional, as baladas românticas muitas vezes exprimem não o êxtase do amor, mas sua ausência.

A canção "Love Will Tear Us Apart" do Joy Division já anuncia no título a tese ontológica: o amor não une, ele divide — pelo excesso de expectativa, pela insuficiência da linguagem, pela impossibilidade do outro.

Em "With or Without You", o U2 expressa a prisão dialética do amor: "com você ou sem você, não posso viver".



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

O amor é o espaço entre dois impossíveis.

E a dor que daí advém é muitas vezes insuportável, mas também irrenunciável: preferimos sofrer no amor do que viver na neutralidade da ausência.

No rock brasileiro, essa ambiguidade é ainda mais forte. Cazuza, com seu lirismo dilacerado, canta amores intensos e destruidores: "o nosso amor a gente inventa / pra se distrair". Renato Russo, com sua poética existencial, insinua que amar é já um tipo de exílio: "quem me dera, ao menos uma vez, entender como um só Deus é tão cruel". O amor, quando falha,

é lido como falência de todo o sentido. Pitty, Humberto Gesinger, Zeca Baleiro, Los Hermanos — todos falam do amor como ausência, como gesto interrompido, como dor cotidiana.

É nesse cenário que "Amor, Meu Grande Amor" se eleva como canto maduro da esperança ferida. A canção não idealiza o amor como eterno nem o finge como leve: reconhece seu poder de transformação, mas também seu risco.

A figura do amor que "vem assim de repente" é quase bíblica: uma epifania, uma visita inesperada.

O sujeito oferece tudo — calor, endereço, descendência — mas sem prometer para sempre: "que dure o tempo que mereça".

Isso é uma revolução ética no amor: em vez de eternidade, mérito.

Em vez de possessividade, acolhimento.

Em vez de ilusão, lucidez amorosa.

Esse tipo de amor — lúcido, vulnerável, generoso — está na fronteira entre o ético e o ontológico.

É o amor como potência de reconhecimento: amar é reconhecer o outro, mas também desejar ser reconhecido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

Emmanuel Levinas fala do rosto do outro como revelação: é no rosto do amado que nossa responsabilidade nasce.

Ser amado é ser chamado a cuidar, a responder.

Quando o rosto do outro se fecha, quando o desamor se instala, é o mundo que se apaga.

E aí, como diz Clarice Lispector: "não se morre de amor, mas se vive de amor".

E viver de amor, mesmo sem morrer por ele, é viver na

falta — na espera, na dor, na lembrança.

Poetas como Rilke dizem que amar é "guardar o outro inteiro dentro de si", mesmo na ausência.

Neruda, em Os Versos do Capitão, afirma: "eu te amo como se ama certas coisas escuras, secretamente, entre a sombra e a alma".

O amor é obscuro, noturno, cheio de zonas que não iluminamos.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"



Por isso dói: porque não compreendemos, não controlamos, não garantimos. Amar é aceitar o incontável.

Do ponto de vista ontológico, o amor é uma forma de acontecer do ser. Ele desvela nossa finitude, nossa dependência, nossa abertura ao mundo.

O desamor é o colapso dessa abertura.

A dor é o efeito dessa queda. E, como escreve Kierkegaard, a dor do amor pode ser o início da fé: "o amor é sempre sofrimento, mas é nele que a alma encontra sua salvação".

E ainda assim, seguimos amando. Porque amar é também um gesto de resistência ontológica: é afirmar, mesmo na dor, que a vida vale ser vivida. Que o outro vale o risco.

Que a ausência vale a espera. Que o calor, o endereço, e a promessa ainda podem ser verdadeiros, mesmo que breves.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 27/09/2025"

Clayton Alexandre Zocarato

INSTAGRAM



COLONAS E COLUNISTAS



FACEBOOK



POST NO SITE





LITERAR

Humani

12



SUELI LOPES



Autora, escritora, com 7 livros solo e 3 antologias publicadas. Na UFG, formou-se em Letras e foi professora, como na PUC-Go. Pós-graduada em Literatura (Univ. de Salamanca, Es). CEO do Gr. Int. de Escritores Vozes da Diáspora, Londres, onde promove visitas literárias e culturais. Acadêmica da AILB, NY e da FEBACLA, onde também é Chanceler da Emb. Cultural da Paz. Pesquisadora de Escrita Humanizada e Topofilia. Para ela, escrever é uma forma de fazer do mundo um lugar melhor.

UM POUCO SOBRE O PARQUE DOS POETAS

Prezado leitor e leitora da Revista Internacional The Bard, ao chegar na criação do último artigo para a coluna HUMANILITERAR, do ano de 2025, uma nuvem de boas lembranças me invadiu.

Obrigada por estar conosco! Esta coluna tem como maior propósito abordar diferentes aspectos de humanização da literatura.

No momento, estou em Portugal. O turismo literário, por onde passo, visito e moro, faz parte de minha rotina. Eu sempre acredito que lugares também geram palavras. No meio dos passeios em busca dos rastros da literatura em língua portuguesa, passei diversas manhãs no Parque dos Poetas, em Oeiras. Um dos jardins mais belos que já conheci em toda a minha vida.

Adornado com água, flores, árvores, monumentos e estátuas de todos os escritores portugueses, além do templo da poesia e o labirinto mágico. Foi ali que escrevi alguns artigos.



Imagem do Parque dos Poetas, Oeiras - Portugal, por Sueli Lopes - arquivo pessoal



Imagem do Parque dos Poetas, Oeiras - Portugal, por Sueli Lopes - arquivo pessoal

O jardim é imenso, com características criativas oferecidas a cada autor. A celebração de mais um centenário do nascimento de Camões foi vista por todos os lados. No Parque dos Poetas, dediquei boa parte de meu tempo à pequena ilha em homenagem a ele. Nela, ninfas e Tágides se exibem, trazendo a beleza da escrita de Camões à vista em detalhes.

Viaje comigo e seja muito bem-vindo/a entre o murmúrio do Tejo e o repouso da Ilha dos Amores, onde o poeta tece a imagem de um país que navega não somente pelos mares, mas pelas águas do imaginário.



Imagem do Parque dos Poetas, Oeiras - Portugal, por Sueli Lopes - arquivo pessoal

Um pouco sobre o Parque dos Poetas

O Parque dos Poetas é formado com 60 esculturas de 40 diferentes artistas, celebrados em jardins-pétala, que derivam dos ramos da Alameda, espinha dorsal do parque, que o estrutura e percorre do início ao fim.

A primeira fase do parque ocupa uma área de 10 hectares e possui 20 esculturas do Mestre Francisco Simões, para 20 poetas do século XX.

A 2ª fase do parque tem cerca de 4 hectares. Todo espaço adornado com poesia, escultura e 13 jardins dedicados aos poetas, desde o início da Nacionalidade, com os Trovadores (século XII), até os poetas do Renascimento (século XVII). Podemos citar D. Dinis, Gil Vicente, Frei Jerónimo Baía, entre outros.

O maior destaque vai para o poeta Luís de Camões, numa representação simbólica da Ilha dos Amores, da Gruta de Camões e das suas ninfas, esculpidas por Mestre Francisco Simões. As esculturas são de 13 diferentes artistas, com diversas correntes estéticas.

Poetas como Correia Garção, Marquesa de Alorna, Alexandre Herculano, Guerra Junqueiro, entre outros, constam deste espaço do parque. Também estão representados poetas da lusofonia, tais como Carlos Drummond de Andrade, do Brasil; Alda Lara, da Angola; Adé, de Macau; Vasco Cabral, de Guiné-Bissau, dentre outros. São 27 jardins dedicados à poesia, com a participação de 26 escultores, com variadas linguagens estéticas, bem como de diferentes nacionalidades.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

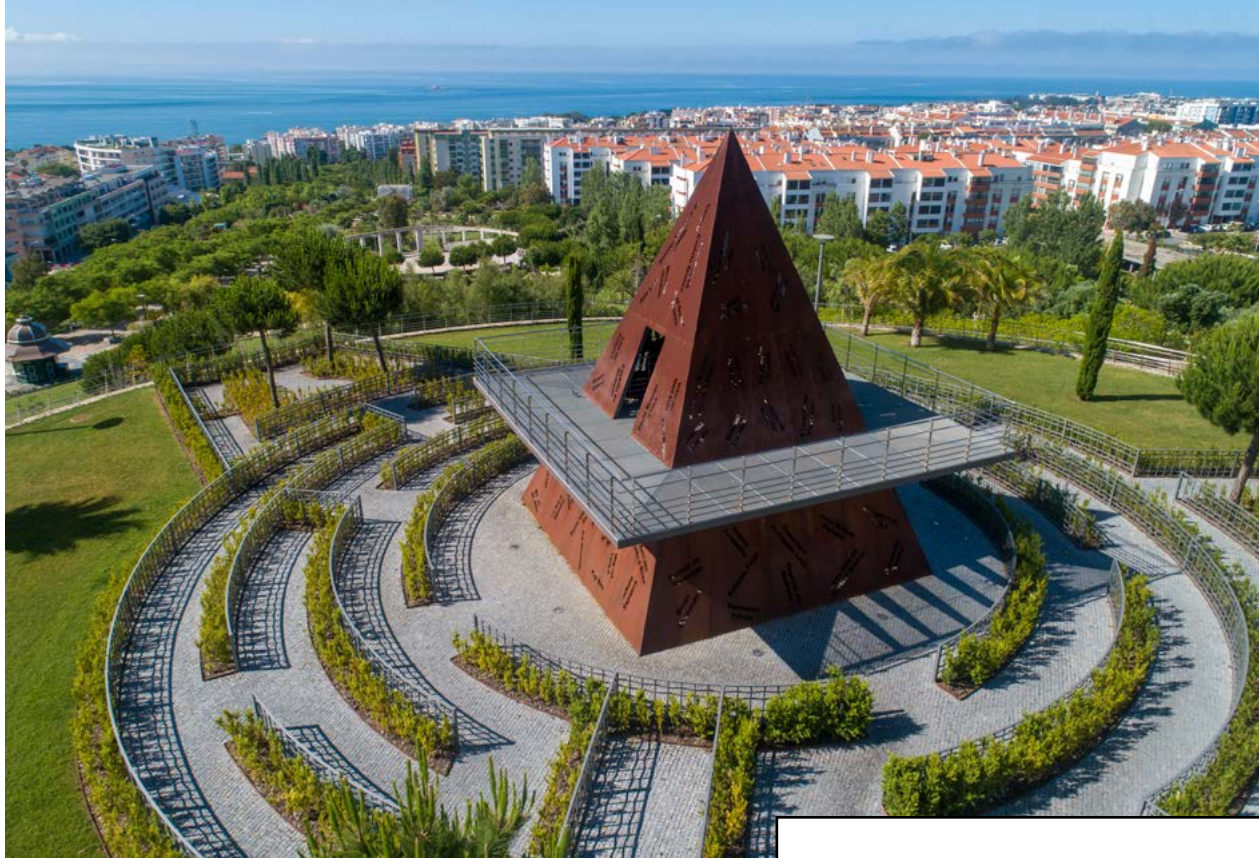


Imagem do Parque dos Poetas, Oeiras - Portugal, por Sueli Lopes - arquivo pessoal

AS NINFAS DE CAMOES: ENTRE O TEJO E A ILHA DOS AMORES

O murmúrio do rio

Além dos jardins temáticos e equipamentos de referência, há um especial destaque para o Templo da Poesia. Um local de encontro, de estudo e reflexão sobre a literatura e a poesia em língua portuguesa, assim como da ecologia e arte dos jardins.

Com uma arquitetura vanguardista, possui também um anfiteatro, restau-

rante e salas de exposições. Tomar um café lá do alto é observar e contemplar toda a paisagem, as águas do Tejo e deixar a poesia nos revelar segredos. Escrever ali é a realização do sonho de qualquer autor ou autora. É pura inspiração e conexão. Camões, em sua ilha, me trouxe ousadia para esmiuçar a escrita junto à magia do lugar. Vamos lá?

Quando Camões invoca a Tágides, ele não clama apenas por inspiração. Ele convoca a memória viva do Tejo, o rio que atravessa a história de Lisboa e de Portugal. São musas reinventadas, com raízes na tradição greco-romana, mas transbordando água lusitana.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"





No correr das águas, as Tágides tornam-se o fio invisível entre o poeta e o destino coletivo: são elas que lhe dão voz, sopro e visão para transformar a viagem marítima em epopeia eterna. Ele ergue a voz em súplica às Tágides, no início de *Os Lusíadas*:

*"E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente..."*

(*Os Lusíadas*, Canto I, est. 4)

Aqui, o poeta não se limita a um gesto literário. Ele cria, com essas figuras, uma ponte entre o mito clássico e a geografia portuguesa. Se as musas gregas inspiravam Homero e Virgílio, as Tágides fazem do Tejo o novo berço da Epopeia. O rio torna-se fonte sagrada, de onde brota o canto que perpetuará a memória nacional.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

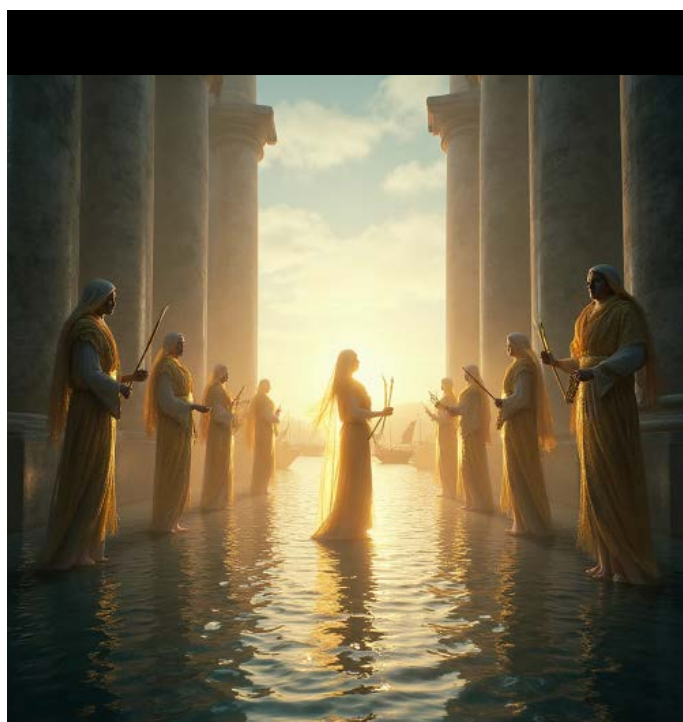


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

Entre o mito e a pátria

As Tágides não são simples ornamentos literários. São um ato de enraizamento poético. Como observa Jorge de Sena, "Camões não copia, mas transfigura." Elas simbolizam o pacto entre o mito e a pátria, o gesto de Camões de enraizar Portugal na mesma linhagem de grandeza que outrora sustentara gregos e romanos. Assim, o Tejo deixa de ser apenas geografia e passa a ser templo de onde brota o canto que glorifica os navegadores e perpetua as jornadas.

O gesto é simbólico: se os deuses do Olimpo legitimavam Roma, as ninfas do Tejo legitimam Lisboa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

O prêmio dos heróis

As tágides não são musas de inspiração, mas de recompensa. Elas aguardam os navegadores após o peso das batalhas e das tormentas, oferecendo-lhes um descanso paradisíaco, um intervalo entre o humano e o divino.

Ali, a dureza do mar se dissolve em deleite. As ninfas se tornam metáforas da própria promessa da epopeia: todo sacrifício há de ter seu reconhecimento, ainda que em forma de sonho.

Em um dos episódios mais célebres, surgem as Ninfas da Ilha dos Amores, recompensando os navegadores após a longa viagem. É Vênus quem ordena a criação desse espaço paradisíaco, como recompensa pelos feitos portugueses. No Canto IX, a ilha é descrita como repouso e deleite:

*“Ali, com mil deleites escondidos,
Gozam as Ninfas belas e formosas,
Que os esperam com peitos já rendidos,
E com vontades brandas e amorosas...”*

(Os Lusíadas, Canto IX, est. 90)

As Tágides representam a justa contrapartida da coragem e da dor: depois da tormenta, o descanso; depois do esforço, o prazer.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

Entre águas e ventos

Se as Tágides habitam o rio e o sopro da palavra, as Ninfas da Ilha dos Amores habitam a imaginação do repouso. Ambas, contudo, compartilham o mesmo destino: são guardiãs

da memória e do futuro, presenças que elevam os feitos dos homens a uma dimensão maior que o tempo.

Camões, ao uni-las, sugere

que a grandeza nacional não se sustenta apenas na conquista, mas também no canto e no sonho. Ou no sopro que transforma feito em memória e eternidade.

As Ninfas e os Cantos do Tejo

Nas ninfas de Camões, não encontramos apenas criaturas nascidas do mito. Encontramos a respiração de um poeta que, diante da vastidão do mar e do peso da história, buscou dar corpo ao invisível. Ao colocar ninfas à beira do Tejo, Camões transforma o rio em voz. Uma voz que murmura versos, que guarda segredos antigos e que oferece ao homem não somente a lembrança da terra natal, mas o convite a inscrevê-la no tecido maior da humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 26/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

O Tejo, nesse gesto, deixa de ser apenas a água que corre. Passa a ser tempo, passagem, vigília. Como escreveu Fernando Pessoa, séculos depois:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia."

Camões, ao contrário de Pessoa, não se contenta em contrapô-lo ao íntimo. Ele o eleva, o oferece às ninfas, o integra à geografia da epopeia.

O mar e suas ilhas

Do rio, o olhar do poeta se abre para o mar. É nele que se encontra o risco e a promessa. As ilhas oferecidas pelas ondas são símbolos de encontros, nos quais a Ilha dos Amores, talvez a mais célebre, surge como metáfora do repouso necessário.

O que Camões parece nos dizer é que toda conquista, para ser plena, precisa ser celebrada não só com armas e feitos, mas com entrega, prazer e imaginação. Assim como Ulisses encontrou repouso em Calipso, os portugueses encontram, na Ilha dos Amores, um espelho da sua própria humanidade.

“Eis que as ninfas gentis, de aspecto humano,

*Com peitos de mulher, porém divino,
Se mostram, oferecendo em canto brando
O prêmio ao navegante peregrino.”*

(Os Lusíadas, Canto IX)

Aqui, o mito se torna ponte: entre o real da viagem e o simbólico do sonho. As ninfas, ora musas, ora recompensas, sustentam o edifício da epopeia com pilares invisíveis. Elas lembram que a grandeza não nasce apenas do suor da luta, mas também da graça do canto. São presenças que equilibram o excesso de armas com a suavidade do mito, como se Camões intuisse que a memória de um povo só se sustenta quando há espaço para a poesia.

O guerreiro precisa da musa para não se perder na dureza da batalha. O povo precisa do mito para que a história não se resume à cronologia de conquistas, mas se faça canto e sentido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

O mito das ninfas não é, portanto, um ornamento. É uma chave. Sem ele, a viagem seria apenas relato de feitos. Com ele, a viagem se abre ao universal, torna-se metáfora de todo ser humano que, entre riscos e sonhos, busca repouso e sentido.

Entre o Tejo e a Ilha

Entre o murmúrio do Tejo e o repouso da Ilha dos Amores, Camões traça a imagem de um país que não navega apenas pelos mares, mas também pelas águas do imaginário. É essa travessia dupla que mantém viva a epopeia.

Ao mesmo tempo em que celebra a coragem dos navegadores, o poeta oferece a eles uma herança mais ampla: a certeza de que a pátria não cabe só em mapas, mas também em versos. O que se conquista no mundo físico, pode se perder; o que se conquista no mundo físico, pode se perder; o que se conquista no canto permanece.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

A travessia que nos toca

Ao revisitarmos hoje essas ninfas, talvez não vejamos nelas as figuras divinas da Antiguidade. Talvez vejamos nossa própria necessidade de sonhar, de dar corpo poético ao que vivemos. O Tejo continua murmurando. O mar continua oferecendo ilhas. E nós, como leitores, continuamos a precisar de musas que sustentem nossas epopeias cotidianas.

Camões, em sua sabedoria, parece nos estender a mão:

*“Cantando, espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.”*

Eis o convite, não somente para celebrar a memória de um povo, mas para perceber que, sem canto e sem sonho, nenhuma viagem se cumpre.

Nas ninfas de Camões, vemos mais do que figuras mitológicas. Vemos o desejo do poeta de tecer Portugal na teia universal da poesia e da eternidade.

O Tejo murmura versos. O mar oferece ilhas. E as ninfas, ora musas, ora recompensas, sustentam a epopeia com pilares invisíveis; lembrando-nos de que a grandeza não nasce só da luta, mas também do canto e do sonho.

Entre o murmúrio do Tejo e o repouso da Ilha dos Amores, o poeta tece a imagem de um país que navega não apenas pelos mares, mas pelas águas do imaginário.

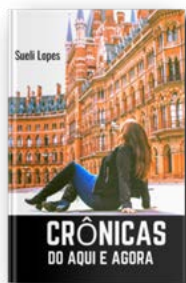
E nós prosseguimos nesse mar, cada vez mais fluido, mais belo e revelador!

LIVROS DA AUTORA

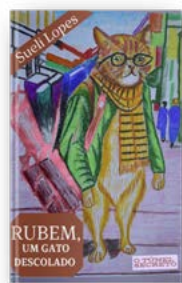
Acesse a Vitrine The Bard



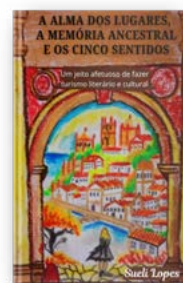
[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

Colunista Sueli Lopes

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Angela Daneluci



Professora e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora e poeta, especialista em Matemática pela UNICAMP e possui licenciatura em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia. Autora do livro *Poetize-se: Literatura Poética Escrita por uma Mulher* (2024) e coautora de *Florilégio do Brasil XVIII e Eu Brilho com as Estrelas* (2024).

JOSÉ DE ALENCAR

O Arquiteto dos Sentimentos e da Alma Brasileira

"O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para que ela voe até o céu."
José de Alencar

I. Entre o Sentimento e a Nação

Se há um autor que construiu sua obra com a matéria sensível dos sentimentos e os contornos simbólicos de uma nação em formação, esse autor é José de Alencar. Poeta das paixões humanas e arquiteto do imaginário brasileiro, ele soube costurar, com a mesma elegância, romances urbanos, indianistas e regionais — todos com um olhar agudo sobre o papel do amor, da honra, da mulher e da sociedade.

Em pleno século XIX, enquanto o Brasil buscava consolidar sua identidade cultural e política, Alencar entregava à literatura um espelho refinado do que sonhávamos ser. Suas histórias atravessam o tempo não apenas por sua beleza estética, mas pela capacidade de humanizar os conflitos da alma brasileira.

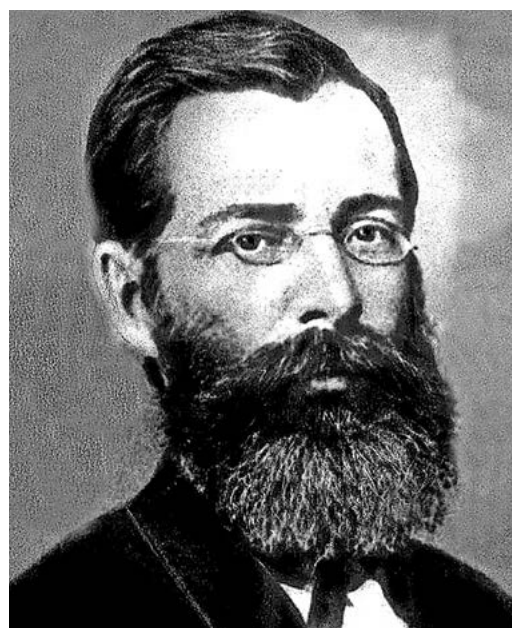


Imagem de Marinho.com por Google



II. A Biografia de um Romântico Visionário

José Martiniano de Alencar nasceu em 1º de maio de 1829, em Messejana (CE), filho do padre e político liberal José Martiniano. Cresceu entre ideais republicanos e cultura oral nordestina — elementos que se fundiram em sua obra literária.

Mudou-se para o Rio de Janeiro ainda jovem, formou-se em Direito e, pouco depois, começou a atuar como advogado, jornalista e, posteriormente, político. Estreou na literatura com *Cinco Minutos* (1856), conquistando de imediato leitores e críticos.

Foi deputado geral, Ministro da Justiça e defensor do Império. Mas sua paixão verdadeira foi sempre a literatura. Morreu em 12 de dezembro de 1877, aos 48 anos, vítima de tuberculose.

Apesar da morte precoce, deixou um legado literário que ajudou a fundar o cânone da literatura brasileira.



III. Um Construtor de Imagens do Brasil

José de Alencar foi um dos primeiros autores brasileiros a assumir uma missão literária nacionalista. Em tempos de independência recente e construção de identidade, ele usou a ficção como ferramenta de representação do país — em seus mitos, conflitos, belezas e contradições.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/09/2025"

Seus romances indianistas (*Iracema*, *O Guarani*, *Ubirajara*) projetam um Brasil heroico e idealizado. Já suas obras urbanas (*Lucíola*, *Senhora*, *Diva*) revelam o peso das aparências sociais e o papel da mulher numa sociedade moralmente engessada.

O amor, em Alencar, é um campo de tensão: entre liberdade e obrigação, entre paixão e "status", entre alma e convenção. Por isso, seu romantismo vai além do sentimental — é também uma crítica sutil à estrutura social de seu tempo.

*"Tenho fé no amor com
ele vencerei o impossível"*
José de Alencar

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/09/2025"

IV. O Romancista da Alma Nacional

Com uma linguagem refinada e poética, Alencar construiu personagens memoráveis, principalmente figuras femininas fortes, que desafiam ou ressignificam os papéis impostos pela sociedade patriarcal.

A seguir, suas principais obras, em ordem cronológica e acompanhadas de breves descrições:

Obras:

O Guarani (1857)

Romance de aventura e idealização do indígena como herói.

Peri e Cecília protagonizam um amor quase mítico, num Brasil colonial em transformação.

Lucíola (1862)

Uma cortesã que esconde uma alma sensível vive um amor regenerador com Paulo. Uma obra sobre julgamento social e redenção humana.

Diva (1864)

Uma jovem da elite carioca, bela e orgulhosa, desafia seus pretendentes com inteligência e ironia. Questiona a submissão feminina ao casamento.

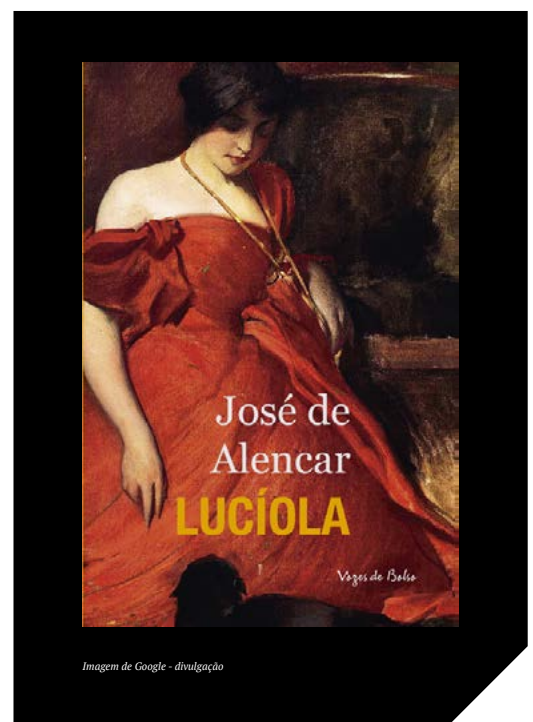


Imagem de Google - divulgação



Iracema (1865)

Poema em prosa que simboliza a origem do Brasil: a união do indígena com o europeu. Linguagem lírica e densa, marco do indianismo romântico.

Senhora (1875)

Aurélia Camargo, herdeira rica, “compra” o noivo que a rejeitou. Um romance sobre amor, poder e revanche feminina no Rio imperial.

Ubirajara (1874)

Complementa a trilogia indígena, com foco em coragem e honra entre guerreiros nativos.

Encarnação (1877, póstumo)

Romance com toques espiritualistas e melancólicos, tratando do amor que resiste até mesmo à morte.



Curiosidades: Alencar e o Teatro

Pouco lembrado como dramaturgo, Alencar também escreveu para os palcos. Em peças como *O Demônio Familiar* (1857), defendeu a criação de um teatro verdadeiramente brasileiro, livre da influência exagerada dos modelos europeus.

Frases Eternas de José de Alencar

“O amor verdadeiro começa onde não se espera recompensa.” (Diva)

“A alma da mulher é como o orvalho: só floresce sob os raios da ternura.” (Lucíola)

“A mulher é como o espelho: reflete a alma que a contempla.” (Senhora)



V. Entre a Emoção e a Ideologia

A grandeza de José de Alencar não está somente em sua capacidade narrativa, mas em sua inteligência estética e política. Ele escreveu romances de amor que

também eram retratos de classe, de gênero e de poder.

Nas entrelinhas de suas histórias, encontramos críticas à

hipocrisia, à opressão feminina, à desigualdade — sempre com a suavidade de quem prefere sugerir a gritar. Foi um autor do sutil, do simbólico, do essencial.

VI. Legado imortal

Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras leva seu nome.

Suas obras foram traduzidas em diversas línguas e estudadas em cursos de literatura lusófona no mundo todo.

O Guarani inspirou a famosa ópera de Carlos Gomes.

Adaptações para TV, cinema e teatro deram nova vida à Senhora e Lucíola em diferentes gerações.

Seu rosto já estampou cédulas do cruzeiro e selos comemorativos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/09/2025"

VII. Conclusão: O Autor do Não-Dito

José de Alencar permanece entre nós — não apenas nos livros, mas nos conflitos entre amor e poder que ainda nos habitam. Foi um romancista do visível e do invisível, do falado e do sentido.

Por trás da ternura romântica, há um autor político. Por trás das tramas amorosas, há um país sendo imaginado, questionado e sonhado.

Sua escrita nos lembra que a literatura, quando feita com paixão e inteligência, não envelhece — amadurece com o tempo. E nós, leitores, amadurecemos com ela.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/09/2025"

E você? Quando foi a última vez que mergulhou na prosa suave e apaixonada de José de Alencar? Talvez seja hora de revisitá-lo — não como um nome em manuais escolares, mas como o romancista que traduziu, com beleza e contradição, o coração do Brasil.

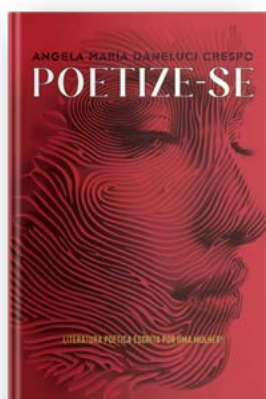
Com estima,

Angela Maria Daneluci Crespo



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/09/2025"

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

ANGELA DELANUCI
CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

TIKTOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





10



LILIAN BARBOSA



Natural de Brasília-DF. Mãe, esposa, advogada, pós-graduada em Direito Público Licitatório, cursando LLM em Direito Empresarial e concursada em uma Autarquia Federal. Participante de várias Antologias, inclusive como Prefaciadora e Autora Convidada. Colunista da Revista Internacional The Bard. Bisneta do Poeta Centenário – finalista do Prêmio Jabuti 2024 na categoria “Escritor Estreante de Poesia” – Arnaldo Júlio Barbosa (@arnaldojulio Barbosa), do qual se orgulha imensamente.

A VOZ DA POESIA

Palavras não ditas, mas demasiadamente audíveis.

*“De todas as palavras que gritei ao teu ouvido...
Ouviste, somente, as palavras que sequer cogitei dizer.”
(Lilian Barbosa)*

Olá, leitores!
Bem-vindos a mais uma bela edição da Revista Internacional The Bard.

A coluna “Semeando a Escrita” desta edição revisita a força da voz poética que, em simples laudas, consegue tornar audíveis palavras jamais proferidas. Capaz de irradiar sentimentos por quem escreve e por quem se dispõe a ler.

*Poeta não é somente o que escreve.
É aquele que sente a poesia, se extasia,
sensível ao achado de uma rima,
à autenticidade de um verso.
(Cora Coralina)*

Confirmam em “Colheitas da Colunista” alguns escritos de minha autoria que se referem ao poder da man-

ifestação poética como modo de expressão, algo que supera em significado a limitação das próprias palavras transcritas.

Conduzo uma especial observação para o último texto — “Despedida”. Este decorreu de um sonho que tive quando meu pai faleceu. Eu me despedi dele em sonho, e foi tudo muito nítido! Enquanto me acalenta-va com um abraço, meu pai tentava conter as próprias lágrimas. Eu não conseguia falar porque chorava muito. E, sem palavras, dissemos tudo! A única frase que ele falou no sonho, de fato, foi: “Eu sei!” (No sentido de: “Eu sei o que você está sentindo, eu sei que é difícil...”)

De um jeito poético, envolto em amor e saudades, tivemos um significativo diálogo. As palavras não ditas se fizeram audíveis, ecoando na memória e no coração.

Aproveitem a leitura!

COLHEITAS DA COLUNISTA

Deixe o vento bater

Deixe o vento bater na cara... no corpo, na alma, inspire, expire! Respire! Não se importe com nada!

Abra o peito, entregue-se a essa sensação de liberdade!

Lembre-se de que você tem muito do que se orgulhar!

A vida não tem sido um mar de rosas, mas você aprende a cultivar cada flor que tem brotado. E tem se admirado com cada etapa de florescimento delas.

Lembre-se de que você pode atribuir um sentido sobre as coisas que valem a pena lutar; sobre os feitos que valem a pena serem comemorados!

Sinta orgulho das marcas de cada luta! Algumas cicatrizes já fecharam... nem doem mais! E te

fortaleceram!

Algumas cicatrizes continuam se fechando, em um processo de ressignificação! E você aprende com elas. É preciso senti-las para entendê-las e superá-las.

Sinta-se livre!

Confie na tenacidade adquirida ao longo dos anos!

Hoje você sabe que é forte. Eis uma vantagem de se tornar uma pessoa bem resolvida consigo própria!

Deixe o vento vir! Sinta-o! Encare-o! Escute-o! Permita que ele traga as boas energias! E elas virão.

Carpe Diem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares, Criada em 29/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares, Criada em 29/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares, Criada em 29/09/2025"

Externar

Como colocar vestimentas
Em pensamentos cheios de nudez?
Como demonstrar profundamente
O torpor que lhe causa mudez?

Em seu medo de falar.
Buscou meios de transcender
Com uma caneta à luz do dia
Desenvolveu o hábito de escrever.

Na escrita, as palavras surgiam.
Materializavam-se ordenadamente
Os significados que dantes não lhe saíam.
Foram compreendidos repentinamente

Ponderou que a palavra a ser falada.
Deveria por uma escrita ser precedida.
Como se fosse uma etapa intercalada.
De uma comunicação bem-sucedida

Como se iluminada pela luz da aurora.
Aclarou a mente, permitiu-se poetizar.
Deu vazão à voz calada de outrora.
Com a escrita, enfim, aprendeu a falar.

Imagem de Lemniz de Carvalho por Pixabay



Para além das palavras...

Deixei meus peda-
ços espalhados
Coração, cérebro,
cordas vocais...

Ainda pulsavam, ar-
redios, fora de mim.

Tentavam retornar
à morada, como peixes
fora d'água.

Meu corpo, desvencilhado de tão ativas par-
tes, sucumbiu.

Inerte fiquei, sem sentir, sem pensar, sem fa-
lar...

Deixei de ser eu mesma.

Ao me desfazer da vitalidade e singularidade
que me compunham.

Era uma mera carcaça, subjugada pelos cére-
bros, corações e palavras alheias.

O preço do sentir

Tinha um sentir profundo, proveniente de uma mente
profunda, esculpida pelas ulcerações da vida.

Foram anos de sofrimentos — dos mais angustiantes —
que forjaram a intensidade e o preço do sentir.

Experienciar as piores dores lhe tornaram mais inter-
pretativa e lhe concedeu a liberdade de pensamento que, até
então, não detinha. Não fossem tais dores, jamais teria se
despido do conforto de outrora; jamais teria experimentado
a mais densa sabedoria.

Compunham-lhe a alma as mesmas angústias que lhe
aguçavam toda e qualquer sensação.

Para o bem ou para o mal, as feridas aprofundaram-lhe
o conhecimento... Doses intensas do saber degustadas em
apurados sentimentos, todos resultantes da clarificação das
mazelas que a tornavam, resignadamente, humana!

IMAGEM GERADA POR IA "Usando SFAART AI, sob a direção de Aryly Soares, Criada em 29/09/2025"



Despedida

Foi a sua lágrima de dor o meu mais sofrido choro de saudade...

Tentei acalenta-la neste último abraço antes de partir.

Sabia que estava doendo, filha. Eu sentia a sua dor!

Mas sabia que era o meu destino e eu precisava seguir em frente.

Doeu partir, mas sei que nos reencontraremos.

Não chores...

Se chorar, que seja um choro de amor e de uma doce saudade!

Não chores em desespero!

É somente um período em que nos manteremos afastados fisicamente. Esta dor será ressignificada.

Estou bem e você também ficará.

Você será forte! Mais do que pode acreditar!

Até um dia!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares, Criada em 29/09/2025"

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

12



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrílega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias).



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Aryel Soares Criado em 27/09/2025".

Escrevendo o infinito

Por Márcia Neves

Vai ter um dia
Que eu vou escrever tanto, tanto...
Até a tinta da caneta acabar

Aí eu paro
Ligo a máquina
E digito, tanto, tanto...
Até escrever o mundo

Queridos leitores,
É chegado o 12º andar do ano, onde renovamos as esperanças e nos preparamos para novos voos. Além disso, das janelas de nossos aposentos, olhamos pelo retrovisor do ano e alcançamos um pouco do que largamos pela estrada e o que levamos na bagagem ao olhar para frente.

Nesta edição, a Revista The Bard, precisamente, nos propõe o tema mais necessário de ser discutido, lido, sentido e pensado infindavelmente nos últimos tempos: O amor – a arte de todas as artes.

Entre todas as retrospectivas que fazemos e expectativas que criamos diante de nossas vivências, e do que defendemos, acreditamos e rechaçamos, convido vocês a pensarem comigo um tema que considero suplemento de amor pela vida: a literatura pela valorização da leitura e da educação de nosso país.

É permitido consumir literatura útil, não como utilidade. Prezar a literatura tão somente como recurso estético de leitura é desprezar uma sociedade pela sua capacidade de ser. Ler é suplementar a vida com a “dopamina” para o amor e a felicidade.

É com alegria constante que trago essa reflexão e sigo acreditando na educação como prova de amor pela vida.

Desejo a vocês uma magnífica leitura!



Letramento literário – para além do amor, a vida

Uma reflexão palpável e continuada

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Criada em 27/09/2025".

É de praxe que todos queremos, ademais de um mundo melhor, a sua mudança; mas quase sempre nos esquecemos de que toda evolução deve começar em nós. Segundo (COSSON, 2009, p. 23), há de se compreender que o letramento literário é uma prática social, logo, cabe muito mais à escola destrancar essa prática, sendo que é nela, por ela e a partir dela que o aluno recebe suas principais influências e conduções para o aprendizado de uma boa literatura, que em qualquer outro espaço.

Tendo em vista que o ensino da literatura ultrapassa fronteiras e vai além de qualquer leitura superficial, é intransponível o seu acesso, senão e primeiramente através das instituições de ensino em suas esferas pública e privada. Isso significa que, se a escola não

viabiliza ao estudante o acesso aos livros e à prática de leitura, no espaço em que especialistas compreendem ser necessário conduzir o trabalho de forma acolhedora, a fim de atender às diferentes demandas de letramento, possivelmente as condições para a construção de um currículo individual de leitura não existem. O fato é que, a literatura precisa ser apresentada ao estudante de forma interessante e em constância, de tal modo que em sua rotina, o ato de ler se torne instrumento não só de entendimento do mundo e ressignificação de sua realidade, mas de construção de sua identidade, ou melhor, de seu espaço no mundo. Entende-se com isso que **literatura não se faz com leituras rasas, tampouco de forma isolada à vida.**

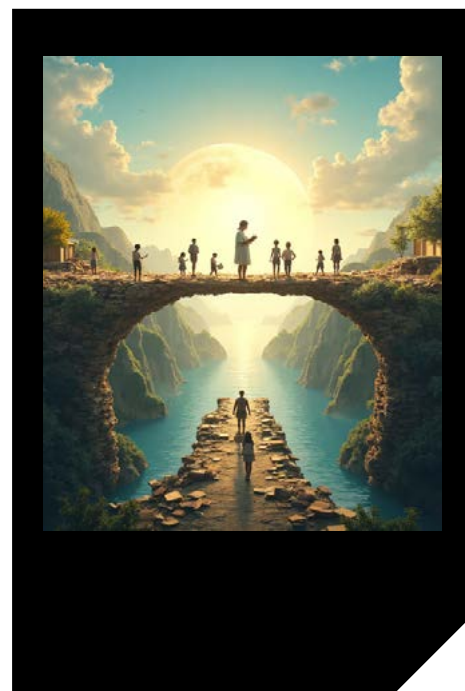


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Criada em 27/09/2025".

Não há como falar de literatura, sem falar de leitura e de educação, a tríade para revolucionar a nossa capacidade de verticalizar o mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Criada em 27/09/2025".

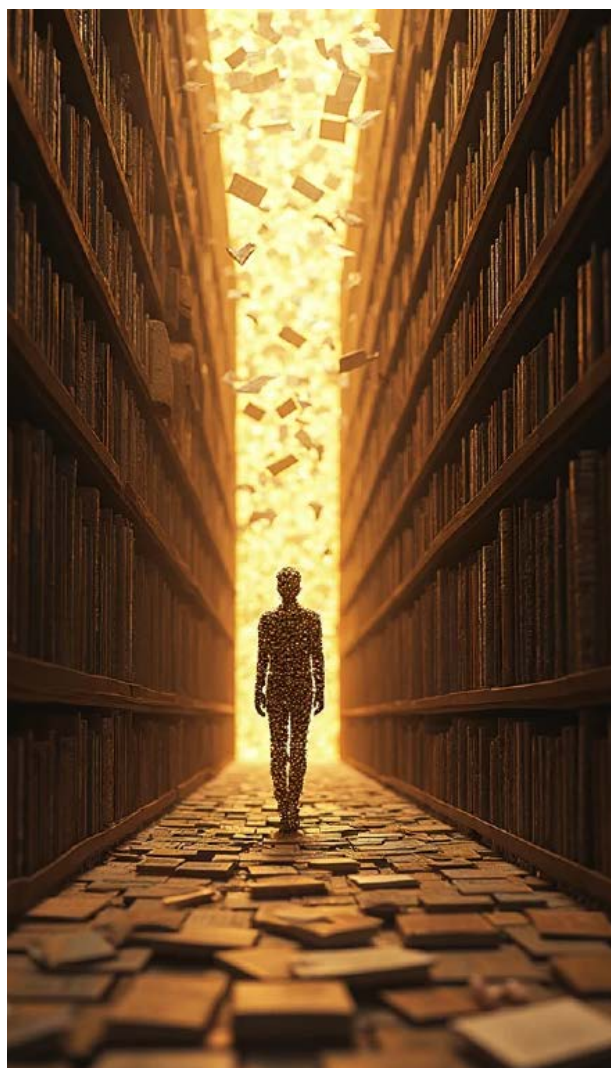


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Criada em 27/09/2025".

Entende-se por literatura a faculdade do homem de se articular, expressando-se por meio da arte das palavras, em suas esferas artísticas verbais e não verbais, na construção da história de um povo da qual é parte. Ou melhor, do latim “letra”, uma das manifestações artísticas do homem através da linguagem.

Ler, por sua vez, aparece nesse cenário, majoritariamente, como instrumento para explorar, criar e recriar a existência humana, é preciso praticá-la. Como professora de linguagens, defendo a leitura como a chave de acesso ao mundo. Sem ela, não haveríamos de encontrar o caminho para o “País das maravilhas”, onde “LEIA-ME!” é um convite para descobrir a felicidade.

Em contrapartida, encontramos-nos no desafio de nos resgatar nesse universo de leitura. A 6ª edição da pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro, em parceria com o Itaú Cultural e a CBL, em 2024, correspondendo aos últimos quatro anos investigados, revelou que houve uma queda preocupante no número de leitores (7 milhões), sendo considerado leitor quem leu ao menos um livro nos últimos três meses. Equivalendo a uma porcentagem de não leitores no país de 53%, o que significa que somos um país de não leitores; revelando ainda que, se levamos em consideração as pessoas que atestaram ler livros por completo, teremos somente 27%. Na pesquisa, ainda, foi apresentada a sequência de quem lê mais, por nível de escolaridade: ensino superior, ensino fundamental e ensino médio.

Enquanto professora, vejo esses resultados como um despertar da consciência de que a escola precisa protagonizar o espaço para vencermos esses índices e resgatarmos aos nossos estudantes a importância da leitura para além do amor, a vida, a começar por espaços bem organizados e dirigidos como as bibliotecas (que têm, infelizmente, estado cada vez mais em apagamento devido ao advento da internet, da tecnologia e mesmo, do descaso e desinteresse pelo assunto no meio familiar e educacional). LER É UM CASO BÁSICO DE SAÚDE PÚBLICA. Permitir que a leitura

assuma sua função social de trazer a filosofia, a psicologia, a sociologia, a arte, etc., para o lugar-comum e de inquietação na vida do estudante, proporcionando-lhe preparo consciente para sua atuação crítica, social e pessoal em sua existência é indispensável. Acessibilizar a leitura para muito além de provas e estéticas literárias, para o avanço da humanidade. Desenvolver literatura sem utopias, em que seus preceitos sejam contra a suplantação de qualquer área e em favor da formação humana, do fomento ao conhecimento e à existência como algo bom; a leitura – instrumento de amor.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEAMT4I, sob a direção de Arley Soares Criada em 27/09/2025.

Há de reconhecer que o amor, arte de todas as artes, é construção consciente de uma sociedade em que todos tenham a sabedoria subjetiva e coletiva diante do mundo concreto em suas singularidades. Não dá para falar de amor, sem defender a leitura como recurso primeiro para revolucionar pelo letramento literário a educação que falta para sermos unidade.

Diante dos desafios para o advento desse letramento, que cabe em todos nós e é assunto permanente e contínuo em nosso curso de cidadania, encontra-se a tecnologia infiltrada em todos os espaços, e que tem interferido de modo agressivo e com muita permissão, e principalmente, no dia a dia de crianças e adolescentes; tendendo a outro assunto carecido de letramento que é o digital. Além disso, há o processo de formação oferecido pelas universidades e de gestão pública diante de pautas que dirigem nossas escolas. Quando se trata de educação e de amor, tem-se que levar em consideração fatores antigos e não velhos, que parecem estagnados na esperança da sociedade, e que precisam ser repensados e atualizados como processo de alcance de um mundo melhor.

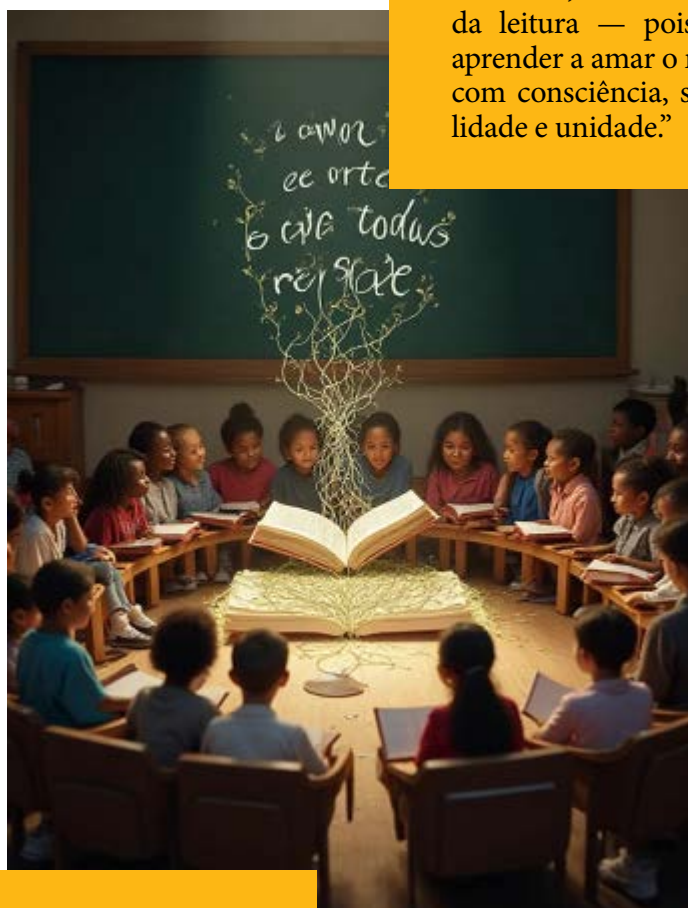


IMAGEM GERADA POR IA, usando SEAMT4I, sob a direção de Arley Soares Criada em 27/09/2025.

“O amor, arte suprema das artes, nasce também da leitura — pois ler é aprender a amar o mundo com consciência, sensibilidade e unidade.”

A escola, nosso palco primeiro de atuação para que encontremos um caminho que dê certo; nosso espaço de vivências e promoção de debates aptos a fazer-nos entender o caminho da diversidade de opiniões e busca de entendimento para a construção de ideias favoráveis à vida. Nesse sentido, o amor se estabelece pelo cuidado que devemos ter na condução de nossos estudantes de forma confiável, com pessoas comprometidas com a educação e famílias que acreditem na escola e colaborem com ela.

O letramento literário é prescrição para o entendimento da humanidade monumentalmente, uma vez que atravessa tempos históricos e dá suporte (filosófico, psicológico, histórico, etc.) para permanecermos vivos viagem afora sem perder nunca, o amor pela vida.

Vinícius de Moraes, ao tratar de amor, em sua poesia Bilhete, imprime em um dos versos o amor como algo breve, tal aferição também se encontra com Florbela Espanca ao considerar que “tudo no mundo é frágil, tudo passa” em seu poema Fanatismo. Enquanto

isso, Paulo Leminski considera-o como algo que se transforma em matéria-prima. No âmbito poético, em que a subjetividade “lírica” acaba sendo palpável para a existência no mundo, sim, o amor é a arte para todas as artes. E isso é estético, é bonito, é literário, pois é útil para sermos em nós a poesia do amor em tudo o que vivemos e construímos.

Márcia Neves

Escritora, professora, poeta, haijin e colunista das Revistas The Bard e Strophe.



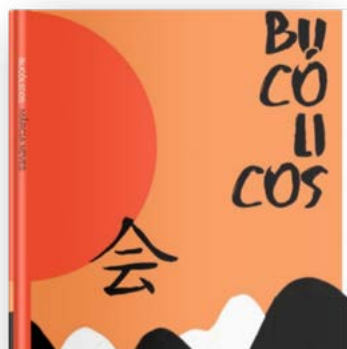
IMAGENS GERADAS POR IA "Midjourney SEAAART AI, sob a direção de Arley Soares Criada em 27/09/2025".

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

**35^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



ALINE ABREU SANTANA



Autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, professora de Português e Literatura, colunista da THE BARD e escritora. Recebeu o título de Comendadora do Brasil, é Doutora Honoris Causa, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e AMLH e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Fundadora do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

Capadócia: Tudo Era Cenário, Tu Era Roteiro

Voar, no fundo, é se desprender do que pesa, mesmo que por alguns minutos. É dar trégua ao chão. É confiar que o ar, invisível, sustenta. Voar é aceitar que o controle nem sempre é seu, mas o percurso ainda pode ser belo.

Acordamos antes do sol. O céu da Capadócia ainda estava adormecido, mas uma inquietação doce pairava no ar. Havia algo naquele breu que antecedia a alvorada. As formações rochosas, esculpidas por milênios de vento e lava, esperavam imóveis, como sentinelas de pedra.

— Tá sentindo esse cheiro? — ele disse, ainda com a voz rouca de sono, puxando o zíper da jaqueta.

— De vento seco ou de eternidade? — respondi, meio rindo.

— De chá com canela... e talvez de um pouco dos dois — ele piscou.
— Aqui tem cheiro de coisa antiga

que a gente nunca viveu, mas já conhece.

— Ou de sonho antigo que a gente tinha esquecido... até agora.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SFAARTAI sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

Ele me olhou com aquele sorriso torto, o mesmo de sempre, mas que agora ganhava um contorno novo, mais silencioso. Era como se o cenário também estivesse escutando nossa conversa.

— Você acha que, quando o balão subir, a gente vai conseguir ver tudo diferente?

— Acho que sim. Ou talvez ver igual, mas com olhos mais altos.

— Isso existe? Olhos mais altos?

— Aqui existe, Lallo. A Capadócia inventa essas coisas.

Ficamos

quietos por um instante, só ouvindo o sussurro dos queimadores enchendo os balões. Lá embaixo, as chaminés pareciam guardar segredos. E lá em cima, os primeiros tons de rosa começavam a colorir o céu.

— Posso confessar uma coisa?

— Lallo perguntou, mais sério.

— Claro.

— Eu sempre achei que voar fosse coisa de gente que quer fugir. Mas agora eu entendo: às vezes a gente voa não pra escapar... mas pra lembrar o quanto gostava de voltar.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

Encostei a cabeça em seu ombro, sem dizer nada. Ele entendia meus silêncios. E naquele momento, voar era só um jeito de repousar o coração no colo do mundo.

Chegávamos cada vez mais perto, após horas por estradas serpenteantes da Turquia, atravessando cidades pequenas, mercados cheios de cores e ruas que exalavam açafrão, chá de maçã e histórias antigas. Cada curva nos levava mais fundo no coração da Anatólia. Era como se o tempo se diluísse, passado e presente misturados como mosaicos nas paredes das cavernas.



— Você reparou na senhora do mercado? — perguntei, enquanto o ronco do motor grave preenchia o silêncio entre uma curva e outra.

— Aquela que nos ofereceu figos secos? — Lallo sorriu de canto, sem desgrudar os olhos da estrada. — Me lembrou minha avó. O mesmo olhar firme de quem já sobreviveu a tudo, mas ainda estende a mão como quem abençoa.

O carro cortava a estrada de pedra com autoridade. Alto, robusto, parecia não pedir licença para passar — ele simplesmente ia. Lallo adorava

esse espírito.

— E o menino? O que te vendia o pingente da lua e da estrela?

— Disse que dava sorte. Que carregava “vento no peito”. Achei bonito... mas não gosto de coisa mística.

— “Vento no peito”... soa como quando a gente pisa em chão estrangeiro e, mesmo assim, se sente em casa.

— Ou como agora — ele respondeu, acelerando suavemente. — Essa estrada que desenha o deserto, esse céu que nos acompanha como cão fiel.

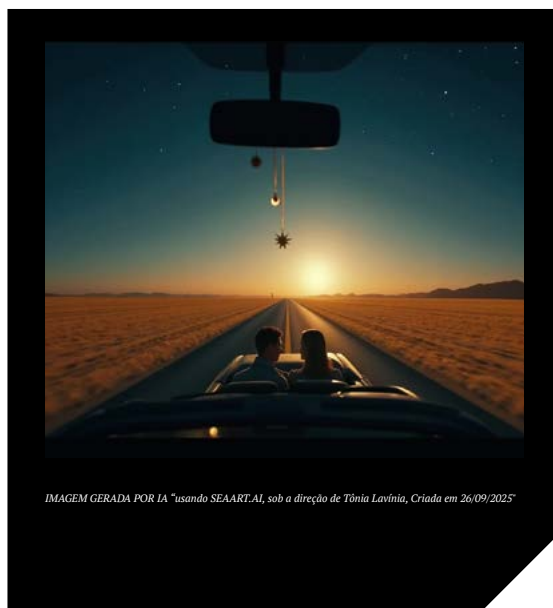


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"



Ficamos em silêncio. O painel iluminava nossos rostos com uma luz âmbar. A paisagem parecia se arrastar devagar, como se também quisesse ouvir a conversa.

— Lallo... você acha que o tempo percebe quando a gente atravessa um lugar assim?

— Acho que sim. Ele se esconde nas coisas pequenas: no cheiro do açafrão, no pó vermelho colado no para-choque, no riso da mulher que nunca vimos e mesmo assim nos chamou de “meus filhos”.

— Você sempre foi assim, bruto por fora, coração de seda por dentro...

Ele olhou de relance, com aquele meio sorriso que fazia a marcha engatar sozinha.

— Eu só fico assim quando tô contigo. Esse carro, esse caminho... tudo é cenário. Mas tu é o roteiro.

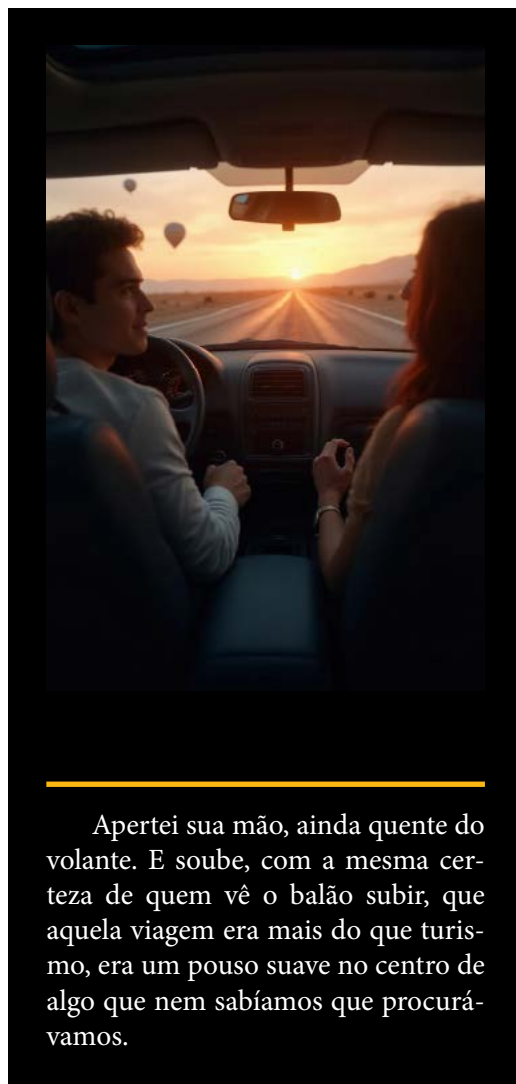


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI-AL" sob a direção de Tônia Lavínia. Criada em 26/09/2025

— Por falar em “meus filhos”, que língua era aquela, hein? — comentei, lembrando da senhora sorridente no mercado.

— Turco, ué. Mas ela falava com a gente como se fôssemos da família — respondeu Lallo, ainda com a mão firme no volante.

— Eu sei... Mas olha, se não fosse pelos cartõezinhos de “Welcome”, os cardápios com bandeirinha e os meninos decorando frases em inglês só pra vender amuleto, a gente tava perdido.

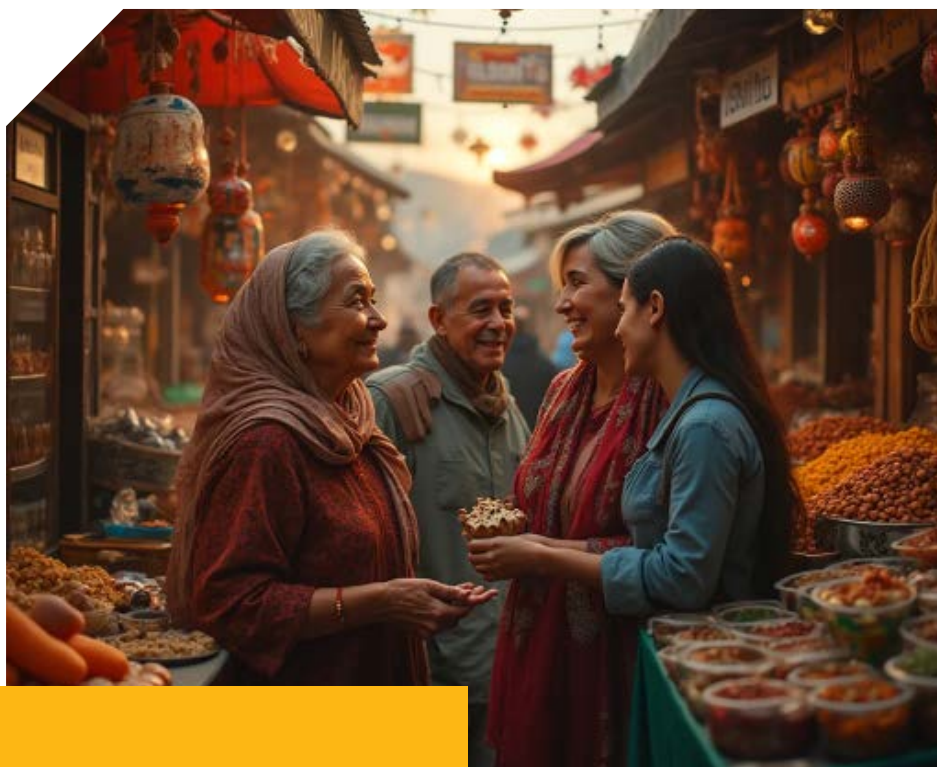


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI-AL" sob a direção de Tônia Lavínia. Criada em 26/09/2025

— Eu até tentei aprender umas palavras, mas parece que o idioma escapa da boca. É como se ele se enrolasse na língua de propósito — disse ele, rindo com o canto da boca. — Só consegui decorar “merhaba” e “çay”.

— O básico pra não passar fome nem sede — completei, rindo também.

O rádio sintonizava uma música turca que parecia misturar todos os instrumentos do mundo e ainda assim soava simples. A gente não entendia uma palavra, mas era como se entendesse tudo.

— Tem algo bonito nisso, né? — continuei. — Es-

tar num lugar onde ninguém fala sua língua, mas mesmo assim você se comunica. Um gesto, um olhar, um pedaço de pão dividido...

— É tipo a gente. Às vezes nem precisa falar. Eu já sei o que você quer só de ver teu olho ficar parado.

— É bonito. É raro.

Olhei pela janela. A estrada começava a subir entre os montes claros da Capadócia. As pedras se erguiam como se dissessem: “chegaram”. E a gente, mesmo sem entender direito o idioma dos homens, parecia falar fluentemente a língua do tempo, da paisagem e do encontro.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

Capadócia. Terra de cavernas esculpidas por mãos humanas e da natureza, de cidades subterrâneas e de silêncios profundos. Mas ali, o silêncio era quebrado pelo som ritmado de grandes balões sendo inflados, cada um deles como um coração prestes a bater, como um segredo prestes a ser revelado.

A palavra “balão”, descobri depois, vem do francês ballon, que veio do italiano pallone. Mas antes de qualquer Europa, já se inflavam bexigas de animais para

cerimônias e jogos na China, entre os astecas. A linguagem, como os balões, também voa: ela flutua entre povos, muda de forma, atravessa fronteiras e pousa onde quiser.

— Qual a graça de subir num balão? — Lallo perguntou, enquanto estacionava o carro numa clareira de cascalho claro, diante de dezenas de estruturas sendo infladas com ar quente e paciência. Lallo era desses, o das críticas doces e cítricas.



— A graça é essa: subir — respondi, saindo do carro e ajeitando o lenço no pescoço.

— A gente vive pisando firme demais, esquecendo que o ar também sustenta.

Ele me lançou um olhar enviesado, meio cético, meio curioso. Caminhamos lado a lado até o campo, onde o tecido dos balões se agitava como pulmões despertando de um

sonho.

— Quer aquele colorido ali? — apontou para um, azul e vermelho, com uma faixa branca que lembrava uma pena em espiral.

— Pode ser. Escolhe você. — mas já sabia que Lallo não escolhia absolutamente nada. Eu é que faria esse trabalho, sempre.

O baloeiro nos recebeu com poucas palavras e um sorriso cansado. Não era preciso muito. A linguagem entre nós se fazia de gestos, de acenos, da entrega de um crachá com nosso nome escrito errado e mesmo assim bonito.

Entramos no cesto com mais

três turistas. O fogo subiu, o pano inflou, e logo os pés da Capadócia estavam ficando para trás.

— Curioso... — disse, observando a linha do horizonte. — Balão vem do francês ballon, do italiano pallone... mas é só em português que a palavra tem esse

som tão redondo, quase infantil. — Como se fosse feito pra caber na boca de criança — completou ele, olhando lá embaixo.

— Exato. A nossa língua tem dessas delicadezas. A palavra “balão” é leve. Parece que já nasce pronta pra voar.

— E a gente aqui dentro dela — disse Lallo, apertando minha mão. — Flutuando no som e na coisa ao mesmo tempo.

Fiquei em silêncio, deixando o vento e a altura me dizerem o resto. A paisagem se abria em fendas largas, tons ocre, casinhas fincadas em pedra. E no fundo da cesta de vime, junto com o calor do maçarico, o idioma do mundo parecia mais simples: olho no olho, palavra certa, mão segurando mão.

E a língua portuguesa, ali entre nós, era esse balão também: uma forma de dizer o que sentimos, sem precisar tocar o chão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

E ali, na terra que carrega a bandeira com a lua crescente e a estrela, eu me peguei olhando para o céu, que começava a mudar de cor, do azul profundo ao rosado quase dourado. As cores da bandeira turca pareciam se espalhar no horizonte. Era como se os balões tocassem o próprio símbolo nacional. A lua, que já tinha se escondido, deixava espaço para uma nova luz: a do dia que nasceria em breve. E nós, suspensos no tempo, éramos também parte dessa bandeira viva.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"



Dentro do cesto, Lallo me segurou pela cintura. Não falamos nada. O silêncio ali era absoluto. E confortável. Era o tipo de silêncio que só partilha profunda permite.

Voar é isso, pensei. É saber estar junto no silêncio. É contemplar. É dar-se o direito de ver tudo de cima — não com superioridade, mas com reverência.

E quando o balão subiu, senti algo dentro de mim também se elevar. Uma memória. Um carinho. Uma certeza: a beleza também sabe calar e não havia nada mais urgente do que viver exatamente aquele momento. Sem pressa. Sem depois. Sem palavras.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2025"

PARA SABER MAIS:

Vocabulário Turco-Português

PALAVRA/EXPRESSÃO EM TURCO	TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS	OBSERVAÇÕES CULTURAIS OU DE USO
Çay	Chá	O çay turco é tradicionalmente servido em pequenos copos em forma de tulipa. É forte, preto e sem leite.
Elma çayl	Chá de maçã	Muito oferecido a turistas. É mais aromático e doce que o tradicional.
Pazar	Mercado	Refere-se a feiras populares ao ar livre, com frutas, especiarias e artesanato.
Kapadokya	Capadócia	Região histórica da Anatólia Central, famosa por formações rochosas, cidades subterrâneas e passeios de balão.

Balon	Balão	Do francês ballon. Refere-se ao balão de ar quente (balon turu = passeio de balão).
Şans	Sorte	Palavra que aparece em pingentes e souvenirs.
Yol	Caminho / Estrada	Palavra comum em placas e conversas durante viagens.
Misafir	Visitante / Hóspede	Muito usada no contexto de hospitalidade turca.
Evlatlarım	“Meus filhos”	Forma carinhosa com que pessoas mais velhas se referem a jovens.

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

Crônica: Cruz e Souza na literatura brasileira



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAIRTAI, sob a direção de Adriana Magalhães, criada em 28/09/2025"

Leitor(a), não duvide: nos momentos de tensão, não seremos devorados pelo mundo. Apenas estamos ganhando uma oportunidade de expandir. Se você não atrapalhar (tanto), a vida operará milagres em sua vida. Melhor ainda será se eles vierem acompanhados de risos.

Excelente leitura!



A espontaneidade é força vital. Ao adotar uma postura aberta à espontaneidade e confiar nos acontecimentos naturais, podem ocorrer mudanças e desenvolvimentos significativos.

Com muita frequência, me vejo tentando controlar as escolhas das pessoas mais próximas e, também, os acontecimentos da vida.

É tanta prepotência, não é? Ingenuidade também. A vida é tão maior do que podemos imaginar e seus caminhos são, em boa parte, impenetráveis.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAIRTAI, sob a direção de Adriana Magalhães, criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Nessa posição humana diante da vida, há uma ironia: “quanto mais desejamos o controle, menos o temos. Quanto mais força, mais cansaço”. E, assim, passam-se os dias.

O inverso é verdadeiro: se a confiança e a entrega são grandes (isso não é ingenuidade), tudo fica mais leve ou, na pior das hipóteses, menos pesado. O fluxo destrava.

Você já reparou que, quando confia (sim, eu sei que é muito desafiador às vezes), a vida faz o trabalho dela e tudo acontece naturalmente?

Dia desses, ouvi assim: “É só deixar a vida fazer o trabalho dela”. Faz sentido, né? Foi mais ou menos isso tudo que aconteceu comigo em um dia comum de avaliação na época em que eu era professora de uma instituição particular de ensino: o alvoroço dos alunos e tantas intercorrências não foram suficientes para me fazer desacreditar da capacidade deles (alunos) de realizarem uma boa prova. Mais do que isso: eu mesma me vi na condição de ser o exemplo de que era possível, sim, escrever um texto sob pressão.

Prova de Redação no 2º B

Bombardeio

— Pro qual é o tema?

— Pro qual é o tema? Por favor! Fala, pelo amor de Deus!!!!!!!!!!

— Pro eu vou roubar a prova: não estou aguentando.

Preciso saber o que.

Tema!

Ah, adolescentes ansiosos. Difícil.

Era uma quarta-feira. Era para ser um dia normal de prova de Redação. Esse é o problema: deveriam escrever uma crônica, terror dos alunos.

Finalmente, entreguei as avaliações. Todos comportados.

Silenciosos. Compenetrados. Cena rara. Esforçados mesmo: bonito de ver! Até me senti orgulhosa deles.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Incontrolável

Alunos desconcentrados: tudo de novo?

— Pro, pelo amor de Deus, crônica É muito difícil!

— Para você, estava rindo porque o texto que você corrigiu é muito bom ou muito ruim?

— Ótimo, né? Se fosse ruim, eu não riria...

— Não? Se fosse eu, riria!

Por instantes, eu tinha esquecido: adolescentes são cruéis!

Digressão

Márcio, o orientador das segundas séries, interrompeu a aula para dar um recado. Como é a vida: tudo sob controle. Só que não. Um desvio de rota basta para o destino mudar.

— Pelo amor, mano, tem alguém conseguindo fazer essa prova?

— Eu estou no terceiro parágrafo. Serve?

— Pro, vai ter que dar mais 10 minutos para terminar, afinal, o Marcio fez a gente perder tempo de prova.

— Eu acho que tem que ser 20 minutos, pro!

— O que? Por favor, pro! Faltam só 10 minutos para acabar.

A aula??? Para você precisa aumentar o tempo: eu não vou conseguir acabar — dizia apavorada uma aspirante a Clarice Lispector.

— Pro qual é o tema mesmo?

— A gente pode pausar o relógio?

— Eu não consigo mais pensar!

—Gente, eu não estou acreditando nisso! O que está acontecendo aqui? Pelo amor de Deus, vocês estão em prova!!!!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Explosão de risos

Aquela altura, eu estava indignada: não com eles; comigo. Que Professora, eu sou quem não consegue exigir silêncio?

Controle perdido. Com eles, também ri muito. Nada, naquela sala de aula, lembrava o peso, a aflição e a tensão típicos de um dia de prova.

Aqui, posso confessar: rir é libertador! Subversão da lógica pré-Estabelecida. Incrédula e atordoada com a cena que se desenhava, avisei.

— Vou escrever uma crônica sobre o que está acontecendo aqui: Merece!

— A gente pode dar o tema para você escrever?

— A gente vai corrigir sua redação, pro.

Nossa. A vida é isso. Rebuliço. Reviravolta. Recomeço. “Vamos que vamos”, né, Matheus? A gente lida. Retoma. Dá conta!

Todos concentrados novamente. Quase não acreditei: parecia um sonho ter meus alunos libertos da

histeria coletiva! Cavavam nas entranhas da própria alma o que escrever: fotografia linda de admirar! Para ser sincera, penso que até fizeram a prova melhor, afinal, estavam relaxados!

O riso aciona novos caminhos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Adolescentes: vida em ebulição

— Acabei, gente!

— Também não...

— Já??? Como pode, professora, você escrever tão rápido?

— Caramba!

— Vai compartilhar com a gente, né, pro?

— Sim, mas, antes, preciso revisar.

— Pro você, respeitou o limite de linhas?

— Não.

— A letra está legível?

— Não.

— Tem certeza de que é uma crônica?

Ali, naquele momento, a única certeza era saber que estar com eles, compartilhando o dom da vida, de modo intenso e leve, é um presente divino. Amo crônicas e amo, também, adolescentes!

Minha gratidão ao segundo B por me fazer rir num momento tão árido e ácido da minha existência. Se soubessem quantas infinitas vezes vocês já me resgataram do lodo e da lama... benditos sejam os abraços que recebo, os beijos carinhosos que ganho, os olhares atenciosos distribuídos amorosamente...

E, assim, nasceu minha crônica: singela e leve como deve ser a vida. Ou, parafraseando (SABINO, Fernando), “assim eu queria minha crônica: que fosse pura como esse sorriso.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Colunista Adriana Moura Salles

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





04



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

Livros proibidos em nossa história!?

“Nenhum morador nestes reinos imprima nem mande imprimir neles nem fora deles obra alguma, de qualquer matéria que seja, sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, após ser vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição.”

Livro 5. Título 102.

Ordenações Filipinas

As Ordenações Filipinas, um conjunto de leis que vigorou por quase dois séculos em Portugal e suas colônias, incluindo o Brasil, foram o ponto de partida para o controle intelectual e a censura na sociedade colonial.

As Ordenações Filipinas, na totalidade, são um conjunto de leis que vigorou em Portugal e no Brasil por um longo período. Elas fo-

ram a terceira grande compilação de leis portuguesas, sucedendo às Ordenações Afonsinas e Manuelinas. O Livro 5, em particular, é dedicado ao direito penal e processual penal, sendo o último livro das Ordenações. É importante lembrar que as Ordenações Filipinas foram um marco na história do direito, trazendo uma organização sistemática para as leis da época e influenciando a legislação brasileira por séculos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMPTAI, sob a direção de Tônia Lunella, Criada em 28/09/2025"

O Livro 5, Título 102, das Ordenações Filipinas trata do direito penal e processual penal. Especificamente, este título aborda questões relacionadas a crimes e seus respectivos julgamentos, seguindo a estrutura do livro que lida com a legislação criminal. Em relação ao Título 102, no Livro 5, ele se insere na parte final da obra, que trata de questões

penais. Esse título era implacável e estabelecia que: “nenhum morador nestes reinos imprima nem mande imprimir neles nem fora deles obra alguma, de qualquer matéria que seja, sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, após ser vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição”. Essa norma legal não somente

plantou a semente da censura, mas também demonstrou uma aliança entre o poder estatal e o religioso no controle do pensamento. O Estado, representado pelos desembargadores do Paço, e a Igreja, por meio do Santo Ofício da Inquisição, atuavam em conjunto para garantir que nenhuma ideia (política, científica ou religiosa) subvertesse a ordem estabelecida.

Conforme o historiador Ronaldo Vainfas aponta, o poder da Inquisição no Brasil se manifestava de maneira sutil, controlando a circulação de livros considerados “heréticos”, como a enciclopédia de Diderot e d'Alembert. A leitura, portanto, não era vista como um direito, mas sim como um privilégio que precisava ser constantemente monitorado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

A censura cultural na colônia

A censura de livros no Brasil colonial, mais do que uma questão moral ou religiosa, foi uma estratégia de controle econômico e político. Representava uma das formas de a Coroa Portuguesa manter o domínio sobre a colônia, garantindo que o Brasil continuasse sendo somente uma fonte de matérias-primas.

Em 1747, a Coroa Portuguesa tornou oficial o que já acontecia informalmente: limitou a impressão de livros à metrópole, como narra o escritor Luiz Edmundo em sua obra *Olhando para Trás*. Essa medida, que já existia desde 1695, tinha um objetivo claro: impedir que o Brasil desenvolvesse uma indústria gráfica. O autor explica que essa medida remonta a 1695 e tinha caráter meramente econômico, a fim de que as colônias produzissem meramente matérias-primas. O objetivo da censura era manter o status quo: os colonos deveriam ser somente mão de obra, não intelectuais. Para a Coroa, o progresso intelectual era sinônimo de risco. O historiador Laurence Hallewell, em *O Livro no Brasil: sua História*, afirma que essa política transformou o país em um “deserto cultural”. A circulação de ideias era restrita, e a leitura, um ato de resistência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

Essa realidade demonstra a importância da liberdade de expressão e do acesso ao conhecimento para o desenvolvimento de uma nação. A censura não somente limitou o acesso ao saber, mas, sobretudo, restringiu o acesso cultural aos mais abastados, que traziam livros da Europa.

Livros defesos

O adjetivo “defeso”, que quer dizer proibido, vedado, interdito por lei ou regulamento, é atualmente usado para a proibição de pesca em regiões de vulnerabilidade ambiental, mas já foi usado para livros. No período colonial, era crime somente possuir um “livro de defesa”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

De acordo com Emanuel Araújo, muitas eram as instâncias que poderiam rotular um livro: primeiro a prescrição do Bispo, depois a do Santo Ofício da Inquisição e, por último, a régia, efetuada pelo Desembargo do Paço, normalmente apoiada nas Ordenações Filipinas.

Caso fosse reprovado por uma dessas instâncias, o

livro já não poderia ser publicado.

Os livros liberados tinham de receber uma espécie de selo, com a inscrição da aprovação nos seguintes dizeres em sua folha de rosto: “Com as licenças necessárias”, ou ainda em latim “Nihil obstat, imprimatur”, significando “Imprima-se”, ou “Sem impedimento para impressão”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

História da censura de livros

Quem criou a primeira regra de censura a livros foi o papa Inocêncio VIII, em 1487, pela lei eclesiástica pela bula Inter multiplices.

Em 1547, o inquisidor-geral, o cardeal infante Dom Afonso, passou a criar listas de livros proibidos. Essas listas impressas circularam com os seguintes

títulos:

- Este é o rol dos livros defendidos (1551);
- Rol dos livros defendidos nestes reinos e senhores de Portugal (1561);
- Rol dos livros que neste reino se proibem (1564).



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

Em Portugal, o primeiro documento relativo à censura de livros foi um alvará de Dom Afonso V, de 18 de agosto de 1451, dirigido aos “corregedores, juízes e justiças dos nossos reinos”, no qual ordenava certos livros “reprovados por falsos heréticos”, ademais traduzidos e que por muita gente “escondidos em suas casas” deveriam ser todos queimados.

Em 1603, a censura passou a constar das Ordenações Filipinas, exigindo-se que “nenhum morador nestes reinos imprima nem mande imprimir neles nem fora deles obra alguma, de

qualquer matéria que seja, sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, após ser vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

No século seguinte, por inspiração do marquês de Pombal, unificou-se em órgão único o sistema de três instâncias, com a criação da Real Mesa Censória, composta de eclesiásticos (entre eles um inquisidor) e de funcionários leigos. Posteriormente, por decreto de 21 de junho de 1787, esse órgão foi substituído pela Comissão Geral para o Exame e a Censura dos Livros, criada. Durou até 17 de dezembro de 1793, quando outro decreto aboliu a Comissão Geral e restaurou o sistema das três instâncias pensado por Pombal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

Um exemplo de livro proibido

O livro proibido mais lido no Brasil colonial, conforme os documentos inquisitoriais, foi Diana, título pelo qual ficou conhecida a obra deveras popular no período, Los siete libros de la Diana, de Jorge de Montemayor. Esse era um romance pastoril publicado em 1559, que mesclava temas pastoris com temas de cavalaria, a evasão bucólica e o ideal guerreiro. A censura deve-se ao assunto tratar de casos de amor que se justapunham na trama.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

Em 1581, a justificativa dos inquisidores para a proibição de Diana usava como exemplo para outros livros: “recomenda-se a todas as pessoas que se abstenham da lição dos livros em que há desonestidades ou amores profanos.” Este exemplo é a prova de que a censura de livros era tão rigorosa e atenta, que ultra-

passava os temas comumente mencionados como alvos da Inquisição imposta pela metrópole portuguesa e pela Igreja Católica no período colonial brasileiro. As obras condenadas à fogueira não se restringiam às que tratavam dos temas de protestantismo, feitiçaria e astrologia. Também eram vetados textos de “pervertidos filósofos” e de natureza diversa, desde que pudessem levar à perturbação política e social em quaisquer instâncias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

À guisa de conclusão

Parece passado, mas ainda há quem censure o que uma comunidade deve ou não ler. Com justificativas de cunho religioso ou ideológico, a censura revela o autoritarismo e a tentativa de subjugar pessoas com seu assentimento pelas vias da razão. Vale, portanto, retomar esse contexto histórico brasileiro para termos discernimento diante das seleções de conteúdo que possam ser aceitas como “normais”.

A história do Brasil, de suas raízes coloniais até hoje, é, portanto, marcada por uma batalha silenciosa e persistente: a luta pela liberdade de expressão e o constante embate com a censura. A ideia de proibir livros, de ditar o que um povo pode ou não ler, não é um fantasma do passado, mas uma som-

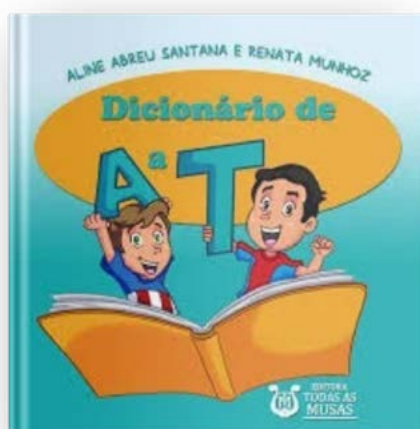
bra que, de tempos em tempos, manifesta-se novamente. Compreender as origens desse controle é crucial para podermos reconhecer suas manifestações atuais e defender a autonomia do nosso pensamento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2025"

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.



O AMOR COMO DIREITO



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/09/2025"

O amor, para alguns, é um sentimento nobre, especial, singular; para outros, é sinônimo de atração física, desejo, tendência ou instinto. Há quem diga que é impossível definir o amor e outros acham que o amor é um pouco de tudo. Na maioria dos dicionários, a definição de amor se relaciona tanto com a ideia de um “sentimento” como a de um “ato”, inclusive “sexual”, reafirmando o quanto a expressão pode ser usada e compreendida sob pontos de vista tão diversos.

Diante disto, certamente, quem melhor expressou as contradições do “amor” foi Camões, um dos mais brilhantes poetas portugueses, quando em seu célebre soneto, destaca que o “amor é um fogo que arde sem se ver; é ferida que dói, e não se sente; é um contentamento descontente; é dor que desatina sem doer

(...) e por aí ele seguiu demonstrando as nuances do que seria o amor.

De fato, parece que Camões tinha razão. O amor pode ser tudo isto. Mas algo nos faz crer que, por experiência própria, o poeta foi tocado no mais profundo de sua alma e, somente ao sentir o amor, foi capaz de descrevê-lo com tal encantamento, nos brindando com seus versos.

Com isso, entendemos que poucos conseguem com palavras descrever o amor. A menos que tenham vivido uma experiência desenhada sob a luz desse sentimento tão efêmero e imprescindível à vida humana. Fora disso, tudo que há são ilações que nem sempre conseguem traduzir aquilo que só se entende bem, quando se vive.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/09/2025"

AMOR E PONTO!

Achamos estranho que o amor sozinho não baste; que seja necessário adjetivar o amor para compreendê-lo. Amor romântico, sensual, platônico, etc. Acreditamos que o amor não necessita de qualificações ou explicações. Não há funções ou porquês para o amor ser amor; ele se basta a si mesmo.

A busca por explicar ou qualificar o amor incorre em erros gigantescos. Quando alguém procura qualificar o seu amor, em geral, está desqualificando o amor do outro porque julga o seu amor melhor, correto, adequado. Desse modo, é que se ousa falar do que não se conhece, não se sente ou nunca experimentou.

Na mesma esteira dessa incoerência, é preciso destacar os que, em nome de um suposto amor, maltratam, perseguem,

ameaçam e matam. Do mesmo modo, são indivíduos tentados a desqualificar o que pertence somente ao outro, pois que cada um - de modo saudável -, sabe o que sente e o que não sente, o que quer e o que não quer, o que deseja e o que não deseja. Logo, não cabe a ninguém decidir o que alguém deve ou não sentir, viver ou aceitar.

Entretanto, em pleno século XXI, numa atitude narcisista, ainda é possível identificar pessoas, grupos, instituições e movimentos, capazes de defender tais perspectivas; que se colocam como juízes dos sentimentos alheios e, portanto, se atrevem a opinar sobre o que não lhe pertence; decidir sobre a vida do outro e usar o santo nome do amor em vão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/09/2025"

AMOR E INCLUSÃO

Diante de tantos devaneios coletivos sobre temas diversos, o amor não escapou. Por isso, ainda hoje, alguns grupos vêm sofrendo perseguição e discriminação, tentando seu direito de amar cerceado. Aqui damos destaque para as mulheres, a comunidade LGBTQIAP+ e as pessoas com deficiências como aqueles que mais sofrem em nome do amor, pois há muito vivenciam uma história de desqualificação de seus sentimentos e no modo como amam e se expressam.

Sobre as mulheres, a realidade é sombria, pois, os dados do Mapa da Segurança Pública do governo federal indicam que quatro (4) mulheres são assassinadas por dia no Brasil e que o número de estupro aumentou 25,80% nos últimos cinco (5) anos. Em geral, são seus companheiros os assassinos ou principais suspeitos dessa violência que não atinge somente o corpo feminino, mas, toda a vida da mulher.

“

“Amar, para muitos, ainda é um ato de coragem – um gesto de resistência diante de uma sociedade que tenta impor limites ao afeto e à liberdade de ser.”

”

Em termos legais, a Lei 14.994 (Brasil, 2024), significa algum avanço ao transformar o feminicídio num crime autônomo e sua pena variando de 20 a 40 anos de prisão. A mesma lei estabeleceu alguns agravantes para o crime de feminicídio, especialmente quando cometido sob certas condições, como exemplo: na presença de filhos ou ainda quando tentado ou consumado nos três meses após o parto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/09/2025"

Com isso, espera-se que os dados mudem, diminuindo a incidência de crime tal absurdo, entretanto, embora a lei seja recente e não tenhamos dados para avaliar sua repercussão, estamos cientes de que ela sozinha não é suficiente para mudar a realidade, é preciso agir para coibir a cultura marxista que faz escola no Brasil e para tanto, é preciso investir em educação para a não violência desde a infância, ensinando as crianças a ver o amor como princípio e o amor do outro como um direito.

Sobre a violência contra a comunidade LGBTQIAPN+, é muito triste reconhecer que o Brasil é o país que mais mata pessoas desse grupo, chegando a ter um aumento de 42% no número de assassinatos o ano passado, segundo dados do Grupo Gay da Bahia, uma ONG que faz esse acompanhamento há mais de quatro décadas. A ONG adverte que, além dos assassinatos, os indícios da violência e do abandono que a comunidade sofre podem ser vistos no aumento crescente dos casos de suicídio.

De fato, ninguém atenta contra a própria vida sem que esteja em profundo sofrimento mental e que não se sinta apoiado, amparado e protegido. É sabido que a comunidade LGBTQIAPN+ começa a sofrer violência e desrespeito mesmo dentro da própria família e que isso se amplia para outros espaços sociais. Portanto, o suicídio é um indicativo de sofrimento, de dor, abandono e de exclusão. Cabe, pois, a toda a sociedade rever seus valores e falar menos sobre o amor e agir mais inspirada por ele.



Sobre as pessoas com deficiências (PcD) ainda se observa muito preconceito e discriminação quando o assunto é amor. A princípio, se percebe que desde sempre a sociedade se pauta na falsa ideia de que pessoas com deficiências são "eternas crianças", logo, sendo assim, não lhes é dado o direito de expressar seu amor, a não ser pelos próprios pais, por quem serão protegidas e cuidadas eternamente.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/09/2025"



Embora saibamos que a lei não é suficiente para mudar a realidade e que seja preciso buscar a formação de novas mentalidades por meio da educação, ficaríamos felizes se houvesse uma lei brasileira para o amor, defendendo que “todos somos iguais perante o amor e de que não pode haver nenhum tipo de discriminação ou preconceito para os que amam”.

É evidente que não há nenhum fundamento nestas ideias e que sendo vistas desse modo, as Pessoas com deficiências são desrespeitadas em suas individualidades. Não é mais violento do que ter os sentimentos negados. Em geral, são mal compreendidas como se não fossem capazes de amar e se relacionar. Por conseguinte, namoro, casamento, gravidez, família, etc. são temas proibidos nas famílias e na escola, quando as pessoas com deficiência desejam validar suas dúvidas.

Fica evidente a presença de formas distintas de preconceitos nestas concepções e práticas. Contra a mulher temos o machismo; contra a comunidade LGBTQIAPN+ temos a homofobia e a transfobia; contra as PcD temos o capacitismo. O preconceito leva à violência e na base dessa violência está a ideia de que existe um jeito certo de amar e, portanto, tudo o que difere está errado. Os modelos de amor que fogem ao padrão são combatidos ou eliminados.

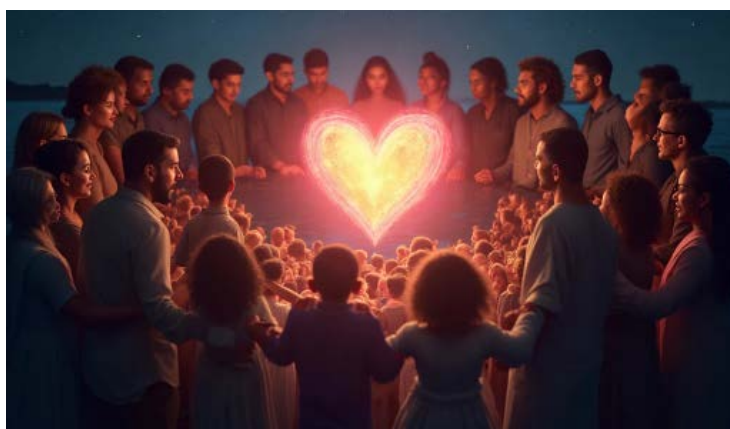


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/09/2025"

Colunista Sandra Santiago

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

CRUZ E SOUSA EM ALGUMAS PALAVRAS

Cortes da Literatura em Textos

É com alegria que venho discorrer sobre temas que aprecio e trago para a maravilhosa revista @thebard, a qual agradeço pelo espaço que me é concedido. Agradeço tam-

bém aos estimados leitores que me acompanham por aqui. É muito importante este canal de conhecimento que a citada revista nos proporciona, abrindo caminhos para novos talentos.

Uma Pequena Biografia do Enigmático Poeta Cruz e Sousa

Descendente de escravos, o poeta-oximoro, herdeiro e profundo conhecedor da cultura letrada, segregado pela cor e por ser personagem principal de um movimento que o poeta marginal dos anos 70 chama de “underground”, e que em muito o influenciaria: o simbolismo.

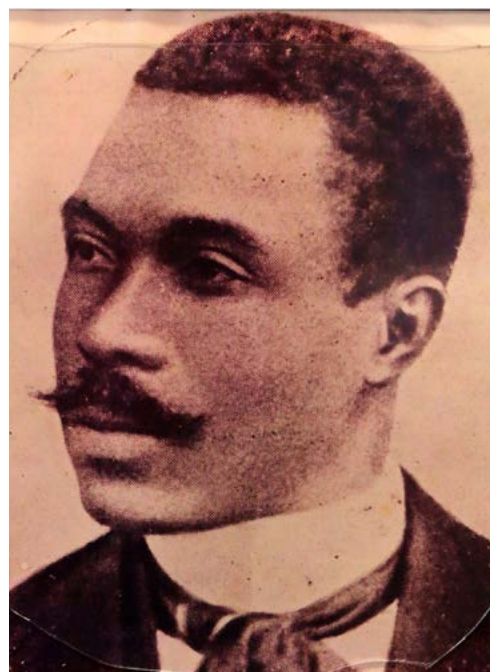


Imagem: Cruz e Sousa de NSC Total por Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Filho do escravo Guilherme Cruz, mestre pedreiro, e de Carolina Eva da Conceição, ex-escrava, João Cruz nasceu em 24 de novembro de 1861, escravo pelas leis do Império. O futuro que lhe esperava haveria de ser, de acordo com sua posição social e ascendência, um pedreiro como o pai, vendedor ambulante, estivador ou carpinteiro....

Ninguém contava, no entanto, com o inesperado:

O proprietário de seu pai, o marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa, Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, por não terem filhos e tomados de amor pelo menino de sangue africano sem mistura, receberam-no como pais no seio do seu lar. O filho de Guilherme (escravo) era, agora, o filho de Guilherme (marechal do Império). Na confusão dos nomes, pai escravo e pai senhor com o mesmo nome, a ironia.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"



"Eu brasileiro confesso
minha culpa
meu pecado
Meu sonho de cada dia
tropical melancolia
Negra solidão"
(Torquato Neto) Margália II



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Com sua rebuscada educação por intermédio da sua nova família, Cruz aprimorou o que já estava latente em seu mais profundo ser.

CRUZ nasceu Poeta!

João Cruz e Sousa nasceu em 24 de novembro de 1861 em Nossa Senhora do Desterro - SC. Foi um poeta brasileiro, reconhecido como primeiro e principal expoente do simbolismo no Brasil. Foi um expoente na causa abolicionista, pelo que recebeu as alcunhas de Dante Negro, Cisne Negro e poeta Negro. Introduziu o simbolismo no Brasil em 1893, com seus poemas e prosas poéticas. Foi reconhecido no Brasil por Luiz Gama, Olavo Bilac e muitos outros intelectuais.

Morreu em 19 de março de 1898, em Minas Gerais.

"Vou botar minha cabeça
em alguma linha solitária da
estrada de ferro.

Tomara que o trem das de-
zenove acalme a minha mente".

(Cruz) em Blues Da Estrada
de Ferro

Fosse um negro
norte-americano, Cruz te-
ria inventado o Blues.

O Blues marcava a ex-
pressão da sua pena. Sen-
timento de melancolia,
dor, saudade, um misto in-
ominável, eternizado na pa-
lavra que tudo abrange.

Assim como o "banzo"
que agrupa tantos senti-
mentos e historicamente
situado dos negros brasilei-
ros, sob o estatuto da es-
cravidão.

Escravo com "banzo"
não trabalha, porque "ban-
zar" é uma versão africana

do verbo pensar. Banzar era
ficar triste, triste de morrer.

Que céu, que inferno,
que profundo inferno, que
outros, que azuis, que lágri-
mas, que risos, quanto ma-
goado sentimento eterno.
Nesses ritmos trêmulos e
indecisos...

"Cruz e Sousa" em Vi-
olões que Choram

Uma das palavras fa-
voritas de Mallarmé, um
dos pais do simbolismo,
era "azul", "l'azur", "blue",
"Blues", uma música azul
chamada tristeza....



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Cruz Nasceu Poeta

Mesmo em suas preco-
ces e "verdes" produções, há
sempre um toque de genia-
lidade denunciando o poeta
que desponta.

Há rimas, um jogo de
palavras, um pensamento
profundo, tudo emergia de
um poeta de origem.

O protegido do ma-
rechal, cedo, eclipsou os

colegas com sua avidez
pelos estudos e rapidez de
aprendizado. Um menino
brilhante, um destaque, um
poeta.

Tudo despontou numa
época em que o mundo era
racista, o que levou toda
uma sociedade "branca" a
engolir seus infames pre-
conceitos. Um SALVE à arte
que "salva"!

Vida e Obra entrelaçadas

A arte nem sempre imita a vida, muitas vezes a arte é a própria vida.

A obra de Cruz de Sousa nasce do sofrimento, seus dilemas existenciais não apenas moldaram sua produção literária, mas também a elevaram a um patamar de profundidade filosófica e subversão estética. Sua genialidade, manifestada na erudição e na refinada linguagem estava em constante atrito com as barreiras sociais da época.

Sua contribuição reside em ter utilizado a estética simbolista, com ênfase na subjetividade e no misticismo, como um veículo singular para expressar uma angústia universal e a profunda dor de um trauma enraizado na experiência AFRO-BRASILEIRA.

Colhi os versos que são o epitáfio de Cruz, que lindos versos!

“Quem florestas e mares rasgando E entre raios, pedradas e metralhas, ficou gemendo, mas ficou sonhando”.

O epitáfio de Cruz e Sousa foi escrito por ele mesmo, pois sua obra mais célebre, “Derradeiro” é um poema que funciona como um epitáfio para um indivíduo e que foi escrito pelo próprio autor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

A Influência da Poesia na Sociedade

Sou amante da Literatura e apaixonada pela Poesia, por isso gosto de ressaltar a influência dessa arte na vida e no desenvolvimento de uma sociedade.

Redundâncias à parte, viver neste mundo sem ser atento às sutilezas do cotidiano seria viver sem contemplar. Contemplar também é uma forma de sentir. Sentir é uma mola propulsora da arte em todos os seus aspectos.

Falando em Poesia, ressalto uma pesquisa que indica:

- Proporciona conforto e alívio emocional;
- Expressa ideias e emoções promovendo reflexões críticas;
- Inspira mudanças;



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

- Liberta o indivíduo, permite a expressão de emoções profundas e complexas ajudando às pessoas a processarem seus sentimentos;

- Dá voz aos marginalizados - Os poetas têm a capacidade de denunciar injustiças, levantar questões políticas e dar voz a grupos historicamente marginalizados;

- Promove a conexão - Ao compartilhar experiências e perspectivas, a Poesia cria um senso de comunidade e validação;

- Saúde e Bem-estar - A poesia pode servir de refúgio ao poeta que precisa de pausas entre o correr da vida;

- O ato de ler e escrever é terapêutico, a poesia tem um poder restaurador, o que contribui para o bem-estar do indivíduo.

Como não relacionar um bom livro ao sentimento de satisfação que ele nos proporciona?

Além do aspecto cultural, no auxílio do desenvolvimento da linguagem e ferramentas que ampliam a visão de mundo, uma boa leitura nos refaz em dias turbulentos. Aguça a imaginação e nos leva a refletir sobre a condição humana em perspectivas que antes não visualizávamos.

Como disse o amado poeta Manoel de Barros:

“Poesia é voar fora da asa”.

Ressignifico aqui, que a leitura também é voar fora da asa.

Como o tema do artigo é Cruz e Sousa, estendi o assunto aos benefícios da leitura e da escrita. Tudo está relacionado, tudo está amalgamado pelas mãos da arte.

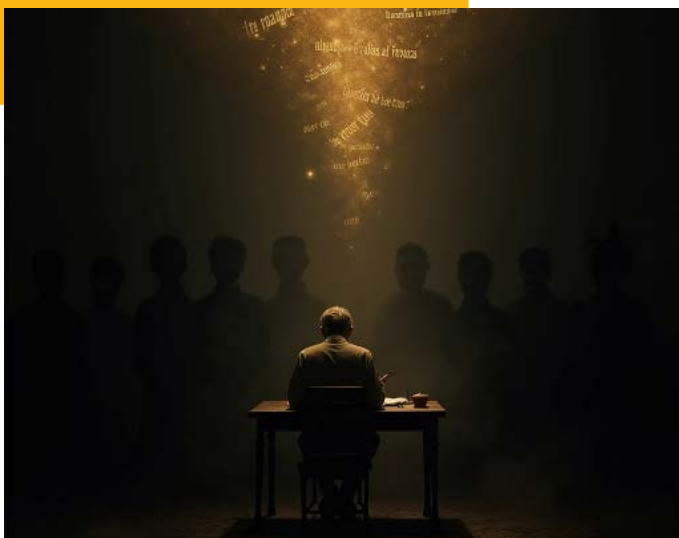


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 28/09/2025"

Sobre o legado de Cruz e Sousa

Vida e obra são inseparáveis. Cruz adaptou a estética do movimento para expressar a dor e as adversidades de sua própria existência.

A glória póstuma do poeta é uma prova de sua genialidade ao mesmo tempo, em que serve como uma crítica à sociedade que o negligenciou em vida.

O legado de Cruz e Sousa, portanto, é a afirmação de que a literatura brasileira deve reconhecer vozes como a dele para que se possa compreender plenamente a identidade cultural multifacetada do país.

Sua poesia continua sendo um paradigma nesse sentido.

Muito temos a aprender com os erros do passado. É comum que um autor ou artista receba seu reconhecimento somente após sua morte, quando não estará presente para desfrutar disso. Um dos fatores que contribuem para isso é que a morte de uma figura pública, especialmente de um artista,

gera uma onda de notícias e homenagens. Esse ciclo de notícias direciona a atenção do público para sua obra.

A morte, de certa forma, transforma o escritor em um mito, o que pode despertar curiosidade e gerar um interesse renovado.

Na contramão disso tudo, podemos incentivar o autor em vida. Nos dias atuais, podemos apoiar novos autores e artistas em suas mídias sociais, sites e blogues. Espalhar sua arte compartilhando e ajudando a trazer visibilidade por meio dos nossos veículos de comunicação virtual.

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Conclusão

“A arte existe porque a vida não basta” Ferreira Gullar

Isso diz tudo.

Meu abraço aos queridos leitores e meu agradecimento a todos.

Elke Lubitz

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

**35^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



COLUNA Raízes DE MOÇAMBIQUE

12



Dany Amado Vasco



Danny Amado Vasco, conhecido pelo pseudônimo Danny Oficina das Artes, nasceu em 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué, na província da Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais assim como internacionais. É o mais novo colunista representante da “Revista The bard” em Moçambique.

Raízes de Moçambique nasce como um espaço de celebração da memória, identidade e herança cultural do povo moçambicano. Num tempo em que a globalização ameaça diluir as vozes locais, esta coluna vem lembrar, resgatar e valorizar os traços mais profundos que compõem o nosso ser coletivo. Nesta edição de estreia, destacamos o artigo “**Mussiuro como Fonte Cultural em Moçambique**”, que explora não somente a beleza estética dessa prática ancestral, mas também os seus significados sociais e espirituais nas comunida-

des do norte do país.

A coluna inclui ainda **poemas traduzidos para a língua Chona**, um gesto de resistência linguística e literária que honra a riqueza da nossa oralidade. Acreditamos que a arte, quando falada na língua do coração, consegue unir, curar e educar. “**Raízes de Moçambique**” é um convite ao reencontro com o que somos, com as histórias que nos formaram, com os símbolos que nos unem.

Porque conhecer as raízes é fortalecer o tronco.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAARTAI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 01/10/2025”



Amostra de mussiro: arbusto que vegeta em habitat seco e rochoso — Imagem: Phyto Images



Mussiro como Fonte Cultural em Moçambique



Imagem de Ilhas do Norte de Moçambique por Google

O **mussiro** é mais do que uma pasta branca aplicada ao rosto — é um símbolo vivo da cultura moçambicana, especialmente entre as mulheres das comunidades macuas e outras etnias do norte do país. Com uma história que remonta a séculos, o mussiro carrega em si significados sociais, rituais e estéticos que atravessam gerações.

Origem e significado. Tradicionalmente feito a partir do caule ou raiz de uma planta chamada *n'siro* (nome origi-

nal do mussiro), o pó é misturado com água até formar uma pasta espessa. Quando aplicado no rosto e corpo, o mussiro tem propriedades calmantes e protetoras para a pele, mas sua função ultrapassa o cuidado estético. Culturalmente, o uso do mussiro estava ligado a ritos de passagem, como a puberdade, preparação para o casamento ou luto. Em algumas regiões, usá-lo também indicava que a mulher estava comprometida ou se encontrava em recolhimento espiritual.

Expressão de Feminilidade e Beleza. Nas comunidades onde o mussiro é utilizado, ele é também uma forma de expressão da feminilidade. Sua aplicação delicada transmite pureza, respeito pelas tradições e elegância. Jovens moçambicanas ainda hoje se orgulham de vestir o rosto com mussiro em eventos culturais, danças tradicionais e até sessões fotográficas.



Imagem de Guia Turístico de Moçambique por Google

Resistência Cultural. Num mundo cada vez mais influenciado pela modernidade e padrões ocidentais de beleza, o mussiro sobrevive como símbolo de resistência cultural. Preservar a tradição oral e visual é fundamental para manter a identidade dos povos cujas histórias são construídas sobre esses ali-
cerces culturais.

Imagem de Ernânio Samuel Mandate por Google



Mussiro Hoje

Hoje, o mussiro é resgatado como elemento de orgulho cultural. Pode ser visto em desfiles, feiras de arte, projetos fotográficos e iniciativas educativas. Mais do que uma prática do passado, ele se transforma em ferramenta de empoderamento feminino e afirmação cultural.

"O mussiro é a memória viva da ancestralidade moçambicana — um espelho branco onde o tempo reflete beleza, identidade e tradição."

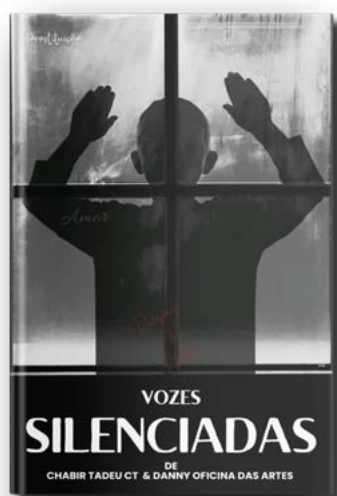


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE





Danny Amado Vasco, conhecido pelo pseudônimo Danny Oficina das Artes, nasceu em 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué, na província da Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais assim como internacionais. É o mais novo colunista representante da “Revista The bard” em Moçambique.

PORTUGUÊS **ELA TREMIA E GEMIA**

Ela tremia e gemia... , mas não de dor,
Era a mente em delírio, fogo aceso,
Nas dobras do pensar, no vão do ardor.
O desejo fluía em tom indefeso.

Não era o corpo só que ali queimava,
Mas a alma em febre, em gozo e loucura.
Entre silêncios, a razão dançava.
Numa nudez crua, doce e tão pura.

O verbo gemia entre os seus sentidos,
A carne pensava, os olhos calavam,
E os segredos vinham, todos perdidos.

A mente, em espasmos, revelava a vida:
Prazer e dor, num laço entrelaçados.
Gritos do ser em pele traduzida.

DIALETO CHONA **AIDEDERA ACHICHEMA**

Akadedera uye akachema ... asi kwete nekurwadziwa.
Dzaive pfungwa dziri mudelirium, moto wakabatidzwa,
Mumirangariro, mugomba reshungu.
Chishuwo chakayerera nenzwi risina kuzvidzivirira.

Wakanga usiri mutumbi chete, wakatsva ipapo.
Asi mweya uri mufivha, mukufara nekupenga.
Pakati pekunyarara, pfungwa yakatamba
Mukushama mbishi, kutapira, uye kwakachena.

Shoko rakachema pakati pepfungwa dzake,
Nyama yakafunga, maziso akati zii.
Uye zvakavanzika zvakauya, zvose zvakarasika.

Pfungwa, muma spasms, yakaratidza hupenyu:
Mufaro uye kurwadziwa, zvakapindirana muchisungo,
Mhere mhere yemunhu ari muganda rakashandurwa.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Famas Redol Arone, 26 anos, nascido a 25 de junho de 1999, é escritor, professor, activista, palestrante, empreendedor e estudante de comunicação aplicada ao jornalismo e marketing. Membro fundador e actual presidente da LIFE — Associação para o Impacto Social. Dedica-se à escrita desde 2016, tendo obras em preparação e com lançamento previsto para breve, nomeadamente A Serpente Domada, És a mulher que escolhi e Sons de Liberdade. Participou, ainda, da antologia “Carta para Deus”, publicada no Brasil.

PORTUGUÊS LAMENTO DE MARIA

Oh, Maria, Maria...!
Filha, tua te foi levada.
Não pelo tempo,
Mas pela mão da feiticeira.

Adoeceu, tua flor.
E ao hospital, a confiaste.
Mas a ciência não escutou teu clamor.
Tivesse tu sabido...
Não a darias aos remédios cegos,
Que só pesaram sobre o seu peito leve.

Faleceu em teu lugar, Maria,
Diziam — os pecados eram teus.
Mas ela era só menina!
Nem dentes tinha ainda.
Do leite que lhe deste,
E já tombava o corpo dela,
Sem ter vivido o sol primeiro.

Talvez não fosse culpa tua,
Talvez invejaram o brilho da tua filha,
Que poderia ser doutora,
Ou talvez pintora das cores do mato.
Olhaste-a sem medo.
Não querias glória nem luz —
Querias só amor na casa e paz no ventre.

Continua no site...

DIALETO CHONA KUCHEMA-KWAMARIA

Oh, Maria, Maria...!
Mwanasikana wako akatorwa kwauri,
Kwete nenguva,
Asi neruoko rwehuroyi.

Akarwara, ruva rako.
Uye wakamupa kuchipatara,
Asi sainzi haina kunzwa kuchema kwako.
Dai waiziva...
Ungadai usina kumupa mishonga yemapofu.
Zvaingoremera zamu rake rakareruka.

Akafira panzvimbo yako, Maria,
Vakati—zvivi zvaiva zvako.
Asi aingova musikana!
Akanga asati ava nemazino
Kubva pamukaka wamakamupa.
Uye muviri wake wakanga watodonha,
Pasina kutanga ndaona zuva.

Pamwe yanga isiri mhosva yako,
Pamwe vaiitira shanje kungwara kwemwanasikana wako.
Ndiani angave ari chiremba,
Kana kuti zvichida mupendi wemavara emusango.
Wakamutarira usingatyi.
Hamuna kuda kubwinya kana chiedza;
Waida rudo chete mumba uye rugare mudumbu.

Continua no site...

FACEBOOK



POST NO SITE





Tomasia Augusto, escritora, autora do livro “De mulher a dona de casa”, que será publicado em breve, é escritora desde os 15 anos. Nasci em 01 de novembro de 2005, sou estudante universitária, da província de Manica, em Gondola.

PORTUGUÊS **“EU SOU MAIS”**

Sou uma menina.
De uma família pobre,
Mas isso não me define.

Sou feita de sonhos altos,
de vontades que não cabem no silêncio;
de um desejo imenso de crescer.

Quero alcançar meus objetivos,
Mas sei: É preciso estudar.
Trabalhar. Insistir. Resistir.

Às vezes, paro —
E me pergunto se faço o bastante.
Outras vezes, admiro quem chegou lá.
E me vejo tentando também.

Quero ser escritora.
Palavras moram em mim,
Mas preciso aprender a libertá-las.
Vencer a preguiça,
abrir livros como quem abre portas
E escrever como quem acende luzes.

Sei que não estou sozinha —
Há mãos que me apoiam,
Mas a caminhada é minha.

Continua no site...

DIALETO CHONA **NDIRI NANI**

Ndiri musikana
kubva kumhuri ine urombo,
asi izvozvo hazvitsananguri ini.

Ndakagadzirwa nezviroto zvikuru,
zvezvishuwo zvisingakodzeri mukunyarara,
yechishuwo chikuru chekukura.

Ndinoda kuzadzisa zvinangwa zvangu,
asi ndinoziva: Ndinofanira kudzidza,
shanda, shingirira, kuramba.

Dzimwe nguva, ndinomira—
uye hameno kana ndiri kuita zvakakwana.
Dzimwe nguva, ndinoyemura avo vakazviita,
ndozwiwana ndaedzawo.

Ndinoda kuva munyori.
Mazwi anogara mukati mangu.
asi ndinofanira kudzidza kuvasunungura,
kukunda usimbe,
vhura mabhuku semunhu anovhura magonhi,
uye nyora semunhu ari kubatidza mwenje.

Ndinoziva kuti handisi ndega—
kune maoko anonditsigira,
asi rwendo ndorwangu.

Continua no site...

FACEBOOK



POST NO SITE





Fole de Murraça nasceu a 11 de maio de 1998, em Murraça-Caia, província de Sofala. Amante da literatura, começou a escrever poemas desde o ano de 2016 como uma forma de expressar os seus sentimentos, desde dor, amor e celebração. Em 2018, formou-se no curso de Jornalismo e Comunicação (básico) pela APEC. Estudante de Licenciatura em Filosofia com habilitações em Ética pela Universidade Licungo. É membro do Clube de Leitura Mussangano Wezidzi.

PORTUGUÊS EU, PARA LÁ, NÃO VOLTO

Fecho os olhos e lembro do sofrimento e da dor.
Uma vida amarga, noites sem sabor.
Vejo um povo oprimido, sangue jorrando e formando rio,
Enquanto isso, crescia o desejo pela independência.

Ninguém pode esquecer,
Na memória de África e do mundo,
Moram lembranças amargas da escravatura,
Corpos maltratados por chicote,
Chegar vivo no dia seguinte era uma questão de sorte.

Eu para lá não volto,
Não volto para a vida animalasca pelo colono imposta,
Para o tempo de barbaridades, sem importar
sexo, nem idade.
Aiiiii, é tanta dor,
Por isso, daquele sofrimento e dor eu ainda me lembro.

Eu ainda me lembro.
Dos versos tornos escritos gritando pela independência.
Me lembro de Craveirinha demonstrando o grito negro,
Enquanto no horizonte, Agostinho Neto,
Escrevia em linhas tortas sobre o choro de África,
Até que um dia a independência tornou-se presente.

Continua no site...

DIALETO CHONA HANDISI KUDZOKERA IKOKO

Ndinotsinzina meso angu uye ndinorangerira
kutambudzika nemarwadzo;
Hupenyu hunovava, husiku husina kunaka,
Ndinoona vanhu vakadzvinyirirwa, ropa richiyerera
richiita rwizi.
Panguva iyi, chido chokuzvimirira chakawedzera.

Hapana anogona kukanganwa,
Mukurangerira Africa nenyika,
ndangariro dzinorwadza dzeuranda dzinogara,
Miviri inobatwa zvisina kunaka neshamhu,
Kusvika ndiri mupenyu zuva raitevera raive rombo
rakanaka.

handisi kudzokera ikoko,
Ini handisi kudzokera kuhupenyu hwemhuka
hwakatemerwa nemakoloni,
Kusvika panguva yemabharanzi zvisinei
murume kana zera,
Aiii, marwadzo akanyanya,
Saka ndichiri kuyeuka kutambura uye kurwadziwa ikoko.

Ndichiri kurangerira.
Mavhesi akamonyoroka akanyorwa achichemera rusununguko,
Ndinorangerira Craveirinha achiratidza kuchema kwakasviba,
Ndichiri pedyo, Agostinho Neto,
Akanyora mumitsara yakakombama pamusoro
pekuchema kweAfrica,
Kusvika rimwe zuva kuzvitonga kwaivepo.

Continua no site...

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



10



CRIS GOMES



Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

SONHOS NÃO ENVELHECEM

*“... Porque se chamavam homens.
Também se chamavam sonhos.
E sonhos não envelhecem...”*



Imagem de Nova Brasil por Google

Outro dia, recebi de uma amiga muito querida um vídeo com essa canção e me deixei embalar repetidamente pela voz de Milton Nascimento. A genialidade dos versos traduz as tensões sociais e políticas do Brasil da ditadura militar em metáforas que misturam esperança e desespero.

O que começou como um arranjo musical ganhou palavras carregadas de sentimento. Atendendo a um pedido da cantora Nana Caymmi, Márcio Borges criou essa pérola, que mais tarde seria regravada pelos outros membros do Clube da Esquina (O Clube da Esquina foi um movimento musical e cultural que surgiu em Belo

Horizonte-MG no fim dos anos 1960 e início dos 1970, reunindo artistas como Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso e Márcio Borges, entre outros. Seu nome vem de um ponto de encontro na esquina das ruas Divinópolis e Paraisópolis, no bairro de Santa Tereza. O movimento se consolidou com o lançamento do álbum “Clube da Esquina” em 1972, um marco da música brasileira com seu som inovador, que misturava rock, bossa nova, jazz e música folclórica mineira, e letras que abordavam temas sociais e políticos). Assim, em 1979, a canção foi lançada na voz de Nana Caymmi, eternizando-se no coração da música brasileira.



Décadas depois, ela ainda nos toca profundamente. Continua a nos lembrar que sonhos não envelhecem. Que, apesar de tudo, sonhar é necessário — é justamente o que nos diferencia dos demais seres vivos. E acredite, leitor: a história dos sonhos é paralela à própria presença da vida na Terra. As interpretações sobre eles mudaram ao longo dos tempos, acompanhando a evolução da humanidade. No passado, eram vistos como profecias, comunicações com ancestrais, mensagens divinas ou presságios. Mais tarde, com o avanço do conhecimento, surgiram teorias científicas que os explicavam como um complexo processo neural.

A partir da década de 1950, com a descoberta da fase REM do sono (movimento rápido dos olhos), os sonhos começaram a ser estudados sob bases mais sólidas. Muitos neurocientistas acreditavam que eles se formavam a partir de estímulos aleatórios do cérebro, sem significado específico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/10/2025"

Mas nem todos pensavam assim. Sigmund Freud, pioneiro na interpretação dos sonhos, via neles uma realização disfarçada de desejos reprimidos, um mecanismo de preservação psíquica. Carl Jung, por sua vez, afirmava que os sonhos eram uma tentativa da própria consciência de equilibrar e compensar situações vividas. Embora tenham seguido caminhos diferentes, ambos reconheceram o valor terapêutico dos sonhos, que revelam conteúdos ocultos do inconsciente. Desde então, novas teorias surgiram, e a mais aceita atualmente é a de que os sonhos ajudam a consolidar memórias e a organizar experiências.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/10/2025"

Hoje, sabemos que sonhar é essencial: uma ferramenta de autoconhecimento e até mesmo de melhoria da qualidade de vida do homem quando desperto.

E você pode estar se perguntando: o que Freud e Jung têm a ver com aquela canção que iniciou nossa conversa? Tudo. Porque os sonhos sempre fascinaram a humanidade. Foram símbolos de esperança em um futuro melhor, inspiração para místicos, poetas, cientistas e filósofos. Desde os tempos mais remotos, o homem tenta decifrar seus mistérios, sempre envoltos em enigmas.

E não há nada mais vital do que sonhar. Sabe por quê?



Porque os sonhos não têm idade. Não se curvam ao peso dos anos. Habitam um lugar secreto na alma, onde o calendário não tem vez. Lá permanecem, esperando a explosão de vida que os fará brotar como seiva que sobe pelo tronco de uma árvore frondosa. Os sonhos repousam à espera. Sorriem como crianças em busca de seus brinquedos preferidos. São irreverentes diante das limitações da maturidade e ousados em seu desejo de existir.

Não é possível viver sem sonhar. A vida só encontra sentido quando nos entregamos

aos braços de Morfeu e deixamos cair por terra toda resistência em acreditar que sonhar é um direito universal.

Sonhar não é apenas para os jovens; sonhar é possível em qualquer idade. A juventude sonha com a impetuosidade de quem está começando a caminhar; a maturidade, com a serenidade de quem já correu longas distâncias e agora caminha firme e decidido. Uma das grandes dádivas do tempo é justamente compreender que sonhos não têm prazo de validade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/10/2025"



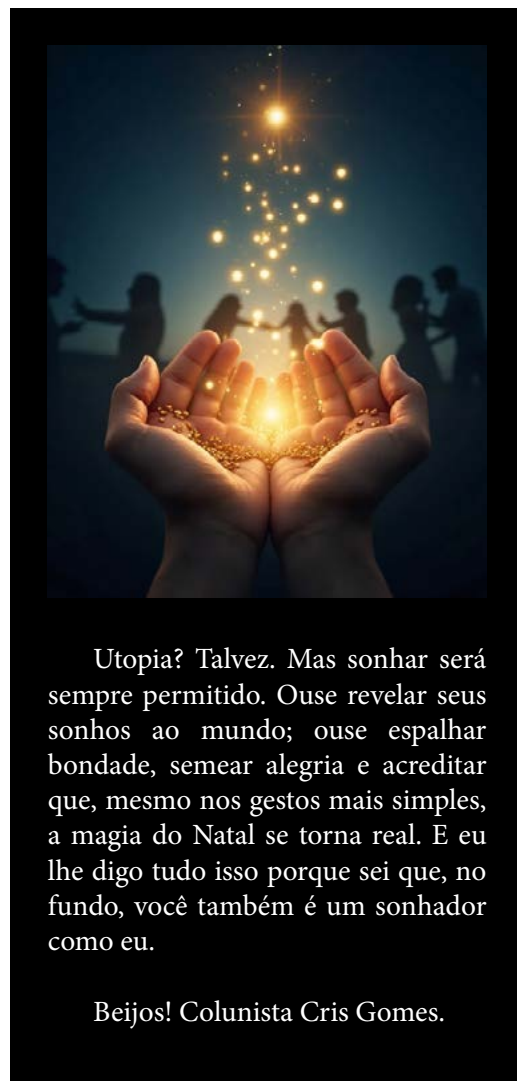
Então, leitor, o que você está esperando para validar seus sonhos?

Planeje-os, para o sucesso vir ao seu encontro. Afinal, o misterioso mundo dos sonhos é como uma loteria: só vence quem aposta com coragem.

E onde entra a moderação nessa ousadia? Fica guardada no cofre da preguiça, trancada a muitas chaves — talvez mais de sete.

Certamente este assunto renderia muitas outras páginas e discussões — talvez até novas edições, quem sabe? (risos). Por isso, deixo-lhe apenas um roteiro de leitura para viajar por um tema tão vasto e fascinante.

Encerro esta coluna com um convite sincero:



Utopia? Talvez. Mas sonhar será sempre permitido. Ouse revelar seus sonhos ao mundo; ouse espalhar bondade, semear alegria e acreditar que, mesmo nos gestos mais simples, a magia do Natal se torna real. E eu lhe digo tudo isso porque sei que, no fundo, você também é um sonhador como eu.

Beijos! Colunista Cris Gomes.

Permita-se sentir a alegria de estar vivo, o desejo de sonhar, a coragem de realizar e, acima de tudo, a capacidade de se amar. Nesta época do ano, o espírito do Natal desperta em cada gesto: no brilho das luzes que cintilam nas janelas, nos sorrisos trocados entre estranhos, nos abraços que aquecem a alma e nas mãos estendidas em solidariedade. Que seus sonhos se encham de fraternidade e esperança, como se cada pensamento bom fosse uma estrela iluminando o céu da humanidade.



Roteiro de Leitura sobre Sonhos

1

Para começar de forma leve e inspiradora

- Os Sonhos Não Envelhecem—Márcio Borges.

Ideal para entrar no tema pelos caminhos da música, poesia e esperança. Mostra como os sonhos podem atravessar o tempo e dar sentido à vida.

- O Oráculo da Noite—Sidarta Ribeiro.

Depois, mergulhe aqui. É uma leitura acessível que mistura ciência, história e espiritualidade. Explica por que sonhamos e como isso influencia nossa memória, saúde e criatividade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/10/2025"

2

Para compreender a ciência do sono e dos sonhos

- Porque nós dormimos. - Matthew Walker.

Leitura clara e envolvente, mostra a importância do sono para o corpo e a mente. Aqui você entende a base biológica antes de avançar para teorias mais complexas.

- A Mente à Noite—Andrea Rock

Complementa o anterior, explorando como os sonhos afetam nossa vida prática: aprendizado, emoções e até soluções criativas para problemas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/10/2025"

3

Para quem busca autoconhecimento pela psicologia

- O Homem e Seus Símbolos–Carl Gustav Jung
Um livro feito especialmente para o público leigo. Explica como os símbolos nos sonhos revelam mensagens importantes do inconsciente. É uma ponte para a reflexão pessoal.

- Memórias, Sonhos, Reflexões–Carl Gustav Jung. Aqui, o próprio Jung conta suas experiências com sonhos. É quase uma conversa íntima com um dos maiores pensadores do século XX.

- A Interpretação dos Sonhos–Sigmund Freud. Mais denso, mas essencial para quem quiser entender as origens da psicanálise e a ideia dos sonhos como realização de desejos reprimidos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 04/10/2025"

4

Para quem gosta de literatura e espiritualidade

- O Livro dos Sonhos–Jorge Luís Borges.
Um passeio literário, cheio de histórias, mitos e visões culturais sobre o mundo dos sonhos. É poesia e filosofia em forma de leitura.

- A Interpretação dos Sonhos na Bíblia–James Goll.

Uma visão espiritual, tratando os sonhos como mensagens divinas, para quem se interessa pela dimensão religiosa do tema.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 04/10/2025"

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





09



BETH BALTAR



Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba - Brasil. Mestre em Biblioteconomia (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Pós-Doutora em Ciência da Informação (USP). Líder do Grupo de Pesquisa Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação, certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Representação da Informação e do Conhecimento e na Literatura de Cordel. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, ocupando a cadeira nº 52, do patrono Ariano Suassuna.

ROMANCES, CORDEL E O PAVÃO MISTERIOSO

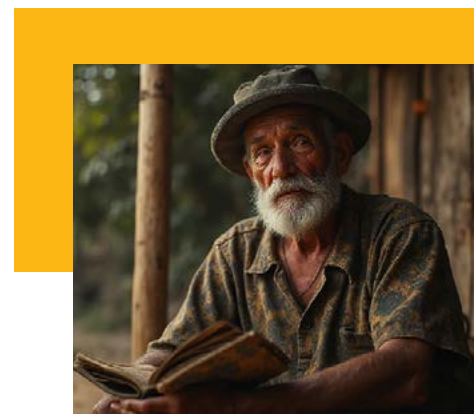


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

A origem da Literatura de Cordel está ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas orais presentes na memória popular, chamadas romances.

Na teoria literária clássica, costuma-se categorizar os textos literários de acordo com a maneira como se apresentam, isto é, em prosa e versos. Quanto ao conteúdo, os textos podem ser classificados como líricos, onde um eu lírico expressa suas emoções, pensamentos e o mundo interno em relação ao mundo externo; narrativos ou épicos, onde um narrador narra a história de um povo ou nação; e dramáticos, que retratam o conflito entre os seres hu-

manos e seu ambiente.

O gênero literário romance é de narrativa longa, escrito em prosa, cuja trama aborda diversos temas, como policial (histórias de investigação e crimes), ficção científica (narrativas relacionadas em tecnologia), terror (quando cria medo e suspense), histórico (com foco em épocas passadas), fantasia (de mundos imaginários), urbano ou de costumes (sobre hábitos, vida social de uma época ou de uma comunidade), aventuras (narra perigos e descobertas) e não é exclusivamente sobre amor, este ocorre quando é o foco central da narrativa, chamado "romance romântico".

Os romances da literatura de cordel, estruturalmente, são divididos em quatro classes: os romances de amor, de sofrimento, romances de lutas e, por último, de príncipes, fadas e reinos encantados. E sobre este tipo de cordel, o estudioso Liêdo Magalhães de Sousa, em seu livro “Classificação popular da literatura de cordel”, apresenta:

Romances de príncipes, fadas e reinos encantados são histórias que se passam no coração da grande Ásia, no Sudão. Antigo, nos confins do horizonte, ou, com frequência, num reino muito distante. Contam o drama de príncipes apaixonados e de princesas órfãs de pai e mãe, criadas por fadas misteriosas de grandes poderes. Falam, igualmente, de fortalezas guardadas por monstros encantados (Sousa, 1978, p. 100)¹.



IMAGEM GERADA POR IA * Usando SEAMERTAI, sob a direção de Ardy Soares Reis, Criada em 01/10/2025

A contribuição de Souza, com sua classificação popular, trazia uma proposta ousada, já que deu voz a leitores e folheteiros. Entretanto, na introdução, deparamos com um equívoco conceitual reiterado, repetido e reforçado por vários anos, no qual confunde folheto (suporte no qual se publica o texto) com o gênero literário romance.

A Classificação popular divide, inicialmente, tais publicações em folhetos e romances, de acordo com o número de páginas que possuem, reservando a denominação de folhetos para os trabalhos de 8 e de 16 páginas, sendo os de 24, 32, 48 e 64 páginas conhecidos como romances (p. 13).

Sobre esta questão conceitual, alguns poetas desconstroem essa divisão por páginas, quando escreveram folhetos clássicos considerados “romances”, com 16 páginas, como exemplos: **O romance de João Besta e a jia da lagoa**, do Poeta Francisco Sales Arêda; **Romance da princesa do reino do Mar sem Fim**, do Poeta Severino Borges da Silva, e o **Romance de João Cambadinho e a princesa do reino de Mira-Mar**, de Inácio Carioca.

O romance, por tratar-se de uma narrativa, possui características peculiares como uma ação, um lugar onde ela ocorre, um tempo em que acontece, personagens que a realizam e uma trama na perspectiva do narrador.



¹SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis: Vozes, 1976.

Albuquerque (2011)², em sua pesquisa de doutorado, identificou alguns estudiosos estrangeiros e brasileiros que propõem uma classificação para os Romances em Cordel, por tipos, categorias e ciclos temáticos, mas que não atendem às variações e diversidades temáticas do cordel brasileiro. A seguir apresentamos algumas classificações propostas sobre tais classificações do romance:



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

- Robert Mandrou apresenta a classificação referindo-se à coleção Bleue (séculos XVII e XVIII), da Littérature de colportage francesa. Arte e sensibilidade populares: romances, o burlesco, a canção profana, o teatro, o crime, o amor e a morte.

- Genevière Bollérie, historiadora francesa, propõe uma tipologia por ordem de importância das categorias: Histórias romanceadas.

- Orígenes Lessa registra uma série de temas permanentes: Romances de Amor, de Aventuras, Trágicos.

- Roberto Câmara Benjamin sugere uma classificação sobre os temas de religião: romances, narrativas tradicionais para entretenimento e distrações.

- Manuel Diegues Júnior adotou a seguinte classificação: Romances e novelas: do romancero português, a literatura de cordel do Nordeste, recebeu a transmissão de narrativas tradicionais, uma de fundo histórico, sobretudo das velhas gestas medievais, outras de criação erudita. As novelas representavam criações poéticas que permitiam fixar fatos e acontecimentos.

- Ariano Suassuna propõe a classificação por ciclos temáticos e tipologia de poetas populares e de romances versados: Tipologia dos Romances:

- a. de amor
- b. de safadeza e de putaria
- c. cangaceiros e cavalarianos
- d. de exemplo
- e. de espertezas, estradeirices e quengadas
- f. jornaleiros
- g. profecia e assombração

²ALBUQUERQUE, M. E. B. C. *Literatura popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.



Imagem de Sport Recife por Google

• Liêdo Maranhão de Souza, estudioso pernambucano da literatura de cordel, propõe a classificação por folhetos e romances: Romances:

a. de amor: falam de dramas, envolvendo “esposas honestas, mulheres devassas e maridos cruéis”.

b. de sofrimento: falam de donzelas capazes de “levar a virgindade para o interior do frio chão”, de “corações que se encontram por força do destino”, mas, sendo “um, firme; outro, traiçoeiro”, têm de “caminhar contra a sorte”.

c. de luta: ao contrário dos folhetos de bravura, que têm como cenário o interior sertanejo, os “romances de lutas” se desenrolam na cidade. Seus heróis não são vaqueiros.

d. de príncipe, fadas e reinos encantados: são histórias que se passam “no coração da Grande Ásia”, no “Sudão Antigo”, “nos confins do horizonte” ou, com frequência, “num reino muito distante”. Contam o drama de príncipes apaixonados e de princesas “órfãs de pai e mãe”, criadas por fadas misteriosas “de grandes poderes”. Falam, igualmente, de fortalezas guardadas por monstros encantados.



Imagem de Revista Continente por Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

• Sebastião Nunes Batista, pesquisador da literatura de cordel, divide a temática em: os gêneros tradicionais (romances, novelas, contos maravilhosos e heroicos, histórias de animais e da tradição religiosa).

• Gustavo Dourado, poeta e cordelista baiano, criou uma classificação dos principais temas e ciclos do cordel que abordam vários assuntos: romances.

• Pinheiro e Lúcio (2001) reduzem a quatro os tipos de folhetos, a saber: romances, textos que tratam de história de amor impossível, de aventura e mistério.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

Observamos que estes estudiosos criaram suas próprias classificações, rejeitaram as de outros, fizeram acréscimos e arranjos; outras extensas, inconsistentes, redundantes, confusas, com misturas de gêneros, tipologias e temas, entretanto, não conseguiram fugir das classificações por ciclos temáticos, o qual é outro equívoco que salta aos olhos, porque os temas são recorrentes e independentes do seu tempo na história e no imaginário.

De acordo com essa categorização, o cordel O Romance do Pavão Misterioso, de 1923, escrito pelo poeta José Camelo de Melo Resende, mas registrado pelo Poeta João Melquiades Ferreira da Silva, é classificado como um romance de fadas e reinos encantados. É um dos textos mais conhecidos do ciclo de histórias fantásticas e um dos mais apreciados romances de cordel no Brasil, constituindo-se em um símbolo da cultura do Nordeste.

O pesquisador e estudioso da Literatura de Cordel, José Paulo Ribeiro, de Guarabira — Paraíba, nos conta a história da origem do “Romance do Pavão Misterioso”:



A obra conta a história de amor entre Evangelista, um rico comerciante turco, e Creusa, uma bela condessa grega que vivia presa em uma torre pelo pai, o conde D'Arles. Evangelista se apaixona por Creusa ao vê-la em uma procissão anual e decide pedi-la em casamento. Para isso, ele conta com a ajuda de João Sem Medo, um inventor português que constrói um pavão mecânico capaz de voar até a torre da condessa. Com o pavão misterioso, Evangelista consegue raptar Creusa e fugir com ela para a Turquia. No entanto, o conde D'Arles não desiste de recuperar sua filha e envia seus soldados para perseguir os amantes. Após muitas aventuras e perigos, Evangelista e Creusa conseguem se casar e viver felizes.

Apresentamos uma das edições no link:

Bem como a diversidade de capas do folheto de cordel, que conseguimos identificar, considerando que a obra teve mais de 50 reedições:

A fantástica narrativa deste romance traz como mote os contos de fadas tradicionais, devido aos elementos simbólicos apresentados em uma aventura dramática. A obra tornou-se um clássico da literatura de cordel, influenciando, desde a sua publicação, outras manifestações culturais e artísticas, como: filmes, teatros, pinturas, músicas, novelas, histórias em quadrinho, enredo de escola de samba, etc.

Toda leitura é sempre um ato de releitura e de interpretações que podem alcançar novos sentidos, e as narrativas presentes na Literatura de Cordel evidenciam personagens, tramas, imagens e símbolos ligados ao imaginário popular. Apresentamos a seguir um resumo da obra:



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



Capas do folheto de cordel:
"O romance do Pavão Misterioso"



ASSISTIR AO VÍDEO



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



Imagem - divulgação por Google

Sobre o poeta José Camelo de Melo Resende (20/04/1885 – 28/10/1964).³

Natural do povoado de Pilõezinhos, município de Guarabira, Paraíba, José Camelo de Melo Resende nasceu em 20 de abril de 1885 e faleceu na cidade de Rio Tinto, Paraíba, em 28 de outubro de 1964. Poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo, era, segundo Átila Almeida e José Alves Sobrinho, homem imaginoso e brilhante. Começou a versar romances por volta de 1923, mas não escrevia suas composições: guardava-as na memória para cantá-las onde se apresentasse.

No fim dos anos 1920, mete-se em complicações e foge para o Rio Grande do Norte, onde se esconde por uns tempos. É nessa época que João Melquíades Ferreira da Silva publica na Paraíba, em seu nome, o romance Pavão misterioso, obra criada por José Camelo. Este denuncia o golpe, mas o romance continuará a ser atribuído a João Melquíades (o caso causou controvérsia que perdura até os dias atuais, apesar de já estar provada e documentada a verdadeira autoria).

³ <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/03/poeta-jose-camelo-de-melo-resende-sintese-biografica/>



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

Pavão misterioso torna-se um dos principais sucessos da literatura de cordel, sendo reeditado inúmeras vezes, além de inspirar peças de teatro, canção, novela de televisão e filme de animação. Segundo Vicente Barbosa (2013).

De todos os cordéis até hoje impressos, um deles teve destaque e tornou-se um grande best-seller do gênero. Trata-se do Romance do Pavão Misterioso, obra do cordelista guarabirense José Camelo de Melo Resende (1885–1964) que ganhou fama no Brasil e no mundo. O Livro do Pavão Misterioso já teve suas versões adaptadas para o

teatro, cinema, literatura, música e televisão. Seu texto simples, combinado com a fluidez dos versos e as menções aos contos das Mil e Uma Noites, alcançou a impressionante marca de mais de dez milhões de cópias vendidas em todo o território nacional.

De acordo com Marco Haurélio, em 2013, para celebrar os 90 anos de encantos do Pavão Misterioso, o poeta Paulo Gracino, natural de Guarabira, fez uma homenagem a essa obra inesquecível com o poema 90 anos de encantos de um Pavão Misterioso, como revelam as primeiras estrofes da poética:

Quem é que nunca ouviu?
Um dia alguém contará.
A história de um pavão.
Que começou a voar.
Há mais de noventa anos.
E que nem pensa em parar.
Ele é misterioso,
Mas nunca foi encantado.
Passeou no mundo todo.

E sempre foi bem lembrado.
Por tudo que fez e faz.
E por onde tem passado.
Ele é o grande astro.
De um romance acontecido.
Um romance de verdade,
Daqueles bem aguerridos,
Que já tem quase cem anos.
E jamais foi esquecido.

Por fim, pelo fato de a Literatura de Cordel ser carregada de toda uma expressividade e historicidade, torna-se uma fonte de pesquisa inesgotável, com significados temporais e espaciais, que evidenciam uma forma singular da cultura popular.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAAT.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAAT.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

BETH BALTAR

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



04



Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

RAINHA NJINGA

Uma das Mulheres mais singulares da História de Angola- 1582/1663

Rainha Nzinga reinou por 37 anos e se tornou uma heroína na história de Angola, sendo até hoje lembrada por seus feitos políticos e militares. Uma das principais ruas de Luanda, capital da actual Angola leva seu nome e, na mesma cidade, encontra-se uma estátua no Principal Largo, chamado Largo do Kinaxixi.

Nzinga Mbandi teve seu nome registrado na documentação colonial como Jinga, Ginga, Zinga, Zingua e Singa. Também era conhecida por seu nome de

baptismo cristão, Ana de Sousa. Este nome foi dado quando baptizada, em homenagem à portuguesa que foi sua madrinha de baptismo. Seu sobrenome veio em homenagem ao governador de Luanda em exercício, João Correia de Sousa.

Rainha do Ndongo (os povos Ngola) que deu nome ao país, numa corruptela da Língua Portuguesa à Ngola, junto formou Angola e igualmente Rainha da Matamba. Reinos poderosos na altura do processo de penetração e ocupação de Angola.



Imagem de Wikipédia por Google

A leitura histórico-literária de Njinga Mbandi, produz-se quer em termos de edificação da História de Angola e da África, que redimensionam e estabelecem ligações com a História Universal.

Um dos pontos altos das negociações com os portugueses, e que é muito escrito e debatido é o facto de num encontro os portugueses não lhe ofereceram cadeira e ela mandou uma escrava sua se ajoelhar e ela sentou-se sobre ela, deve ser visto como o orgulho de uma

mulher africana, que mantém sua personalidade e quis falar de igual modo e circunstância com os portugueses. Algo muito aplaudido pelos africanos.

Portanto, a rainha Njinga Mbandi, sua forma de vestir, sua perspectiva de vida e é nessa vertente combinada, que se intensificam os aspectos disruptivos do contemporâneo encontrado no seu percurso de vida, numa rebelião permanente contra o estabelecido na sua época.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/10/2025"



Imagem de Conexão Escola SME por Google

Rainha Njinga sentada sob a escreva, num desafio por ter sido dada uma cadeira. Muita Personalidade e carácter. Uma forma de falar de igual modo com a outra Parte das negociações.

O nome Njinga está estampado no café de Angola, Na Universidade de Malanje, nas ruas e travessas de Angola. A nossa Rainha.

José Eduardo Agualusa, Prémio Camões, tem um lindo livro sobre a Rainha Njinga, onde recreia peripécias daquele tempo, e convidamos a ler.

O então Embaixador de Angola na Itália, escreveu vários livros e apontamentos sobre a Rainha, fez o primeiro colóquio internacional na Itália sobre Njinga Mbandi, uma forma peculiar de eternizar a Grande Rainha de Angola.

Ela sempre foi muito favorecida por seu pai por se destacar entre as filhas do rei e não ser herdeira ao trono, facilitando uma maior dedicação à jovem sem despertar atritos com seus irmãos homens. Em seu crescimento a jovem Njinga foi treinada nas artes militares e políticas na corte do pai, chegando a servi-lo como conselheira jurídica e diplomata com os portugueses. Além disso ela foi ensinada por missionários portugueses a ler, escrever e falar português.

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

06



ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Prezados leitores,

Sejam bem-vindos à 34ª edição da Revista Internacional *The Bard*. Nossa coluna "Vai um Livro Aí?" traz uma seleção de obras clássicas da literatura que, com certeza, vão cativar você. Preparamos uma lista minuciosa, pensando em todos os gostos, para que sua próxima leitura seja inesquecível.

Mulherzinhas (Louisa May Alcott), publicado em 1868, este é um romance delicado e atemporal. A obra narra a comovente história de quatro irmãs que enfrentam desafios familiares e financeiros durante a Guerra Civil Americana. Um verdadeiro deleite para quem busca temas como a união familiar, a independência feminina e a solidariedade.

O Sol é para Todos (Harper Lee), considerado um dos maiores clássicos da literatura moderna americana, esta obra foi um sucesso instantâneo. Inspirada nas observações do próprio autor sobre sua infância, o livro é uma poderosa reflexão sobre a tolerância e a justiça, abordando temas que permanecem relevantes até hoje.

"Robô Selvagem (Peter Brown), uma aventura de ficção científica que se destaca por sua originalidade. Publicado em 2016, este romance acompanha a jornada do robô Roz em uma ilha selvagem. A obra explora, de maneira simples e tocante, temas como maternidade, pertencimento, amizade e a importância da empatia.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/10/2025"

A Cabana (William P. Young), este livro vai além de uma simples leitura; é uma experiência profunda e transformadora. Inspirada em vivências traumáticas do autor, a história aborda de forma sensível e profunda questões como fé, sofrimento, perda e, principalmente, a cura e o perdão. Uma obra que toca a alma e nos faz refletir sobre os aspectos mais complexos da vida.

Nesta coluna, convidamos você a se permitir novas leituras. Se parou um livro, recomece. Tenho certeza de que, ao escolher uma dessas indicações, a obra irá tocá-lo antes mesmo que você a toque. E, para terminar o ano, espero que você responda com alegria à nossa pergunta: "Vai um livro aí?"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/10/2025"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

INSTAGRAM

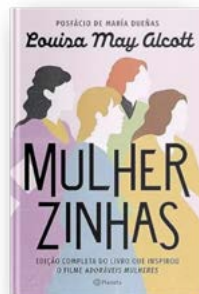


POST NO SITE



LIVRO: MULHERZINHAS

AUTORA: LOUISA MAY ALCOTT



CLICK AQUI

Em meio aos desafios da Guerra Civil Americana, um clássico eterno floresceu: "Mulherzinhas", de Louisa May Alcott. Esta obra-prima da literatura americana não é apenas uma história; é um convite para o aconchego de um lar, onde o amor e a resiliência superaram as adversidades.

A trama nos apresenta as inesquecíveis irmãs March — Meg, Jo, Beth e Amy. Cada uma, com sua personalidade única, representa uma face da feminilidade e da busca por um lugar no mundo. Enquanto Meg sonha com a vida de casada, Jo, com seu espírito livre, desafia as convenções de sua época, inspirando a busca pela independência e pelo protagonismo feminino. Beth nos ensina sobre a humildade, e a pequena Amy, sobre a arte e o amadurecimento.

Mais do que um simples romance, o livro é uma celebração da família, da amizade e da formação do caráter. Louisa May Alcott nos guia por lições valiosas de moralidade e amor ao próximo, tecendo uma narrativa tão acolhedora que o leitor se sente parte da família March.

Se você busca uma história que explore o amor em suas diversas formas e inspire a alma com delicadeza e força, "Mulherzinhas" será sua próxima leitura.

Permita-se ser tocado por este clássico e redescubra a beleza das coisas simples da vida!

POST NO SITE



LIVRO: TO KILL A MOCKINGBIRD (O SOL É PARA TODOS)

AUTORA: HARPER LEE



CLICK AQUI

!! "O Sol é para Todos", de Harper Lee, é um pilar da literatura americana, um convite à reflexão sobre justiça e empatia.

A trama, ambientada na década de 1930, em Maycomb, Alabama, é narrada pela jovem Scout, que acompanha seu pai, o advogado Atticus Finch, na defesa de um homem negro injustamente acusado. Através dos olhos da criança, o livro desnuda o preconceito e a injustiça social.

O caráter de Atticus Finch é um farol de moralidade, ensinando com sua coragem e compaixão o verdadeiro significado de ser um herói.

As questões da obra sobre preconceito e dignidade são atemporais, desafiando o leitor a uma profunda reflexão sobre suas próprias crenças.

A obra conquistou o mundo, recebendo o merecido Prêmio Pulitzer e ganhando uma adaptação cinematográfica aclamada em 1962, com o filme "O Sol é Para Todos" (To Kill a Mockingbird). Além disso, a sua importância cultural é tanta que o livro foi até mesmo lido em cenas de filmes clássicos, como no romance "Um Amor Para Recordar", onde a personagem Jamie Sullivan o tem como leitura favorita.

Caro leitor, permita-se ser tocado por essa obra-prima. É uma leitura que humaniza e nos oferece a esperança de que o SOL pode, afinal, brilhar para TODOS.

POST NO SITE



LIVRO: ROBÔ SELVAGEM

AUTOR: PETER BROWN



CLICK AQUI

Em um cenário onde a tecnologia encontra a natureza selvagem, surge uma história que nos convida a repensar o que nos torna humanos. "O Robô Selvagem", de Peter Brown, é uma obra fascinante que nos apresenta a Rozzum 7134, ou simplesmente Roz, uma robô que se vê misteriosamente em uma ilha inexplorada.

Longe da civilização, Roz é forçada a lutar pela sobrevivência, aprendendo as leis da natureza com a ajuda dos animais que a cercam. A trama se aprofunda quando ela e um ganso se unem em um laço inusitado, tecendo uma narrativa sobre amizade, resiliência e a busca por um lugar no mundo.

O que mais encanta nesta obra é como o autor personifica o reino animal, oferecendo conselhos e diálogos que, paradoxalmente, nos ensinam sobre a realidade. A dicotomia entre a aparente insensibilidade da nossa sociedade e a crescente empatia da robô Roz é um espelho que o autor nos oferece. Ele nos faz refletir: será que estamos nos tornando máquinas, enquanto a tecnologia se torna mais humana?

Além de ser uma aventura de tirar o fôlego, o livro é uma reflexão sobre temas profundos como a inteligência artificial, a maternidade e a coexistência. Peter Brown descreve a jornada de Roz com uma poesia que eleva a tecnologia à arte, tornando suas conquistas na natureza em verdadeiros feitos de engenharia e emoção.

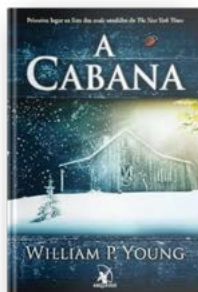
"Robô Selvagem" é uma leitura que provoca sorrisos e lágrimas, uma aventura que nos lembra da importância de cada vida. Que tal conhecer a unidade de robô mais amigável e inspiradora da literatura?

POST NO SITE



LIVRO: A CABANA

AUTOR: WILLIAM P. YOUNG



CLICK AQUI

❗ "A Cabana", de William P. Young, não é apenas um livro; é uma experiência transformadora que desafia nossas crenças mais profundas sobre Deus, o sofrimento e o perdão. Com uma narrativa que prende o leitor do início ao fim, esta obra nos convida a uma jornada emocional e espiritual intensa.

A história segue Mackenzie Allen Phillips, um homem que vive o pior pesadelo de um pai: o desaparecimento de sua filha mais nova, Missy. Mergulhado em uma dor avassaladora e um sentimento de culpa paralisante, Mack recebe um convite misterioso para ir a uma cabana abandonada, o mesmo local onde as roupas de Missy foram encontradas. Lá, ele encontra uma inusitada e surpreendente representação da Santíssima Trindade — o Pai (Deus), o Filho (Jesus) e o Espírito Santo — em formas que desafiam qualquer convenção.

Minha impressão é que o poder deste livro reside na sua capacidade de humanizar o sagrado. Young nos apresenta um Deus Pai que é uma mulher negra e carinhosa, um Jesus com um senso de humor cativante e um Espírito Santo que é uma mulher asiática, etérea e misteriosa. Essa representação, que pode chocar alguns, é a chave para a mensagem do livro: a de que Deus não está distante, mas presente em nossas maiores dores.

A obra não oferece respostas fáceis, mas questiona. Ela nos leva a confrontar a nossa própria dor, a nossa raiva e o nosso ceticismo. O diálogo entre Mack e a Trindade é a espinha dorsal do livro, revelando conceitos complexos sobre o mal, o livre-arbítrio e, acima de tudo, a graça.

Se você busca uma leitura que vá além da superfície, que provoque uma reflexão sincera sobre fé e perdão, "A Cabana" é a escolha certa. É um livro que, com sua sensibilidade e profundidade, nos lembra que, mesmo nas ruínas de nossas maiores perdas, a esperança pode ser encontrada.

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



RESILIENTE M



10



ADRIANA STRELLA



Adriana Strella é Dr^a h. c. em Neurociência; Formadora; Palestrante. Escritora, autora, colunista. Coautora em treze antologias, escreveu 3 livros solo. Em 2023 foi nomeada e venceu a Premiação Melhor do Brasil no Mundo que aconteceu no Palácio do Parlamento britânico, o famoso Big Ben em Londres, na categoria escritora. Em 2025 foi nomeada na categoria da área da saúde na mesma premiação.

365 DIAS: O QUE FICOU E O QUE VIRÁ

Estamos chegando ao fim de mais um ano, 365 dias de experiências, mais um ciclo se fechando, me pergunto quais escolhas fiz, que decisões tomei, se mudei o que senti que não estava bom, e em qual área da minha vida eu poderia melhorar. Na coluna de hoje, eu quero te convidar a refletir, porque este é um tempo de olhar para trás com gratidão pelo que conseguimos realizar, e, ao mesmo tempo, com consciência e coragem para acolher o que não se concluiu.

A minha intenção é te ajudar a evoluir, já que sempre podemos melho-

rar a cada dia. Quando o fim de ano vai se aproximando, faço uma grande reflexão e me repositiono para o novo ciclo. O posicionamento é muito importante, assim como escrever um diário. O diário me ajuda permanecer no agora, ele me conecta com o presente.

Escrever um diário não é somente escrever sobre o que aconteceu, mas uma maneira de entender melhor as nossas escolhas e como estamos aproveitando o nosso momento. Foi escrevendo diário que senti as minhas respostas, que melhorei cada um dos meus dias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Observei que nos festejos de final de ano muitas pessoas naquele momento da passagem falam: "que o Ano Novo nos traga boas realizações..." Sim, nós desejamos grandes realizações, desejamos felicidade, e para muitos nada acontece, entra ano e sai ano, a vida delas não muda. E porque nada muda? Porque não é o ano que traz a mudança, é o agir, é a decisão de não se deixar levar pela negatividade, por pessoas tóxicas.

Não é somente no final do ano que precisamos fazer essa análise, é no final de cada mês, de cada semana, e como escrevo diário, faço isso no final de cada dia. Escrever um diário é uma das ferramentas mais poderosas que temos para nos conectar com o presente. Tem dia que planejamos executar uma determinada tarefa e por alguma razão não conseguimos, isso fica pendente, pode ser por procrastinação ou falta de tempo mesmo, mas é dia após dia, de tarefa em tarefa concluída que chegamos a uma grande realização.



“Ao refletir sobre o ano que se encerra, lembre-se de que cada dia é uma oportunidade para melhorar e evoluir, e que o verdadeiro sucesso está em aproveitar o presente e não desistir dos seus objetivos.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Se no final de cada dia, antes de dormir, avaliarmos se o dia foi produtivo, se observarmos se algo correu mal, é mais fácil corrigirmos pendências das últimas 12 horas do que de uma semana. Ter controle de um dia é mais tranquilo do que ter controle de um mês, imagine esperar chegar no final do ano para avaliar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/10/2025"

Fazer a retrospectiva de 365 dias? Impossível! O olhar é muito superficial, não conseguiremos avaliar todo o ano ali no calor dos festejos de fim de ano. O que ficou para depois não é fracasso, é somente uma semente que ainda está em processo de germinação, só não podemos desistir, porque o verdadeiro fracasso é não seguir em frente e deixar de acreditar.

Ser feliz requer coragem



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Precisamos olhar para trás, para fazermos melhores escolhas, observar o que precisamos deixar ir sem lamentarmos. Eu pego três folhas de papel e escrevo em uma o que eu queria ter feito em 2025 e não fiz, na outra folha escrevo o que desejo fazer em 2026 e numa terceira folha faço uma lista de tudo que realizei ao longo do ano que se passou.

Não é por desistir de realizar um sonho que esse sonho irá desaparecer e nunca mais iremos pensar nele, pelo contrário, um sonho não realizado

não fica no esquecimento, de vez em quando ele vai ressurgir na nossa mente nos lembrando que ele está lá, esperando para ser concretizado.

O diário é uma ferramenta de autoavaliação, ele nos permite avaliar como estamos nos comportando e aproveitando o nosso tempo, e no final de cada dia podemos refletir o que fizemos de bom e nos dá oportunidade de ir ajustando as nossas metas. Aí, sim, pode ter a certeza de que o ano será muito melhor com essa autoanálise devidamente registrada.

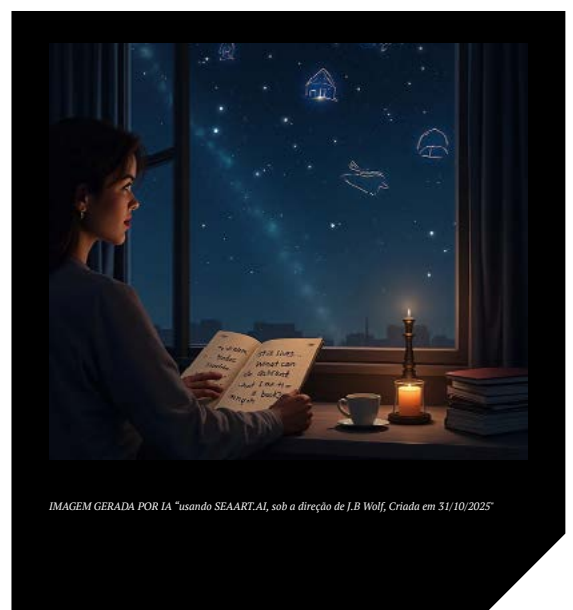


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"



Não podemos esperar que o ano seja melhor somente por ele ser novo, novo é cada segundo, minuto seguinte, cada dia e por aí vai. Sem nos comprometermos com a mudança que queremos ver na nossa vida, o ano novo vai ser exatamente como o que passou, e pode ser ainda mais frustrante. Quem deseja ter uma vida plena e feliz, precisa ter a coragem para ter as rédeas da sua vida nas suas mãos.

Os últimos dias de dezembro nos traz pensamentos repletos de rápidas memórias, como se passassem cenas de filmes, e em cada cena contasse histórias de momentos que vivemos em um ano. Nos lembramos de situações tristes, de momentos alegres, pensamos no que poderíamos ter feito e não fizemos. O fim de ano nos faz avaliar as barreiras que derrubamos, os obstáculos superados e isso é uma coisa maravilhosa que deve sim, ser comemorada.

O que é que desejamos? Um ano novo que satisfaça, bons resultados, bons relacionamentos, uma vida tranquila e realizada. Vamos falar sobre relacionamentos, tem gente que acredita que não tem sorte, mas não levam em conta as crenças que têm, crença é o que acreditamos que é verdade. Precisamos ter critérios para sabermos quem pode entrar na nossa vida, assim não teremos os mesmos resultados. Nós precisamos saber o que queremos e trabalhar para que isso se realize.

Então, é preciso considerar que é exatamente pela fal-

ta de compromisso e empenho com os próprios resultados, que o ano novo pode ser como o que passou. Podemos melhorar o nosso resultado a cada novo ano. Pessoas que só reclamam da vida, culpam os outros, as circunstâncias e se deixam levar pela negatividade da mente, não percebem que, não é o fator externo que as impede de realizar os seus sonhos.

Se acredito que sou capaz, eu sigo em frente e nada me desanima, e se não me sinto capaz, e não valorizo os meus talentos, simplesmente vou desistir. Quem desiste do seu sonho está desistindo de si mesmo.



Por outro lado, existem também aquelas pessoas que não avaliam os seus resultados, que não saem do lugar, e realmente acreditam que é novo ano que vai trazer novidades. Qualquer coisa que chega ou qualquer situação que vier a acontecer seja boa ou menos boa, será uma situação nova.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Um ano é composto por meses, semanas e dias

Sempre teremos um dia novinho que ninguém viu nos dando a oportunidade de recomeçar. O fim de ano não é um ponto final, é o intervalo entre um momento e outro, entre um ciclo e outro, entre uma história que se encerra e outra que começa a ser escrita.

O fim do ano é o convite para reconhecemos os nossos sonhos e celebrarmos cada um deles, que bom ter sonhos, pois são eles que dão sentido a nossa vida, o desejo de realizar é o que nos faz acordar todos os dias com propósito, e precisamos comemorar cada meta alcançada, até mesmo as pequenas vitórias precisam ser celebradas.

É importante reconhecemos que os nossos tropeços também nos ajudam a crescer. Podemos fazer uma pausa para avaliarmos como estamos nos sentindo, e de onde vêm as nossas emoções. Precisamos ter essa profundidade na nossa conexão conosco para termos a noção de como estamos gastando a nossa energia. As vezes o que nos impede são as barreiras internas que nós mesmos criamos. Precisamos acreditar profundamente a um nível emocional e espiritual, que temos o poder de seguir em frente e mudar a nossa história.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Afinal quem é que pode andar com as nossas pernas e viver a nossa vida?

Precisamos ter fé, lembre-se que fé é acreditar, e acreditar é a base da realização. Não há sentido em se esforçar se a pessoa não acredita que vai conseguir o que ela deseja. Sempre que penso no tempo que me falta viver, sinto que esse tempo não pode ser desperdiçado simplesmente deixando a vida me levar, eu preciso estar no controle. Avalio o que ficou por fazer, e como posso continuar.

No fundo, nós sabemos o que precisa ser feito, as vezes há percalços no meio do caminho. A minha consciência me cobra quando fico em falta com uma tarefa que precisava ser executada, mas procuro não me culpar. As metas que ficaram pela metade, os planos que não conseguimos concluir, os sonhos que ainda aguardam a sua vez para serem realizados, tudo isso não é sinal de fracasso, é apenas parte do processo de amadurecimento.

E as oportunidades que deixamos escapar? As palavras que gostaríamos de ter dito? Se algo ficou para ser concluído no ano que se finda, poderemos retomar em algum momento, se algo falta no momento não quer dizer que não irá se realizar, apenas que não foi o momento, por isso devemos ser resilientes.

E o que virá?



Virão novas conquistas, novas oportunidades, um sonho realizado abre espaço para novos desejos, novas vontades, e precisa ser assim para sentirmos a vida em nós. Lembra da Parábola dos talentos? Nós também recebemos os nossos, e precisamos multiplicá-los, é isso que dá sentido a nossa existência. Virão novas experiências e com elas as oportunidades para fazermos novas escolhas.

O início de um ciclo sempre traz energia de renovação, e também a esperança que é possível fazer diferente com coragem de escrever capítulos melhores. Sim, eu escrevo como desejo que sejam os meus dias, meu ano, trabalho a minha mente, a minha conexão com o divino em mim, e sinto as minhas forças e a minha fé renovada, ou seja, eu acredito no melhor, e sempre recebo mais do que espero.

O futuro não está pronto, e é bom lembrarmos que futuro é o nome que damos para o momento que ainda não chegou, esse momento é sempre o minuto seguinte, a hora seguinte, o dia, o mês e o ano seguinte. Esse é o momento de respirar fundo, agradecer primeiramente pela vida e vida nada mais é que a existência.

Quando uma pessoa diz: a vida não é boa, eu pergunto: você está se referindo a vida de quem? Você está falando da sua própria vida, não é mesmo? E continuo: se a sua vida não está como você quer, você precisa avaliar o que não está fazendo, ou o que precisa fazer para que a sua vida tenha alegria. Não é sobre o que está fora, mas é sobre o seu interior. Você precisa descobrir o que está causando esse mal-estar e de onde vêm esses pensamentos sobre a sua vida. Raramente a causa da falta de realização é sobre o que está fora.

Muitas pessoas acham que são infelizes por falta de sorte, e sempre acham que tudo do vizinho é melhor, e que até a sua grama é mais verde. Será que é porque ele cuida mais da grama e da vida dele? Portanto, o nosso ano vai ser o que fizermos dele, em outras palavras, quero dizer que precisamos cuidar da nossa vida, da nossa saúde mental, fazemos isso observando a maneira como pensamos e a qualidade das nossas emoções.

Ao virarmos a página de 2025 deixemos o peso desnecessário, e ao olharmos com bastante honestidade para os nossos desafios, que possamos reconhecer o que aprendemos. Nosso próximo ciclo é como um caderno em branco que deve ser escrito com esperança, determinação, resiliência, e acima de tudo sabedoria. Confie na sua capacidade, ela está dentro de você esperando para ser reconhecida. O seu futuro pode ser infinitamente luminoso.

Meu desejo é que você caro leitor/a se lembre que a vida é um presente, e que o presente é tudo que temos, agora! Que o seu coração tenha paz e que você viva cada instante com leveza.

Recomece esse novo ciclo com muito amor pela sua vida, quando sentimos muito amor pela nossa vida, nos damos o nosso melhor, nos alimentamos melhor, e não falo somente em comida, mas descansamos com consciência, cultivamos bons relacionamentos. Vamos deixar para trás o que não nos serve mais, podemos buscar aprender e crescer para realizarmos os nossos sonhos, vamos escolher estar em ambientes que nos fortalecem.

Quando maldizemos a nossa vida, o nosso comportamento é totalmente contrário, deixamos de nos cuidar, não temos zelo com o nosso corpo, nem com a nossa mente e nosso espírito, alimentamos pensamentos pessimistas nos colocando para baixo.

Cada palavra que uma pessoa que não se cuida diz, é uma semente que germina na mente. Ela aceita menos do que merece, aliás, ela não se acha merecedora. Quando abençoamos a nossa vida, somos gratos e essa energia floresce.

Quando maldizemos, lançamos trevas ao invés de luz, essas sombras recairão sobre nós mesmos, e assim a nossa vida vai perdendo o brilho. É por isso que o segredo de uma vida próspera, feliz, não é o novo ano quem traz do nada, não é a sorte que escolhe quem vai ser feliz, quem vai realizar e trazer coisas boas, a chave está nas escolhas, e uma delas é amar a própria vida mesmo quando estamos enfrentando problemas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Desejo a você um Feliz Ano Novo!

Acredito que quando desejamos um ano maravilhoso, repleto de realizações, estamos falando de maneira holística, ou seja, num todo, isso quer dizer que desejamos uma vida plena de realização em todas as áreas. Então, por exemplo, precisamos reservar tempo de qualidade para o nosso relacionamento afetivo. Mesmo um bom relacionamento tem os seus conflitos, mas não importa o quanto o casal se desentenda, importa a capacidade que os dois têm de se entenderem.

Devemos lembrar que o ano tem seu cotidiano e que os conflitos e as adversidades surgem, ao mesmo tempo, devemos ter estratégias que nos ajudem a trazer a tranquilidade para as nossas interações no relacionamento. É com essa intenção que cultivamos a paz que vai deixando o ambiente propício para que a nossa relação seja mais saudável.

Se a paz for negligenciada, o relacionamento se torna cada dia mais tóxico e consequentemente essa toxicidade vai deteriorando a vida familiar. Não podemos cuidar mais de uma área da vida enquanto outra vai sendo negligenciada.

Que neste novo ano você se comprometa consigo mesmo(a) buscando sempre o equilíbrio: no trabalho, no amor, na saúde, nas amizades e no cuidado com a sua espiritualidade. Que você encontre tempo para cultivar a paz interior, que é a base para todas as outras conquistas.

Que em cada novo dia

you se lembre que pode recomeçar de um jeito diferente, e que em cada noite você tenha um merecido descanso, por ter a consciência que deu para si o seu melhor. Que cada dia do seu novo ano seja vivido com propósito.

Que você termine o seu ano olhando para trás com gratidão e para a frente com esperança, porque o que realmente dá sentido para a nossa vida, não é somente o que conquistamos, mas a maneira como escolhemos caminhar em direção aos nossos sonhos.

Lembre-se que o Ano Novo não é magia nem um milagre que acontece fora, mas o novo vem da decisão que nasce dentro de nós, e essa decisão é de vivermos com mais presença, propósito e mais amor. O calendário pode mudar, mas se não fizermos as nossas escolhas diárias, se não agirmos para mudarmos a nossa vida, ela não se transformará para podermos viver experiências extraordinárias.

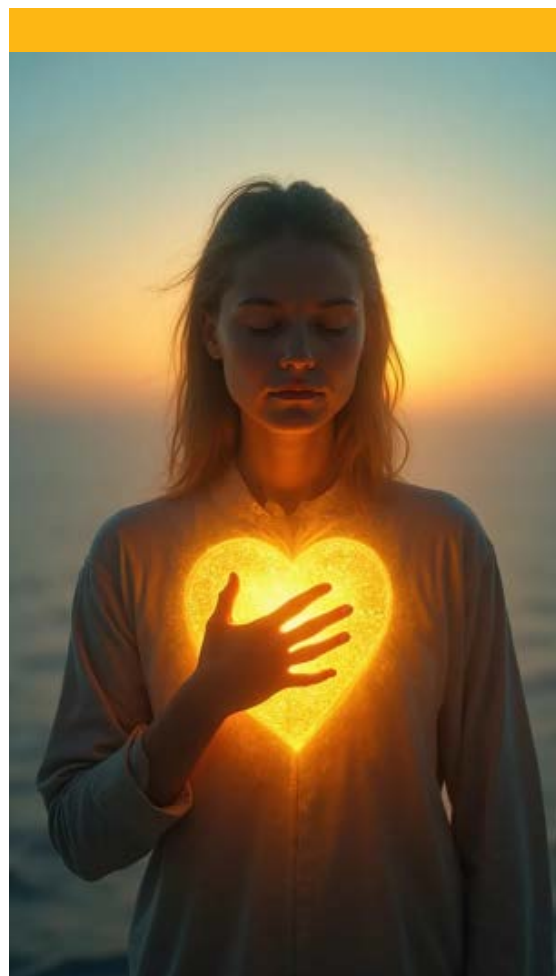


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/10/2025"

Então, que 2026 não tenhamos somente dias, mas histórias fantásticas para lembrarmos e compartilharmos sorrindo.

ADRIANA STRELLA

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

**35^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



04



Luiz Solrak Lima



Natural de Pernambuco. Escritor, poeta, professor de Língua portuguesa e Literatura. Autor do livro de poesia "Terra Alheia" ganhador de dois Prêmios Municipais em 2023. Criador de conteúdo digital por amor aos livros e produtor cultural por amar a arte como um todo essencial. Diretor e Produtor Cultural do Curta metragem "Legião Estrangeira" lançado em fevereiro de 2025. Editor Digital e Colunista da Revista Internacional The Bard. Amo ler, ensinar, encontrar amigos e está em constante mudança.

DOM QUIXOTE E O DELÍRIO
NECESSÁRIO DO AMOR

Ao ler Dom Quixote pela primeira vez, me restou a lembrança de uma força de viver, a ilusão da vida e dos desejos que só poderiam ser comparados ao estar amando. "Assim

como Dom Quixote amava Dulcineia, mesmo sem jamais a ter visto, e transformava em aventura o que Sancho Pança via como a triste e banal realidade, assim é o Amor; assim é amar."

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMPTAI, sob a direção de Tínia Lavínia, Criada em 30/09/2025"





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

A Dulcineia que nunca existiu

Dom Quixote não amava uma mulher, mas uma invenção. Cervantes, com sua ironia habitual, deixa isso claro: "Dulcineia del Toboso era, na verdade, uma boa lavradora, de quem ele se enamorou, embora nunca a tivesse visto" (Dom Quixote, Parte I, Cap. XIII). A musa que incendiava o coração do cavaleiro era uma camponesa banal, transfigurada pela febre da imaginação. O amor, aqui, não é encontro com o outro, mas invenção de si.

Essa operação não é exclusiva de Dom Quixote. Quantas vezes não elevamos um gesto trivial à categoria

de epifania? Quantas vezes um silêncio qualquer não se torna "mistério profundo", quando, na verdade, é só desinteresse? Amar, quase sempre, é produzir literatura em cima de matéria bruta. E nisso todos somos escritores medíocres, mas obstinados.

A inexistência de Dulcineia revela o motor secreto do amor: não precisamos do outro real, basta a ficção que o substitui. O amado é, antes de tudo, uma tela de projeções, uma superfície onde colamos nossas fantasias mais convenientes. O amor é menos uma relação que uma retórica.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Cervantes riu na nossa cara: "Amor e guerra são o mesmo, e tão lícito é usar de artimanhas e estratégias no amor como na guerra" (Dom Quixote, Parte II, Cap. XXI).

Dulcineia é artimanha, é estratégia, é o ardil com que Dom Quixote justifica seu delírio. O amor é o pretexto que legitima a aventura. E talvez seja essa a função mais nobre do amor: dar à vida a densidade de epopeia. A realidade é insuportavelmente pobre quando deixada à sua própria sorte. Inventar Dulcineias é o modo humano de tornar o cotidiano suportável.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Schopenhauer: O Carrasco das Paixões

Mas, como não sou um louco sempre, analisar é preciso, pois sei bem o que aconteceu com Quixote ao fim. Então entra em cena Schopenhauer, sempre disposto a derrubar castelos de vento. "O amor não é mais que um instinto sexual intensificado e iludido pela imaginação" (O Mundo como Vontade e Representação, Livro IV, §44). Se Cervantes mostra o riso do delírio, Schopenhauer mostra a engrenagem por trás dele: a vontade da espécie, que nos manipula como bonecos.

Para o filósofo, toda paixão amorosa, por mais sublime que pareça, não é senão a encenação de um

cálculo biológico. "O verdadeiro fim do amor é a geração de um indivíduo determinado, que só pode nascer desses pais" (Metafísica do Amor, §1). Em outras palavras: aquela "alma gêmea" que juramos ter encontrado não passa de uma combinação genética estratégica. É vontade de existência de um ser que pode existir, da união de Quixote e Dulcineia. Fico a imaginar o que poderia vir desse encontro, se a donzela quisesse algo com o cavaleiro. Mas pode existir alguém com imaginação forte o suficiente para isso, porém o que sabemos é que Cervantes fecundou o que chamamos de romance hoje.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Esse desmascaramento tem algo de cruel. Onde vemos poesia, Schopenhauer enxerga espermatozoides em fila. Avistamos o destino, ele vê estatística biológica. Para ele, o amor representa um mecanismo natural cuidadosamente elaborado, que utiliza artifícios como sonetos para garantir a perpetuação da espécie por meio da reprodução.

Não por acaso, sua conclusão é amarga: "O amor sexual é uma fraude da natureza em detrimento do indivíduo" (Metafísica do Amor, §5). O que acreditamos ser a busca pela felicidade não é senão a submissão a uma força cega, que sacrifica nossa paz em nome de uma posteridade que sequer nos agradecerá. E não conseguimos escapar. Mesmo sabendo que Schopenhauer tem razão, seguimos nos apaixonando. Talvez porque, sem a ilusão do amor, a vida se tornaria insuportavelmente lúcida e a lucidez absoluta é somente outro nome para desespero.

O Amor Como Planilha Falida

Se fôssemos sensatos, o amor seria tratado como investimento. Cálculos de ganhos emocionais, balanços de riscos, previsões de retorno. Seríamos gestores dos afetos, com planilhas impecáveis. Mas a experiência prova o oposto: basta um olhar, um toque, um silêncio interpretado e todo Excel vai para o lixo.

É aí que o amor se mostra mais poderoso do que a razão. Cervantes já ironizava isso ao pôr Quixote contra moinhos de vento: símbolos da inutilidade da lógica diante do delírio. O cavaleiro sabia que enfrentava gigantes porque queria que fossem gigantes. O amor opera com a mesma teimosia: acreditamos porque precisamos acreditar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

'O amor é o único investimento em que o retorno é incerto, mas o valor é imensurável.'



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Schopenhauer reforça o diagnóstico com frieza: “O indivíduo, ao julgar estar perseguindo sua própria felicidade, serve, na realidade, a fins totalmente alheios a ele” (Metafísica do Amor, §6). A planilha nunca fecha porque o cálculo nunca é nosso, é da espécie. Pensamos que escolhemos; somos escolhidos. O que nos faz colocar nesse caldeirão de possibilidades mais um livro, o Gene Egoísta de Richard Dawkins, no qual quem coordena o manutenção da espécie é o desejo de continuar existindo do gene e não o desejo carnal da espécie. Para ser o mais lúcido possível, o gene faz pensar que você tem um desejo pelo outro para que ele possa continuar a existência da humanidade, ou seja, o amor não é somente sobre você e o outro, é sempre sobre nós. No entanto, não desistimos. Rimos da própria falência e continuamos investindo no prejuízo. O amor é o único empreendimento em que aceitamos o fracasso como condição da experiência. O tombo não é erro: é parte do jogo da espécie.

É, por isso, a mais sofisticada ironia da vida: condenados ao déficit, ainda assim insistimos em financiar o delírio. Sancho Pança chamaria de loucura. Quixote chamaria de grandeza. E talvez ambos estivessem certos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Egocentrismo disfarçado de romance

Dom Quixote não viu Dulcineia; viu sua própria alma refletida nela. Amava menos a camponesa que a nobreza de sua própria imaginação. Esse é o truque do amor: o outro é, na maior parte das vezes, somente pretexto para o espetáculo do eu.

Schopenhauer confirma: “A paixão amorosa põe no objeto amado uma ilusão de perfeição que desaparece tão logo a vontade da espécie se vê satisfeita” (Metafísica do Amor, §7). Amamos menos o ser real do que a fantasia que ele nos permite sustentar. O outro é espelho, não substância.

Esse narcisismo travestido de romance explica por que o amor é tão frágil. Quando o espelho racha, quando a imagem inventada

não coincide mais com a realidade, a paixão desmorona. Dulcineias viram Aldonzas; príncipes encantados viram desempregados que roncam no sofá.

Mas, até que a ilusão se quebre, somos capazes de feitos extraordinários. Amar é um teatro de projeções, e nesse palco somos dramaturgos, atores e plateia. Não há realidade que nos demova enquanto a peça estiver em cartaz. E ainda assim, seguimos amando. Porque o teatro do amor, mesmo sendo fraude, dá à vida uma narrativa. Sem esse autoengano compartilhado, restaria somente a monotonia dos dias e o tédio, como já sabiam tanto Cervantes quanto Schopenhauer, é um fardo insuportável.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMT-ai, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Entre a loucura e o tédio

Aqui chegamos ao dilema final. Ser Sancho Pança, prudente, pragmático, confortável em sua mediocridade sensata? Ou ser Dom Quixote, delirante, derrotado, mas gloriosamente ridículo em sua fidelidade aos sonhos? Eis a questão que atravessa séculos.

Sancho representa a sobrevivência sem sobressaltos. Ele é o realista, o cético, preferindo pão e vinho ao risco da fantasia. Não sofre muito, mas também não vive muito. É a versão humana da planilha equilibrada: estável, entediante, previsível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMT-ai, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 30/09/2025"



Quixote, ao contrário, escolhe a vertigem. Sua vida é um acúmulo de fracassos, mas cada fracasso é também uma afirmação de grandeza. “A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos que os céus deram aos homens” (Dom Quixote, Parte II, Cap. LVIII). Amar é, no fundo, essa liberdade de ser ridículo e de preferir a poeira do caminho à limpeza da acomodação.

Schopenhauer não nos dá saí-

da: “Na vida, oscila-se constantemente entre a dor e o tédio” (O Mundo como Vontade e Representação, Livro IV, §57). Amar é dor; não amar é tédio. O jogo está armado de antemão, e nenhum dos dois caminhos nos redime. Mas, se tudo está perdido, que ao menos escolhamos perder com estilo. Melhor a queda de Quixote, ruidosa e poética, que a sobrevivência silenciosa de Sancho. Preferível à loucura do amor que à sanidade do nada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/09/2025"

Obrigado pelo tombo

No fim, amar é aceitar a queda. É inventar Dulcineias, desobedecer Schopenhauer, rir da própria tragédia. É ser derrotado por moinhos, mas com a sensação íntima de que a batalha valeu a pena. Como diria Cervantes: "Aquele que lê muito e anda muito, vê muito e sabe muito" (Dom Quixote, Parte II, Cap. XXV). Quem ama muito, talvez não saiba nada, mas ao menos vê a vida como uma epopeia.

LIVRO DO AUTOR

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

LIVRO DO AUTOR

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

LUIZ SOLRAK LIMA

CONHEÇA O TRABALHO DO NOSSO COLUNISTA
VISITE SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



ESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

15



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025.

Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

Vamos falar de...

“O perfume é doce, a luz é dourada... e o escândalo é inevitável”.



Dona Beija
Imagem de Wikimedia Commons por Google

Entre o tilintar de taças e o murmúrio das conversas proibidas, ela surge: Ana Jacinta de São José, a mulher que o mundo conheceria como Dona Beija — aquela que fez da própria vida uma peça teatral, com o luxo como cenário e o desejo como protagonista.

Minas Gerais, século XIX. Um tempo em que beleza era moeda e ousadia, um poder. Dona Beija reinou como sedutora, estrategista e provo-

cadora, deixando rastros de perfume e histórias que ainda ardem como velas no escuro.

Hoje, abrimos essas portas e deixamos o ar intoxicante entrar. Depois de Dona Beija, você ficará comigo — nos meus textos, nos meus vídeos — para explorarmos juntos a arte de viver com intensidade e um toque de insolência.

Aqui, nada é morno. Ou se queima... ou não se vive.

Dona Beija — Entre o Escândalo e a Sedução

Anna Jacinta de São José, mais conhecida como Dona Beija, nasceu em 1800, em Formiga, Minas Gerais, e se tornou uma das figuras mais fascinantes e controversas do Brasil oitocentista.

Linda, inteligente e dona de um carisma irresistível, ela desafiou as rígidas regras morais de sua época e

transformou sua vida em um palco de poder e liberdade.

Sequestrada ainda jovem por ordem do ouvidor de Araxá, foi levada para o Rio de Janeiro, onde recebeu educação refinada e aprendeu a usar sua beleza como arma social. Ao retornar, escandalizou a conservadora sociedade mineira: vestia-se com

luxo, montava cavalos com destreza e mantinha relações amorosas sem pedir licença a ninguém.

Amada e odiada na mesma medida, Dona Beija deixou um legado de mistério, sensualidade e resistência feminina — sua história ecoa até hoje como símbolo de coragem e liberdade pessoal.

O Mito e a Lenda

A história de Dona Beija se mistura à lenda, e é justamente aí que seu fascínio cresce.

Dizem que, certa vez, para responder aos boatos e ataques de moralistas, ela teria cavalcado nua sobre um cavalo branco pelas ruas de Araxá, apenas coberta por seus longos cabelos. O ato — se fato ou invenção — ficou gravado na memória popular como um gesto de afronta e poder, um “aqui estou e nada me detém” dirigido a uma cidade inteira.



Imagem de Fantasia Fandompor Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART AI, sob a direção de Ary Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

Outra lenda conta que, em sua luxuosa casa, recebia apenas homens de alta posição social, trocando favores e presentes por influência e prestígio. Para alguns, era escandalosa; para outros, uma mulher que sabia jogar com as cartas que a vida lhe deu.

A aura de mistério que a envolve é alimentada pelo contraste: ao mesmo tempo, cortesã e dama, pecadora e estrategista, símbolo de rebeldia e objeto de desejo. Com o tempo, Dona Beija deixou de ser apenas uma mulher real para se tornar personagem folclórica, eternizada em romances, poesias, pinturas e novelas de televisão.



A Flor que Desafiou os Salões: Um retrato literário

IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/09/2023*

Naqueles tempos em que os salões fervilhavam de máscaras e sussurros, e a moral se fazia régua inflexível para medir os gestos e olhares, eis que surge uma figura que rompe o véu da hipocrisia: uma mulher de espírito audaz, beleza singular e vontade indômita. Seu nome é murmurado com fascínio e temor, pois ela encarna a libertinagem que a sociedade tenta sufocar, um ícone vivo da paixão que desafia o jugo das convenções.

Ao descrever sua vida, os escritores não pouparam tinta, alternando entre a admiração e o escândalo, pois nela se encontrava o mistério da sedução e a força da independência feminina. Nas páginas que narram suas andanças, a literatura mistura a verdade com o mito, criando uma musa que não se dobra diante dos rigores da época.

Nos palcos, a dramatização de sua trajetória é sempre marcada por um magnetismo irresistível — a atriz que lhe empresta voz e corpo deve encarnar não apenas a beleza que deslumbra, mas a coragem que afronta. Entre olhares, “censores” e aplausos silenciosos, ela desfila sua existência como uma dança provocante entre a virtude reclamada e o desejo incontido.

Essa personagem tornou-se símbolo, um farol para aqueles que anseiam por liberdade em um mundo de restrições, provocando a reflexão sobre os limites do comportamento, a hipocrisia dos costumes e o direito ao próprio prazer. Em cada ato, em cada página, permanece a pergunta latente: até onde pode ir uma mulher sem perder sua alma e sua honra?

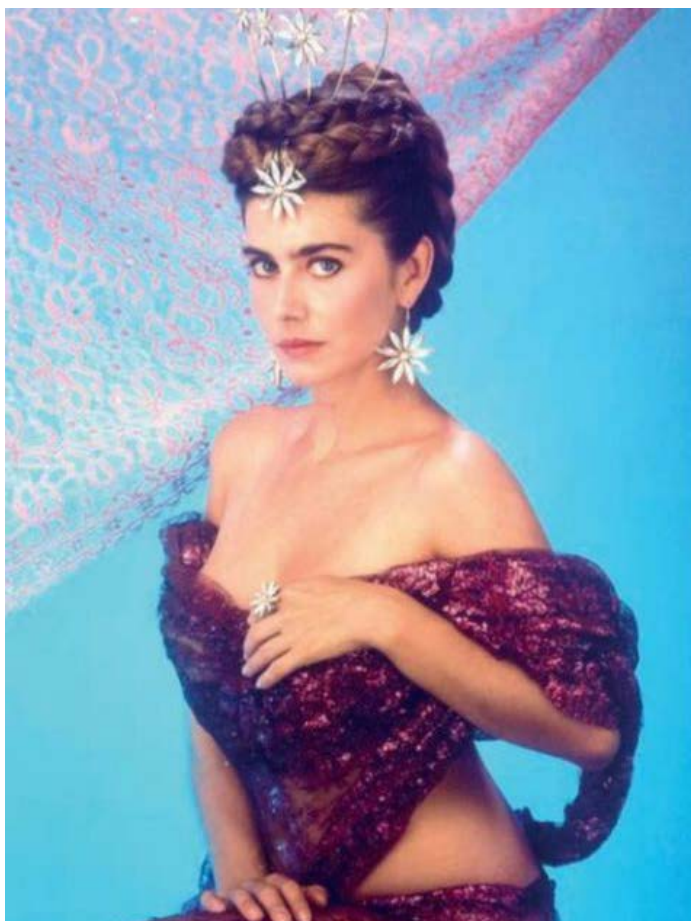


Imagem de Helena Tulipan por Google

O Ícone Proibido: Encanto dos Homens, Pavor das Mulheres

Naquele tempo em que os costumes eram rígidos e o decoro uma obrigação sagrada, a figura que emergia nas conversas era, sem dúvida, a daquela mulher cujo nome fazia os corações masculinos dispararem em segredo e as damas respeitáveis trocarem olhares carregados de receio. Não era apenas sua beleza que atraía — embora esta fosse de uma graça e sedução inigualáveis —, mas a aura de mistério e a liberdade de seus gestos que deixavam os homens completamente fascinados.

Nas rodas dos salões, os sussurros sobre suas façanhas amorosas reverberavam com uma mistura de admiração e cobiça. Ela era a personificação do sonho proibido, a mulher que se recusava a ser presa pelas amarras da moral vigente. Para eles, ela era um fogo vivo, uma tentação irresistível, um enigma sensual que desafiava a ordem das coisas.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"



Porém, não era apenas paixão que ela despertava; a mesma força que encantava os homens espalhava entre as mulheres um sentimento de medo e desconfiança. Pois, para aquelas senhoras acostumadas ao controle das aparências e às regras implacáveis da sociedade, sua liberdade era uma ameaça. Temiam-na como se temesse o fogo que poderia consumir os frágeis pilares da ordem social — invejavam-na pela coragem de ser dona de si mesma e, ao mesmo tempo, a censuravam, condenando-a como um exemplo perigoso e escandaloso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

Assim, essa mulher — ícone e perigo — caminhava entre elogios e maldições, carregando no olhar a promessa de um mundo onde a paixão e a autonomia feminina pudessem coexistir, ainda que isso fosse um desafio quase impossível para a época.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

Tapeçaria de Frases associadas a Beija (ou no espírito dela):

“Eu não me vendo, eu me entrego — mas a quem valer a pena.”

“O prazer é a minha religião, e a beleza meu altar.”

“Não sou presa de ninguém, nem da vida, nem do amor.”

“Os homens me desejam; as mulheres me temem. Que assim seja.”

“Não peço perdão pelo que sou, mas respeito por quem me enfrenta.”

“Quem ousa me julgar não conhece o fogo que arde em mim.”

“Sou tempestade para os fracos e calma para os fortes.”

“A vida é curta demais para não ser vivida com ardor e liberdade.”

“Meus beijos são o segredo que deixam os corações inquietos.”

“Eu quero te ter, me dê o seu beijo, sacia-me. Quero sentir o calor do teu corpo, e Quero o seu beijo de mel na minha boca de areia seca”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"

Nota da Escritora e Colunista Tônia Lavínia

No fulgor daquela época de rígidas convenções e aparências inabaláveis, ela surgiu como um furacão silencioso, uma mulher cuja beleza não era apenas uma dádiva, mas uma arma poderosa. Os homens da alta sociedade não conseguiam desviar o olhar, nem esconder a fascinação diante de sua presença — era como se cada gesto, cada sorriso, fosse uma promessa sussurrada de prazeres proibidos e segredos revelados. Beija não era apenas desejada, era reverenciada em segredo, objeto de fantasias e disputas veladas.

Porém, para as mulheres que seguiam as regras do decoro e da submissão, ela representava o contrário de tudo o que lhes fora ensinado: a liberdade que assombrava seus sonhos e desafiava seu lugar social. O medo que inspirava era tão palpável quanto a inveja — inveja da coragem que ela demonstrava ao viver sem amarras, da ousadia de assumir sua sexualidade como um direito sagrado, e do poder que exercia simplesmente por ser quem era.

Esse contraste — a mistura de fascínio e temor — transformou Beija em um ícone que transcendeu seu tempo. Na literatura e no teatro, sua imagem é representada com todos os matizes dessa complexidade: ora sedutora fatal, ora mulher rebelde e incansável. Ela não apenas incendiava paixões, mas também acendia debates sobre os limites do desejo feminino e o direito à autonomia.

Beija, então, não foi só a mulher que conquistou os homens, mas aquela que despertou nas mulheres a inquietação de uma liberdade ainda proibida, um convite silencioso a romper as correntes invisíveis que aprisionavam seus corpos e almas.

Identidade Libertina



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMARTAI", sob a direção de Tônia Leônia, criada em 25/09/2025

"A Mulher que Escreve Nua"

Sou eu.

A mulher que escreve nua sobre o frio. Nua de roupas, de medos, de defesas. Vestida apenas de pele e lembranças, com os cabelos soltos sobre os ombros e os pensamentos escorrendo como vinho rubro pela garganta na madrugada.

Quero o vinho — não como bebida, mas como rito. Quero o calor lento que desce e me embriaga sem pressa, que desperta a mulher que mora no ventre do silêncio e arde

só com o toque da própria presença.

Penso no senhor de mãos ausentes...

Mãos que um dia me tocaram com reverência e ferocidade, que sabiam decifrar os segredos da minha pele, mas que partiram como o inverno parte ao amanhecer: sem aviso, sem desculpa, sem retorno.

A saudade ficou. Mas não a tristeza. Fiquei eu — mais inteira, mais minha, mais mulher.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMARTAI", sob a direção de Arley Soares Reis, criada em 01/10/2025

A madurecida, guardo os momentos nas páginas do meu diário. Essas páginas, ah... elas são como minha pele: delicadas,

sensíveis ao toque, mas marcadas pelas histórias que vivi — algumas com prazer, outras com dor, todas com verdade.

Escrever é me acariciar com palavras. É relembrar sem me prender. É permitir que o corpo sinta de novo sem que a alma se perca.

Hoje sou mais do que a mulher que foi tocada. Sou a mulher que se toca solitária nas madrugadas frias, lembrando daquele que me deu prazer e desapareceu na névoa fria das minhas lembranças.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/09/2025"

O Amante que nunca Pertence

A duquesa ergueu seu corpo nu quando busquei os abismos de seu prazer. A luz suave do quarto acariciava sua pele brilhante de suor, enquanto os cabelos molhados emolduravam seu rosto. Havia algo na maneira como ela tremia – um reflexo da necessidade de me sentir, de ser tomada até o ponto em que seu corpo inteiro parecia reverenciar o meu.

Suas coxas macias, delicadamente firmes, me apertavam com intensidade. Ela era um poema vivo, escrito sobre os lençóis, uma extensão das tantas faces que eu permitia revelar, mas nunca todas. Dar prazer a uma mulher era a minha caminhada. Ser amante, a minha promessa. Mas eu jamais pertencia. Eu era um viajante em suas vidas, deixando memórias cravadas como versos inesquecíveis, enquanto carregava a sombra de um amor eterno, perdido.

A primavera invadia o quarto pelo aroma das flores. Filipa adormeceu sobre meu peito, seu sono era sereno, quase angelical. Sua nudez repousava

como uma pintura renascentista, eternizada na memória do momento. As taças de vinho sobre a mesa e as roupas espalhadas pelo chão eram testemunhas silenciosas do êxtase compartilhado. Sua respiração, suave e ritmada, fazia seus seios roçarem contra minha pele – um gesto involuntário que parecia o eco do desejo que a saciara.

Filipa, casada há anos com o duque de Bourbon, buscava em mim aquilo que o marido não conseguia oferecer. E eu, ciente da minha transitoriedade, saciava sua fome sem jamais me deixar possuir. Levantei-me com cuidado, escrevi um poema, e o deixei repousar no travesseiro ao lado dela. Não havia café para ela, pois isso era um ritual que eu reservava apenas para Isabella, a mulher que carregava meu coração em suas mãos mesmo após a morte. Mas para aquelas que compartilhavam os lençóis comigo, eu oferecia minha paixão. Uma marca gravada em seus corpos e almas, ainda que passageira.

Tônia Lavínia

Senhorita S

Hoje não teremos cartinha, meus amados leitores.

Mas não se preocupem: a senhora S. traz para vocês um convite especial, um mergulho no universo do erotismo que vai além das pala-

vas escritas nas cartas. Vamos falar sobre essa necessidade humana tão profunda de sentir, de se conectar, de viajar pelos sentidos — seja através do toque, de um olhar, ou das páginas de um livro que nos seduz e nos transporta, das luzes de um

palco, dos movimentos da dança ou das emoções despertadas no cinema e no teatro.

Preparem-se para uma viagem íntima, onde o erotismo é mais que um desejo, é a essência de viver.

O erotismo não é indecente, tampouco sujo. É a expressão mais genuína da vida que pulsa em nós, um fogo sutil que arde no peito e se revela em gestos, palavras e sonhos.

O erotismo é a arte sublime de sentir o mundo com todos os sentidos, uma dança silenciosa entre a alma e o corpo que nos torna vivos, inteiros e livres. É uma linguagem que ultrapassa a razão, fala direto ao coração e ao mistério que carregamos nele.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Aracy Soares Reis, Criada em 01/10/2025"

Assim como navegamos por histórias, exploramos desejos que nos fazem vibrar e nos convidam a existir plenamente. É uma celebração da vida, um convite para sentir, para amar, para ser. O erotismo é o pulsar da vida em sua forma mais pura — não um pecado, não um erro, mas uma necessidade tão fundamental quanto respirar.

É o convite que nosso corpo e nossa alma fazem para que nos reconectemos com o prazer, com o toque, com o sentimento que nos lembra que somos além das máscaras que usamos no dia a dia.

Não se trata apenas do físico, mas de uma viagem interior, onde nos permitimos sentir o desejo, a paixão, a vulnerabilidade e a força que habitam em nós. É a sutileza de um olhar, na carícia que desperta a pele, na palavra sussurrada, que o erotismo se revela e nos transforma.

Viajar pelo erotismo é viajar por nós mesmos, pelos nossos anseios, pelas nossas fantasias, pelo nosso direito de sentir e existir em plenitude.

E se o mundo tenta pintar o erotismo como algo sujo ou proibido, é porque tem medo da liberdade que ele representa. Liberdade para sermos inteiros, para amarmos sem vergonha, para nos expressarmos sem culpa.

Então, meus queridos, celebraremos o erotismo como uma arte de viver, um caminho para autodescoberta e para a beleza que existe em cada desejo, em

cada toque, em cada suspiro. Porque o erotismo é vida, é luz, é amor em sua forma mais sincera.

Chegamos ao fim de mais um ano e é com o coração cheio de gratidão que compartilho com vocês este último mergulho nas palavras, nas sensações e na beleza do erotismo.

Foi um privilégio imenso participar da Desnuda em Palavras, na revista internacional The Bard, onde juntos exploramos o que há de mais íntimo e verdadeiro em cada um de nós.

Que o caminho que temos pela frente seja repleto

de descobertas, liberdade para sentir e expressar, e que o erotismo continue a ser a chama que aquece nossas almas e inspira nossas vidas.

Com todo carinho,

Senhorita S.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI", sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/09/2025

Vídeos no Youtube:

**Eu te amo,
por Tônia Lavínia.**



ASSISTIR AO VÍDEO

**"Entre Sombras de Saudade: A Jornada de
Mileyde Gwendolyn Apaixonada, Após a
Partida do Seu Amor" por Tônia Lavínia.**



ASSISTIR AO VÍDEO

LIVRO DA AUTORA

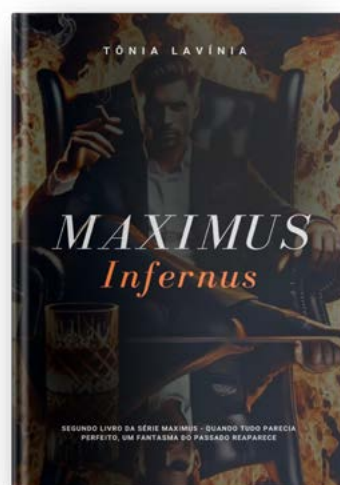
ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

COLONISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é co-autora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard*, compartilha sua escrita sensível e profunda por meio de seu perfil literário – um espaço dedicado a cultivar poesia, provocar reflexões e ressignificar sentimentos através da palavra.

Querido(a)s leitores e leitoras, poetas e poetisas da Revista *The Bard*, apresento-lhes a 34ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas.

A Coluna Poetas e Poetisas, em sua essência, é a arte de transformar sentimentos em palavras e emocionar àqueles que a apreciam profundamente. Nesta coluna, poetas e poetisas de diferentes tempos e lugares se encontram e um diálogo poético que flui livremente e através de versos cuidadosamente esculpidos, oferece-nos o desnudar de almas. Cada linha contém uma história, um suspiro, uma emo-

ção, uma alegria – e cabe a nós, leitores, descobrir e mergulhar na incrível experiência do sentir.

Aos poetas e poetisas desta edição, minha gratidão pela sensível participação! E aos distinto(a)s leitoras/es da Coluna Poetas e Poetisas da Revista *The Bard*, desejo uma experiência repleta de sensações e aprendizado.

Abraços poéticos!

Edna Lessa



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/11/2025"

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



MIL ANOS

O que são mil anos
Para um eterno amor?
Quantas vidas precisarei viver?
Diga-me!

Eu as viverei
Afável e abnegadamente
Regressarei a qualquer tempo
Da vida o que mais quero é te amar

Se em apenas um segundo
Eu pudesse sentir seu coração
Entregá-lo-ia minha alma
E nasceria outra vez



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





PIETRO COSTA

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



ALÉM DAS QUIMERAS

Além das quimeras e cruezas
Perdurando ao longo das eras
Plátanos, estiagem, incertezas
Outonos, verões e primaveras

Conflagra a chama inexaurível
Atrai, enrubesce, sem ser visto
E forja o gládio intransponível

Sustém corações em desalento
Veste olhares de nobre intento
Pulsa nas entranhas do cosmos
Saudade nos sinos que dobram

Entrelinhas, o enlaçar de blandícias
Ressoar no peito de tenras melodias
Dos pós e orvalhos, esculpe legados
De ramagens hostis, erige santuários

Quatro letrinhas
Oxítono
Faz tilintar
A poética do infinito
Divinamente humano
Humanamente divino
É portentoso clamor
Artífice de toda a Arte
É caminho redentor
O Belo, seu estandarte
É ele... O Amor!!!!



INSTAGRAM



POST NO SITE





ILZE MATOS

Cidade: São Luís
Estado: Maranhão
País: Brasil



A ARTE DO AMOR

O amor é essa arte ilimitada,
sem medida, sem barreiras,
indo sempre em frente,
sonhando com todas as cores que usamos
para pintar um quadro rumo à felicidade.

Seguimos, sorrindo, sonhando, amando,
desenhando o amor no mar, na lua,
juntando estrelas e fazendo linda arte
com a palavra amor.

Se pudesse dançar no céu,
com chapéu e o amor de mel,
dançaria como nunca antes,
contando histórias de amor,
fazendo arte sob a luz da lua
com cada imagem sua.

O amor é a grande arte da vida,
talvez a mais importante de todas.
Ele nos faz sonhar,
realizar sonhos imaginários,
e eu poderia escrever eternamente,
porque amo o amor.

Ele vive dos sonhos mais lindos,
faz sonhar com as mais belas canções,
mesmo que não se realizem.

O amor sempre será o amor.



INSTAGRAM



POST NO SITE





RUTE ELLA

Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil



I – AO ARGUMENTO

O homem foge à sombra que o consome,
mas traz nas mãos o rio que liberta;
entre prisão e morte ergue o nome
do verbo vivo em sua chama aberta.

Rouxinol e chave, em um só diadema,
sombra e clarão se unem no anel sagrado;
transborda a criação — fulgura o lema
do gesto imenso em sangue revelado.

Na aurora amarga a consciência nasce,
O fruto novo à dimensão se atreve; real se rompe e o invisível enlace.

E o poeta, exilado, ainda escreve:
do ferro oculto, o fecho se desfaz,
mantendo o mundo aberto em sua paz.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MARIA LÚCIA

Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil



SONETO DO AMOR

O amor, a arte de todas as artes,
não precisa de moldura ou de palco.
É presença que se mostra inteira,
mesmo quando nasce discreta.

É criação que renasce na entrega,
sem buscar aplausos, sem vanglória.
Gesto pequeno que se faz imenso,
mesmo quando dura apenas um instante.

É obra viva, sempre inacabada,
sempre retorno, sempre recomeço,
como se fosse eternidade em pedaços.

E, quando parece ausente do mundo,
permanece latente, respirando fundo,
à espera de quem ouse senti-lo.

INSTAGRAM



POST NO SITE





ARELY SOARES

Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil



AVERBO

À luz do luar
Pelo murmúrio
Que passa o ensejo
Dos borrões
De uma lágrima
Com a dor,
Abrir-se-á
O peito,
Como o pássaro
Desdobra suas asas,
Fluído ao evocar do Sol,
Onde a paixão veleja
Sobre as ondas azuis,
O su-jeito laçado
Ao permanecer
Amiudado a estar
E incessante a ser
Um só em corpo e alma,

-Nós mareamos.
Enquanto houver âmagos!
Destas incógnitas almas
Que se encontram
Há as que
Não se misturam
Como os rios!
Comme c'est triste!
- Eis o fenômeno.
Como é possível?
O verbo Amar
Não ser de ligação?
Ei-lo tempo a tempo
Unindo os corações.

INSTAGRAM



POST NO SITE





RILNETE MELO

Cidade: Pindaré Mirim

Estado: Maranhão

País: Brasil



DELÍRIOS

não é fogo ardendo
na pele,
é incêndio queimando
a essencialidade,
não é êxtase
roubando fôlego,
é abraço curando a
humanidade,
é sobre algo que
alimenta famintos,
veste os nus,
abriga os sem-teto,
ouve os silenciados,
vê os invisíveis,

sente os esquecidos,
é uma febre poética que
vai AMORtecendo
a vida que vejo jogada
num abismo profundo.
Não é corpo em delírio
no ledor engano de amar,
é a essência da alma,
é AMOR sagrado
necessário para
suprir o mundo.

INSTAGRAM



POST NO SITE





LUCIANA FERNANDES

Cidade: Ribeirão Preto
Estado: São Paulo
País: Brasil

CANTO AO AMOR

No princípio não havia silêncio,
nem trevas, nem luz:
apenas o sopro oculto
que dormia no seio do eterno.

E desse sopro nasceu o Amor,
primeira chama,
fogo que não queima, mas cria,
círculo que gira sem começo,
estrela que acende os abismos.

Foi ele quem chamou as águas pelo nome,
quem ensinou às montanhas o gesto de se erguer,
quem bordou de claridade
o véu das constelações.

E ao moldar o mundo
não usou martelo nem espada,
mas a palavra secreta,
que uniu o pó à centelha
e fez do homem e da mulher
dois espelhos de um mesmo infinito.

Assim nasceu a origem,
assim o cosmos se abriu em flor
e o Amor, coroa e raiz,
ergueu-se como senhor dos destinos.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J. B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



QUANDO O TEMPO SE DESFAZ

Há um lugar onde as horas não passam,
onde teu riso ainda ecoa pelas manhãs
e eu acordo procurando tua voz
nos cantos vazios da casa.

Saudade não é lembrança
é presença que se ausenta,
é o fantasma doce de quem foste
caminhando pelos corredores do peito.

Guardo teus gestos em gavetas secretas:
o jeito como mexias o café,
como tuas mãos dançavam no ar
contando histórias que só eu entendia.

O tempo insiste em seguir,
mas eu permaneço naquele dezembro
quando éramos eternos
e não sabíamos.

Saudade é amor que não morreu,
apenas mudou de endereço
agora mora na memória,
paga aluguel em lágrimas.

E eu aceito essa inquilina eterna,
porque ela traz teu perfume
nos dias mais cinzentos,
porque ela sussurra teu nome
quando o silêncio dói demais.

WOLFBIO



POST NO SITE



06



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

O QUE SÃO MINICONTOS?

Um miniconto é uma história em dose mínima, mas carregada de intensidade. São narrativas curtas, diretas e surpreendentes, que cabem em poucas linhas — às vezes em apenas uma frase.

Imagine uma centelha que acende a imaginação: um enredo que, em pouquíssimos caracteres, provoca emoção, reflexões ou até gargalhadas. O poder do miniconto está justamente nisso: dizer muito, com quase nada.

Para os autores, escrever minicontos é um desafio criativo delicioso: exige

escolher as palavras com precisão cirúrgica, brincar com silêncios, metáforas e finais inesperados.

Para os leitores, é uma experiência viciante: cada texto é rápido de ler, mas pode ficar ecoando na mente por horas.

Na coluna "Nem Te Conto" da revista "The Bard," você tem até 300 caracteres para criar universos inteiros. Pode explorar temas de amor, fantasia, crítica social, humor, suspense, infância, cotidiano — ou misturar tudo e inventar seu próprio estilo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"

Um bom miniconto é como um raio: breve, capaz de iluminar a noite inteira.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"

Convite aos que ousam escrever o invisível

Há histórias que cabem em mil páginas — mas há outras que só encontram vida em poucas linhas. Essas, intensas e breves como um suspiro, são os minicontos: a arte de dizer o essencial com delicadeza e impacto.

Nossa revista, dedicada à poesia, à música e às múltiplas formas de arte, abre agora um espaço para você, escritor ou escritora, que deseje compartilhar sua voz com o mundo.

Convidamos novos talentos a enviarem seus minicontos para a nossa coluna “Nem te conto”, um lugar onde cada palavra pulsa, onde cada silêncio também fala.

Por que e como participar?

Seu texto poderá alcançar leitores em diferentes países, atravessando fronteiras e idiomas.

Você terá a oportunidade de se expor num espaço de prestígio, lado a lado com artistas e escritores que, assim como você, acreditam no poder transformador da arte.

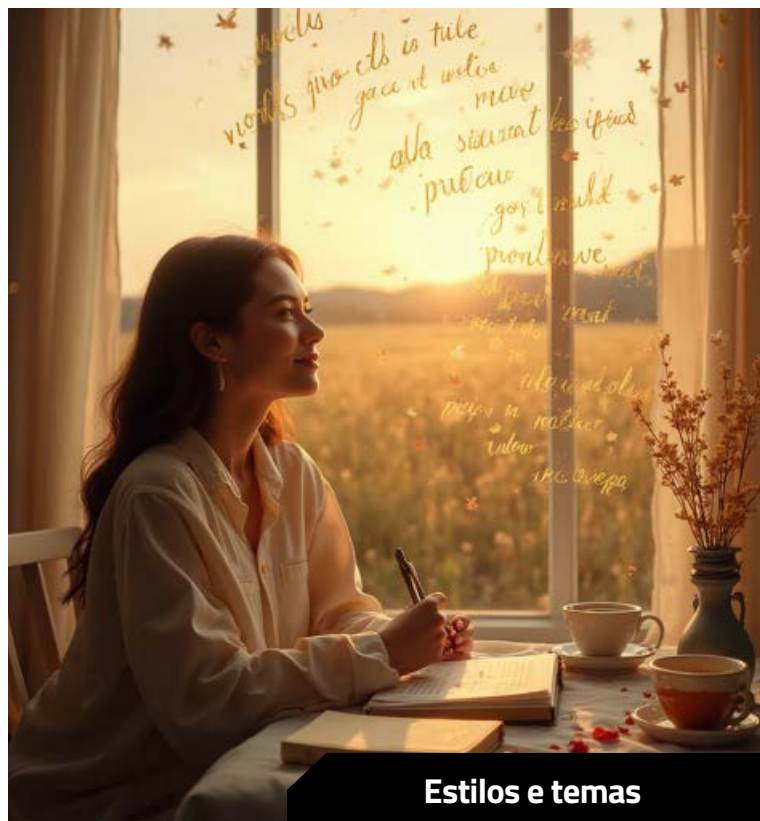


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"

Estilos e temas

Seus minicontos poderão tocar, provocar e inspirar pessoas que talvez nunca conheceria — mas que reconhecerão em suas palavras um reflexo de si mesmas.

É também uma chance de crescimento criativo, um convite a exercitar sua imaginação, condensar sentimentos e experimentar novas formas de expressão.

Você é livre para explorar diferentes gêneros literários: do romance ao terror, da fantasia ao suspense, do poético ao humorístico, do realismo social ao misterioso. Pode falar de amor, infância, cotidiano, sonhos, medo, política, liberdade, identidade — ou qualquer tema que arda dentro de você.

Escreva. Ouse. Entregue-se.

Cada linha sua pode ser um relâmpago acendendo a noite de alguém.

Estamos prontos para acolher sua arte. E você? Vai se permitir ser lido pelo mundo?



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"

Como participar?

Atenção, novos escritores da revista

Na coluna “Nem Te Conto”, o limite máximo para os textos é de 300 caracteres.

Seja criativo, objetivo e impactante — afinal, grandes histórias também podem ser contadas em poucas palavras.

Entre em contato e envie seu texto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/09/2025"

Microcontos

Ficção Constelações Partidas

Ela programou a máquina para sentir. Ele, humano, esqueceu-se de amar. No fim, foi a androide quem guardou no peito a lembrança do beijo que nunca existiu.

Poético Raízes Invisíveis

Na mesa vazia, cabiam silêncios e saudades. Ainda assim, cada prato refletia a ternura herdada: o amor era servido mesmo quando ninguém mais estava ali.

Infantil O Balão Azul

Ele soltou o balão, e o céu ficou mais perto. “Volta!”, gritou. Mas o balão seguiu viagem. Então sorriu: agora tinha um amigo morando entre as nuvens.

Terror O Outro Lado

O muro pulsava à noite. Vozes sussurravam por dentro das rachaduras. Ele jurava ouvir seu próprio nome, até que a parede respondeu em uníssono: “Entra”.

Mistério Marca Única

Na areia úmida, apenas uma pegada solitária. Nenhuma entrada, nenhuma saída. Ele seguiu o rastro inexistente — e descobriu que não havia sombra atrás de si.



Fantasia Felicidade O Guardião dos Sorrisos

No bosque encantado, a fada escondia frascos de felicidade. Quem os encontrava ria por dias. Um garoto que nunca sorriu abriu um — e o mundo inteiro riu junto dele.



Crítica Social Passagem de Ida

Chamavam de viagem dos sonhos: ônibus lotado, horas em pé, destino o trabalho mal pago. Ele fechou os olhos, sonhando que um dia a viagem fosse de volta para casa, sem hora pra partir.



Suspense Sombras no Relógio

A noite caiu pesada. O relógio parou às três e treze. Cada badalada inexistente ecoava no quarto. Ele percebeu que não estava sozinho quando o silêncio respirou fundo.



Infância Pipa Amarela

A linha arrebentou e a pipa voou livre. A criança chorou, mas logo correu rindo atrás. Descobriu que a alegria era maior quando o vento também brincava.

LGBTQIA+ Entre Cores

Diziam que não havia razão para aquele amor. Mas quando ela segurou sua mão na praça cheia, todas as razões do mundo se apagaram diante da única que importava: existir juntas.

Humor Cartão Vermelho

O jogador caiu no chão como se tivesse sido atingido por um raio. O juiz, impassível, mostrou o cartão. A plateia gargalhou quando o raio... pediu pênalti também.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





A memória que abraça e mata

Por J.B Wolf

A lua sobe,
prateada e lenta,
a fera corre,
a mente se atormenta.
O instinto segue a trilha que traça e
para na porta que a memória abraça.
A batida na madeira é ingrata.
Pois não uso a mão. Uso a pata.

WOLFBIO

POST NO SITE





Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS





Luís Amorim

Oeiras - Portugal



Contos

Entregar a mensagem

Por Luís Amorim

A escrita canção é afecto e o conto ideal paixão, onde essas vertentes de enredo formam uma singular mensagem. Com esta por entregue, não há motivo para a solidão, apesar da marcante predominância que ela impõe, aceite por tristeza ao não ver a face diversa, a pretender libertadora conversa, mas recebendo encolhida atitude imersa.

E assim vai continuando, a canção não ouvindo, nem lendo o conto, mas como tarde é palavra que nunca se põe, o dia tem sempre aquela força da manhã, onde a desperta mente compõe e escreve, seja em verso ou pelo seu reverso, pretendendo dizer que afecto e paixão formam bela extensão e consonante intenção que pretende ser espelhada no pensamento destinado receptivo, sem duvidar afectivo, mas talvez ainda não o suficiente perceptivo.

Resta o ficar paciente, esperando no engrandecimento de tanto ente versejado ou pelo seu directo correspondente predicado, onde a referida canção mais afectuoso conto, aguardam em jeito de mensagem por entregar, de onde por certo não terão qualquer pretensão em sair sem feita entrega, como se estivessem numa plataforma de espera interminável ao firmamento.

Nesse estado, a invocação de adicional nível, sempre poderá ocorrer e, quem sabe, haver um especial atendimento por desnível que enfim se constate e pretenda bem corrigir, dotando no melhor possível um mais que promissor equilíbrio, consentâneo na certa medida com o esperar sabedor de afectos e outros igualmente correctos e, no sempre, respeitosos trejeitos predilectos.

Entregar a mensagem

Por Luís Amorim

Entretanto, a notável criatividade vai progredindo e ampliando os largos horizontes, para que canção e poético conto tenham sua grande vocação bem virada para o entregar de mensagem no destino, o qual já tinha sido invocado no perante digno representante, finalmente presente e mais do que pronto a interceder com o seu nobre propósito de entregar a mensagem na melhor viagem porque existe sincera coerência em chegar à residência de tão bela essência na melhor referência com tais poesias e prosas, um amplo coração em literário hino a sorrir na dedicação perante o seu destino.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B Wolf

Brasília - Brasil

Contos

O Café Passagem Capítulo 2: Reconhecimentos

Por J. B Wolf

O segundo café chegou acompanhado de um silêncio diferente. Não mais carregado de tensão ou surpresa, mas de uma expectativa quase palpável. Luísa mexia o açúcar em movimentos circulares, hipnóticos, enquanto Daniel observava suas mãos com a mesma atenção que dedicava às páginas de seu caderno.

— Posso fazer uma pergunta? — ela disse, finalmente erguendo os olhos.

— Todas as que quiser.

— No caderno... você escreveu sobre uma filha chamada Clara. Ela é...?

— Nossa — Daniel respondeu sem hesitação, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

A palavra ficou suspensa no ar entre eles. Nossa. Como se já fossem um casal, como se já tivessem construído uma vida juntos, como se o futuro fosse apenas uma extensão inevitável do presente.

— Isso é loucura — Luísa murmurou, mas sua voz não carregava convicção.

— É — Daniel concordou. — Mas você ainda está aqui.

Ela não conseguia negar. Havia algo naquele homem, naquele momento, que desafiava toda lógica.

Era como se uma parte dela, uma parte que nem sabia que existia, reconhecesse Daniel como alguém que sempre estivera destinado a encontrar.

— Me conte sobre Lisboa — pediu ela.

Daniel fechou os olhos por um momento, como se acessasse uma memória que ainda não havia acontecido.

— Você usa um vestido azul-marinho. Estamos na Rua Augusta, e você para diante de uma livraria antiga. Compra um livro de Fernando Pessoa que já tem em casa, mas diz que é diferente comprá-lo em Lisboa. Eu fotografo você segurando o livro, sorrindo, com o sol da tarde iluminando seu rosto.

Luísa sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Pessoa era seu poeta favorito, algo que jamais mencionara a ninguém naquele café.

— E Clara?

— Ela tem seus olhos, mas meu jeito teimoso de franzir a testa quando está concentrada. Aos cinco anos, decide que quer ser "escritora de futuros", como o papai. Você ri e diz que ela pode ser o que quiser, mas que talvez seja melhor começar escrevendo o presente.

As lágrimas vieram sem aviso. Luísa não sabia por que chorava, se era pela beleza daquelas imagens impossíveis ou pelo medo de que pudessem ser reais.

— Hey — Daniel estendeu a mão sobre a mesa, tocando levemente seus dedos. — Não precisa acreditar em nada disso.

— Mas eu acredito — ela sussurrou. — E isso me apavora.

— Por quê?

— Porque... e se você estiver errado? E se nada disso acontecer?

Daniel sorriu com uma ternura que parecia vir de anos de convivência.

— Então teremos vivido um domingo extraordinário. E às vezes, Luísa, um domingo extraordinário vale uma vida inteira de segundas-feiras comuns.

Ela enxugou os olhos com o guardanapo de papel.



— Você sempre fala assim? Como se fosse um personagem de romance?

— Só quando estou nervoso.

— Você está nervoso?

— Apavorado — ele admitiu. — E se você estiver certa? E se eu for apenas um homem comum que desenvolveu uma obsessão estranha por uma desconhecida bonita que frequenta cafés aos domingos?

Luísa riu pela primeira vez desde que se sentara à mesa.

— Então seríamos dois loucos tomando café.

— Há destinos piores.

O relógio na parede marcava meio-dia. O ritual de Daniel deveria ter terminado há muito tempo, mas o caderno permanecia fechado sobre a mesa.

— Posso te fazer um pedido? — Luísa perguntou.

— Claro.

— Escreva sobre hoje. Sobre este momento. Quero saber se o que você vê do futuro inclui... isto.

Daniel abriu o caderno em uma página em branco. Pegou a caneta e começou a escrever, sem tirar os olhos de Luísa. Ela observou suas mãos se moverem com fluidez, como se as palavras já estivessem prontas, esperando apenas para serem libertadas.

Quando terminou, virou o caderno para ela.

"Luísa descobrirá que alguns encontros não são coincidências, mas reconhecimentos. Hoje, ela escolherá acreditar no impossível. E o impossível, grato por sua fé, se tornará inevitável."

— E agora? — ela perguntou, ecoando sua própria pergunta de minutos atrás.

— Agora — Daniel fechou o caderno e se levantou — você me deixa acompanhá-la até em casa. E no próximo domingo, se quiser, voltamos aqui. Mas desta vez, você traz um livro para ler para mim.

— Que livro?

— Qualquer um. Só quero ouvir sua voz contando uma história que não seja a nossa.

Luísa pegou a bolsa e se levantou também. Quando passaram pela porta do café, ela se virou para olhar a mesa que deixavam para trás.

— Daniel?

— Sim?

— Você realmente acredita que pode ver o futuro?

Ele parou na calçada e a encarou com aqueles olhos castanhos que pareciam guardar segredos do tempo.

— Não sei se vejo o futuro, Luísa. Mas sei que, desde que comecei a escrever sobre você, meu presente ficou muito mais interessante.

E pela primeira vez em anos, Luísa sentiu que o futuro, qualquer que fosse, valia a pena ser vivido.

CAPÍTULO 1



WOLFBIO



POST NO SITE





J.B Wolf

Brasília - Brasil

Contos

O Café Passagem Capítulo 3: A Caminhada

Por J. B Wolf

A tarde de domingo se estendia preguiçosa pelas ruas do centro antigo quando Daniel e Luísa deixaram O Café Passagem. O sol filtrado pelas nuvens criava uma luz dourada que parecia abençoar a caminhada, como se a própria cidade conspirasse para tornar aquele momento especial.

— Para que lado? — perguntou Daniel, ajustando a alça da mochila onde guardava o caderno.

— Rua das Flores — Luísa respondeu, surpreendendo-se com a naturalidade do gesto quando apontou a direção. — Fica a uns quinze minutos daqui.

Eles caminharam em silêncio pelos primeiros quarteirões, absorvendo a estranheza confortável de estarem juntos. Luísa observava Daniel pelo canto do olho, a forma como ele evitava pisar nas rachaduras da calçada, como seus olhos se detinham nas vitrines das lojas antigas, como parecia estar constantemente ouvindo algo que ela não conseguia escutar.

— Posso fazer uma pergunta? — ela disse quando passaram por uma floricultura.

— Todas as que quiser.

— No caderno, você escreveu sobre meu medo de trovões. Como soube disso?

Daniel hesitou, como se escolhesse cuidadosamente as palavras.

— Eu vejo você aos cinco anos, escondida debaixo da cama durante uma tempestade. Sua mãe tenta te convencer a sair, mas você só aceita quando ela traz uma lanterna e finge que vocês estão explorando uma caverna.

Luísa parou de caminhar. O coração disparou.

— Minha mãe nunca contou isso para ninguém. Nem eu me lembrava desse detalhe da lanterna.

— Mas aconteceu?

— Aconteceu — ela sussurrou. — Eu tinha cinco anos. Como você pode saber disso?

Daniel não respondeu imediatamente. Eles retomaram a caminhada, passando por uma padaria que exalava aroma de pão fresco.

— E a coleção de miniaturas de faróis? — Luísa insistiu.

— Você começou aos doze anos, depois de ler um livro sobre uma menina que morava em um farol. A primeira miniatura foi um presente de aniversário da sua tia Helena. Está guardada numa caixa de sapatos no alto do seu guarda-roupa.

Luísa sentiu as pernas fraquejarem.

— Daniel, isso é... isso é impossível. Eu nunca falei sobre os faróis para ninguém. É uma coisa boba, infantil. Nem minha melhor amiga sabe.

— Mas você ainda compra uma miniatura nova a cada ano, no seu aniversário. Uma tradição secreta.

Era verdade. Todo dia 15 de março, Luísa visitava uma loja de antiguidades e escolhia um farol em miniatura. Tinha vinte e três na coleção. Ninguém sabia.

— Como? — ela perguntou, parando novamente. — Como você pode saber essas coisas?

Daniel se virou para encará-la. Seus olhos castanhos refletiam uma mistura de ternura e melancolia.

— Eu não sei como, Luísa. Só sei que quando escrevo sobre você, é como se eu estivesse lembrando, não inventando. Como se essas memórias sempre tivessem estado lá, esperando para serem descobertas.

Eles continuaram caminhando, passando por uma livraria antiga com livros expostos na calçada. Luísa tocou a lombada de um exemplar de "Mensagem", de Pessoa.



— E o ponto de nascença atrás da minha orelha?

— Esquerda. Formato de uma pequena lua crescente.
Instintivamente, Luísa levou a mão à orelha. O ponto estava lá, escondido pelos cabelos, exatamente como ele descrevera.

— Você escreveu sobre outras pessoas antes de mim?

— Não — Daniel respondeu sem hesitação. — Só você. Durante três anos, só você.

— Mas por quê? Por que eu?

— Essa é a pergunta que me mantém acordado todas as noites.

Eles viraram na Rua das Flores, uma via estreita ladeada por casas antigas com varandas de ferro trabalhado. Luísa apontou para um prédio de três andares com azulejos azuis na fachada.

— É ali. Segundo andar.

Quando chegaram à porta, nenhum dos dois parecia pronto para se despedir. Daniel olhou para as janelas do segundo andar, como se tentasse gravar cada detalhe na memória.

— Luísa?

— Sim?

— Você tem medo de mim?

A pergunta a pegou desprevenida. Ela estudou o rosto dele, as linhas de preocupação ao redor dos olhos, a tensão na mandíbula, a vulnerabilidade que ele tentava esconder.

— Deveria ter — ela admitiu. — Qualquer pessoa sensata teria. Mas não, Daniel. Eu não tenho medo de você.

— E do que eu represento?

— Isso me apavora — ela confessou. — A ideia de que talvez o mundo seja muito mais estranho e maravilhoso do que eu imaginava. A possibilidade de que algumas coisas sejam... destinadas.

Daniel sorriu, e pela primeira vez desde que se conheceram, o sorriso chegou aos olhos.

— Posso te ver na próxima semana? Não necessariamente no domingo. Qualquer dia.

— Quarta-feira — Luísa respondeu sem hesitar. — Tenho uma pausa no trabalho às três da tarde. Podemos nos encontrar no café.

— Quarta-feira às três — ele repetiu, como se estivesse memorizando uma oração.

Luísa subiu os três degraus até a porta do prédio e se virou para olhá-lo uma última vez.

— Daniel?

— Sim?

— Obrigada por me acompanhar até em casa.

— Obrigado por me deixar.

Ela entrou no prédio e subiu as escadas, ouvindo os passos de Daniel se afastando na calçada. Quando chegou ao apartamento, correu até a janela e o viu caminhando devagar pela rua, as mãos nos bolsos, a cabeça ligeiramente inclinada como se estivesse conversando consigo mesmo.



COLUNAS E COLUNISTAS

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



WOLFBIO



POST NO SITE





CRÔNICAS



A FACE (IN)VISÍVEL DA MORTE

Por Rute Possebom

*“Quando a Indesejada das gentes chegar
(não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo”.*
Manuel Bandeira

Quando me levantei, naquela quarta-feira de julho – o céu estava azul apesar do frio congelante. Estava animada, pois faria um plantão do estágio obrigatório no hospital de cães e gatos. O curso de auxiliar de veterinário estava bem próximo do fim e eu estava amando fazer parte daquele universo mágico. É verdade que alguns pets mordem ou arranham e alguns tutores têm vontade de agir da mesma forma. Outros são carentes e amigáveis – características presentes tanto nos animais irracionais quanto nos racionais. Várias vezes ultrapassei as horas necessárias no plantão, pois ficar ali era muito bom. Mal sabia eu que a temperatura seria gélida para a pele e para o coração. O texto é bastante triste, explora a morte como pano de fundo, mas, como dizia meu terapeuta: às vezes, a dor precisa ser transformada em arte para ser assimilada pelo subconsciente.

Tomei meu café, expliquei para meu Yodinha (um lindo gatinho tigrado) que ia para o estágio cuidar dos bichinhos doentes, mas que voltaria no início da noite para ficar com ele, coloquei meu “pijama” de trabalho e fui pronta para conferir parâmetros da saúde de gatos e cachorros internados. Cheguei ao local e logo senti algo estranho. O ambiente parecia tenso e carregado. Tive a impressão de que alguém estranho e indesejado havia chegado antes de mim. Sua presença era marcante, mas invisível ao mesmo tempo.

O miado agudo e insistente da gatinha já indicou o primeiro problema. Seu olhar assustado e fixo mostrava que ela enxergava algo além dos veterinários e auxiliares. Acuada na caixinha de transporte, não queria sair, pois o medo a paralisava. Tentou morder, tentou arranhar, tentou agarrar sua cobertinha, mas, exaurida pela dor, acabou por ceder e pôde ser examinada. Sugeriram exames de sangue, raio-x e ultrassom para tentar fechar um diagnóstico. Seus tutores, preocupados e atentos, aceitaram realizar os exames e assim foi feito.

Os resultados que se seguiram não foram nada animadores. A cirurgia deveria acontecer nas próximas horas, pois o excesso de líquido livre no abdômen sugeria

uma grave infecção uterina. O trabalho de convencimento dos tutores foi dificultoso. Havia o valor da cirurgia, da internação, da medicação. Após muita conversa, veio a autorização. Aquela gatinha de olhos azuis seguiu para o ambiente cirúrgico acompanhada pelos cirurgiões e pela anestesista. Os guardiões da gatinha, aflitos e esperançosos ao mesmo tempo, foram para a sala de espera. Penso que esse lugar deveria ser mais acolhedor e menos frio. A psicóloga, preparada para conversar com os tutores, foi até eles, mas o lugar estava cheio de cães e gatos esperando o atendimento. Alguns latiam; outros miavam forte; outros uivavam. Enfim, ambiente propício para tragédias anunciadas, como diria Gabriel Garcia Márquez. Pausa para a cirurgia. Voltaremos daqui a pouco com informações mais precisas sobre a nossa pequena paciente. Uau! O dia mal começou pensei eu...

Dirigi-me ao espaço da internação dos bichanos e dos “doguinhos”. Nova tristeza: dois gatinhos muito debilitados por causa da doença renal crônica – algo muito comum entre os felinos. A veterinária de plantão sabia que eles não conseguiriam resistir por muito tempo, mas trabalhava arduamente para tentar diminuir os índices sanguíneos elevadíssimos, mas nada parecia ajudar. O odor e a presença da morte estavam em cada baia naquele gatil, preparado para a internação felina. Tive a impressão de que a Morte, não aquela das histórias em quadrinhos, bonachona e sorridente, mas a dura e implacável, estava sentada naquele ambiente esperando um último suspiro para recolher em seu manto negro os corpinhos inertes.

Quando iniciei os parâmetros de um dos cachorrinhos internados, a anestesista interrompe o trabalho, pois entra aos prantos e diz que nada poderia ser feito pela gatinha, uma vez que um câncer agressivo e cruel havia tomado conta do abdômen de nossa pequenina paciente. Naquele momento, confirmei que a presença da Morte estava ali pronta para ceifar os seres inocentes. Os veterinários chamaram os tutores e teria início uma cena triste para estes, mas extremamente cruel para a bichana. Seus olhos, antes de um azul intenso, apresentavam a opacidade digna daqueles que querem ir, mas são impedidos pela angústia e, muitas vezes, pelo egoísmo intenso das pessoas que julgam ter o direito de não deixar partir o doente que está entre a vida e a morte. Foram horas intensas e sofridas até que autorizaram a liberação da linda gatinha. Primeiro ponto para a Morte.

Enquanto tudo isso acontecia, chega ao hospital uma cadela de raça, parecia ser bonita, mas era matriz de gestações para enriquecer seu “dono”. Estava desidratada, fraca, muito magra, exalando um odor fétido e de morte... Seus olhos mostravam a tristeza de quem estava sofrendo muito com dor em suas entranhas. Após o ultrassom, veio o resultado: dois fetos mortos no útero da pobre cadela, exaurida e explorada por seres que se dizem humanos. Pude sentir novamente que a Morte estava ali, triunfante, apenas esperando a cirurgia para carregar mais dois com ela. Por que motivo estava tão cruel naquele dia? É uma pergunta que não me sai da cabeça. A resposta não encontrei.





CRÔNICAS

Voltei aos parâmetros. Sentei-me no chão, pois a baía em que a cadela estava era muito baixa. A bichinha era bem brava, disposta a cravar os dentes no primeiro ser que estivesse disposto a perturbar seu sono no meio da tarde. Ouvi uma gritaria e a coordenadora entra e solicita minha ajuda para ver um cachorro que havia sido admitido como emergência. Pobre animal. Seu corpo repleto de feridas exalava um odor muito forte. Isso quase me impediu de ficar perto dele, mas era necessário aferir seus parâmetros vitais (temperatura, frequência cardíaca, respiratória e pressão arterial). No mesmo instante pensei: venha dona Morte, tenho aqui mais um candidato para seus desejos cruéis. Quantos mais serão levados hoje? Não podia me esquecer de que havia mais dois gatinhos muito doentes e com a saúde completamente descompensada. Com certeza, ela devia ter deixado um de seus ajudantes ali para o caso de a veterinária se distrair.

O tutor do cão na emergência jurava que o animal ficara daquele jeito em dois dias. Impossível, pensei. Contudo, eu não podia dizer o que achava, pois era uma simples estagiária. Meu certificado estava na mão deles. Fiz os parâmetros, tentando não colocar para fora a comida ingerida poucos minutos antes, e levei o animal para o veterinário que já o esperava e pronto para ouvir a conversa de alguém que dizia cuidar bem do pobre cão. Ele era imenso. Devia ser lindo quando bem cuidado. Os donos, após ouvirem o diagnóstico e os cuidados que deveriam ter com o “Marley” dali em diante, resolveram libertá-lo, palavra poética utilizada para eutanásia. Ficaram com ele algum tempo até que os remédios fossem preparados. O animal não sente dor. É tudo muito rápido. Feito isso, preparamos o corpo sem vida para a câmara fria para ser levado ao centro de cremação municipal. Enquanto acompanhava a auxiliar de enfermagem na preparação do corpo, senti mais uma vez a presença gélida da morte atrás de mim. Senti que ela nos acompanhou até a geladeira própria para receber os corpos. Colocamos “Marley” ali, apagamos a luz e fechamos a porta. Como disse o veterinário: “nem sempre é possível ganhar”, mas meu coração apertado pensou: tudo bem, mas é preciso perder tantos no mesmo dia? Mais uma pergunta sem resposta. Mais um ponto para ela.

Voltei para a sala de internação. Para concluir meu estágio, precisava conseguir uma coleta de sangue e preparar o acesso em um animal. A coleta de sangue foi bem tranquila. Era uma cadela preta, grande, dócil e linda. Deixou-me segurar sua patinha e inserir a agulha para retirar seu sangue e confirmar o diagnóstico para dar início ao tratamento. A paciente havia sido resgatada em um córrego. O ultrassom e o raio-x acusaram uma quantidade muito grande de objetos estranhos em seu abdômen. A cirurgia seria necessária. Será que a tutora autorizaria todo o tratamento? Ah! Meu Deus! Por que tudo precisa ser tão caro? Parece repetitivo, mas não consigo encontrar as respostas para perguntas que parecem tão simples. Como a cirurgia não seria realizada naquela noite, oferecemos a ela um pote de ração. Nossa!!! Ela

comeu com sofreguidão, parecia o manjar dos deuses do Olimpo. Talvez a última refeição gostosa de sua vida. Tomou uma tigela de água refrescante e dormiu descansada. Caso a cirurgia não fosse realizada, d. Morte receberia mais um ponto. Para resumir esse caso, devo dizer que a adotante não aceitou fazer a cirurgia ali, pois os gastos seriam muito elevados. Ela levaria a mocinha – como eu carinhosamente a chamei –, no dia seguinte, para o Hospital Público. Não sei se isso realmente foi feito, se a cadela voltou para o córrego ou se a dura ou caroável se fez presente.

Faltava pegar o acesso para a cadela dos dois bebês mortos. Depois de ter vivido um dia de muita tensão, não sabia se conseguiria... Tentei, consegui e com isso completei as exigências para conseguir o certificado. Por alguns instantes, senti meu coração bater mais forte. A partir dali, poderia procurar uma ONG para poder ser voluntária e ajudar animaizinhos abandonados e resgatados. Quando pensava nisso, um dos gatinhos, vigiado pelo ajudante da Indesejada, miou cansado. Estava convulsionando. O que fazer? Dar medicação para tirá-lo da crise? Iniciar a ressuscitação caso seu coraçãozinho parasse? Deixá-lo partir? Uma dezena de perguntas surge sem muito tempo para pensar na resposta. Tudo precisa ser muito rápido. As respostas não vieram, pois aquele miado triste veio seguido de seu último suspiro. Não houve tempo para socorrê-lo. Os resultados dos exames indicaram que nada mais poderia ser feito. Vinha agora a parte mais difícil: chamar a tutora para dizer que sua gatinha havia falecido. Percebi mais uma vez que, decididamente, aquele dia não era um dia para salvar vidas.

Ainda restava saldo para nós: a outra gatinha havia apresentado uma pequena melhora. Olhei por cima do ombro para ver se conseguia enxergar a invisível e dizer a ela que a Branquinha não seria levada por ela. Nós a devolveríamos curada para o seu tutor – um homem bem simpático e sensível. Triste engano. No dia seguinte, recebi a notícia de que a gatinha partira.



APOIADOR(A) THE BARD

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS



FELICIDADE COMO ALCANÇÁ-LA?

Por Tatiana Rievers

A felicidade não cai do céu, temos que procurar muito para achá-la e quando você acha essa, você viva cada momento dela, porque um dia você pode descobrir que você deixou uma pessoa ou uma coisa lá atrás da sua vida que era sua felicidade e pode ser tarde demais.

Uma felicidade completa é muito difícil de conseguir, porque muitas vezes nós temos que passar por cima da felicidade das pessoas que nós amamos, para conseguir a nossa completa, só que isso é muito difícil de fazer, porque quando temos que fazer isso para conseguir a nossa felicidade, as pessoas ficam tristes e não podemos ficar felizes completamente se virmos as pessoas que amamos ficarem tristes por nossa causa.

É por isso que nós temos que deixar um pouco de lado a nossa felicidade, para fazermos feliz a quem amamos.

Quando você ficar muito triste, olhe para uma estrela e pense que aquela estrela é você, olhe do lado dela com certeza terá muitas estrelas brilhando junto dela, assim também sorrindo para você, isso basta você querer...

Na felicidade é como no quebra-cabeça, trabalhamos com mil pedras, com pedras pequeninas, com pedras que não parecem ser do jogo.

Conselhos da felicidade

Fale com a cabeça fria; não quente!

Escute conselho da pessoa mais velha!

Lembre-se que a vida é um presente de DEUS!

Imagem não é tudo!

Comece do começo; não do fim!

Inveja não é boa para você mesmo!

Deseje o melhor ao seu pior inimigo!

Aceite com alegria o que você conseguiu!

De o melhor de si para o que vai fazer!

Ensine as pessoas a cada dia o que é a felicidade!



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

**35^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025**

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

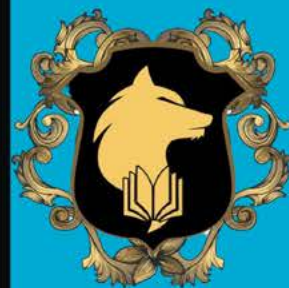
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨
CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM

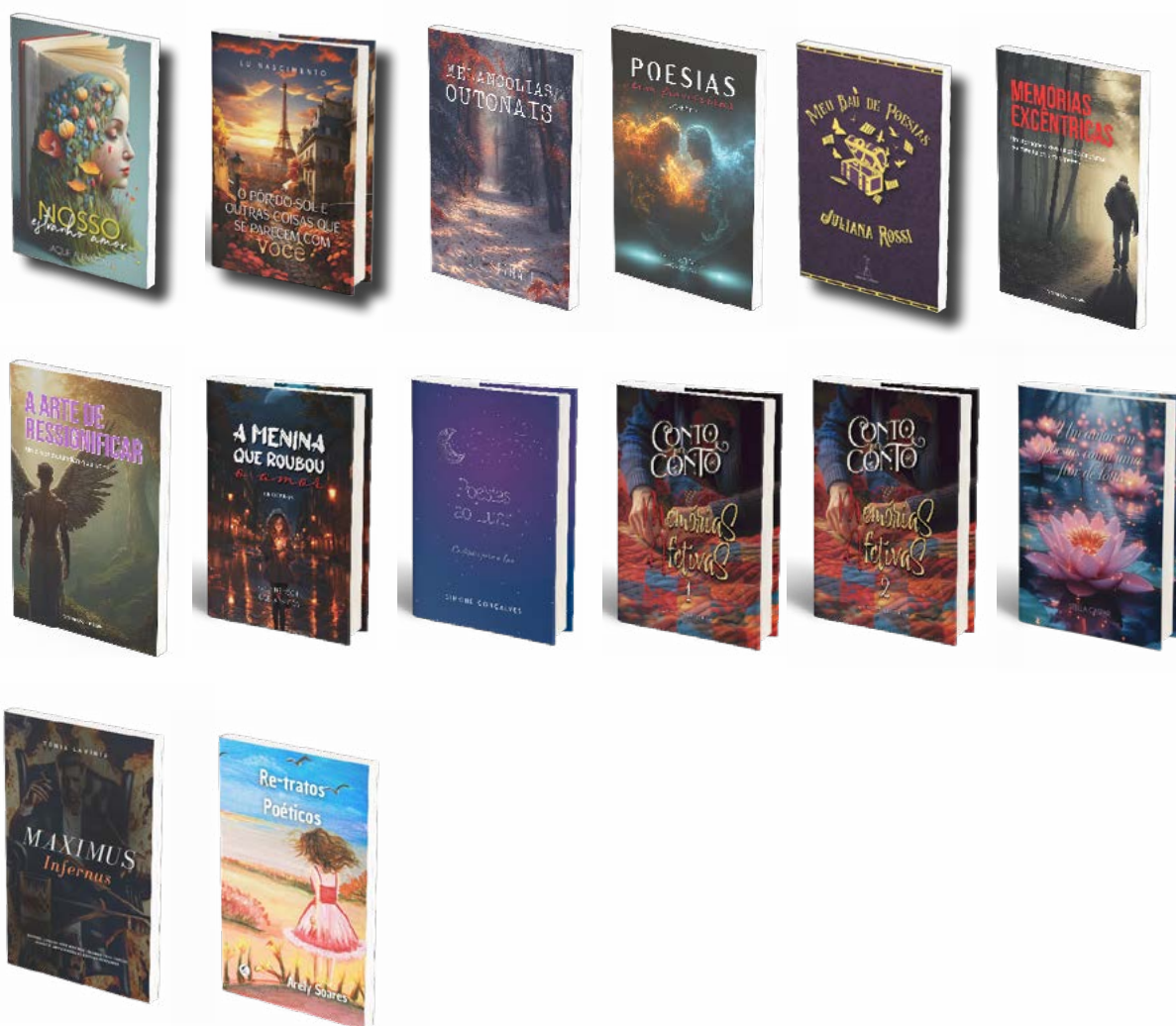


WHATSAPP



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO

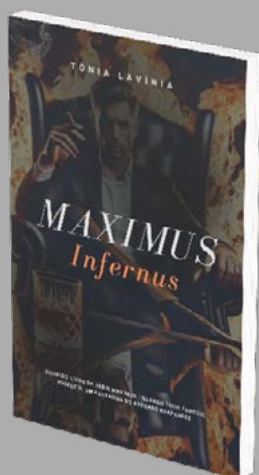


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

Acesse os links
clicando no botão abaixo



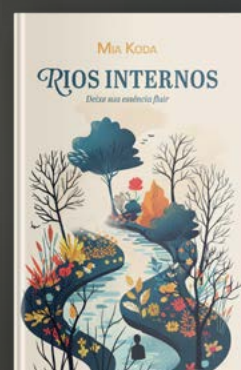
Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

 **amazon**.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

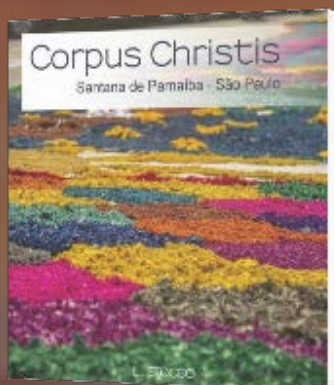
**Acesse o link
clcando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com

Escritora



Espaço

VITRINE

THE BARD

Vanina Sigrist

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



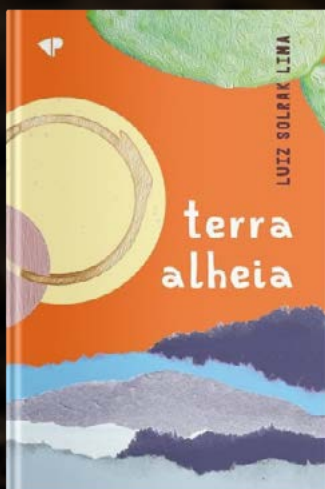
COLUNA

Escritor

Luiz Solrak Lima

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

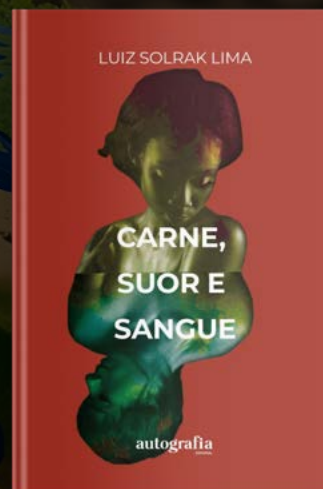
**Livro Terra alheia
de Luiz Solrak Lima**



Terra Alheia é um lembrete poético de como mudanças podem ser necessárias ao mesmo tempo que transformadoras. E essas transformações demandam de cada indivíduo perdas e ganhos na sua estrutura cultural composta de sua linguagem, de seus costumes e de sua ligação com a terra natal. Com isso o livro faz um convite poético para sentirmos o saudosismo, o estranhamente espacial e o estado crítico dos múltiplos eus-líricos que compõem os poemas. O livro, no seu ano de lançamento, ganhou o Prêmio Cultural de Americana -SP 2023 e o Prêmio Destaque Cultural de Americana-SP 2023.

Clique aqui

**Livro Carne, suor e sangue
de Luiz Solrak Lima**



Neste romance de carne exposta e alma ferida, Luiz Solrak Lima escreve com sangue o destino de Janaína e Geane. Personagens que sangram, amam e resistem em silêncio. Nos corredores de um casarão esquecido ou nas ruas, sua dor ecoa nos passos de Geane, criança que é espelho físico da mãe, extensão silenciada de um passado que insiste em arder. Uma narrativa cortante sobre corpos usados, silenciados. Ler é tocar o grito que nunca foi ouvido.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

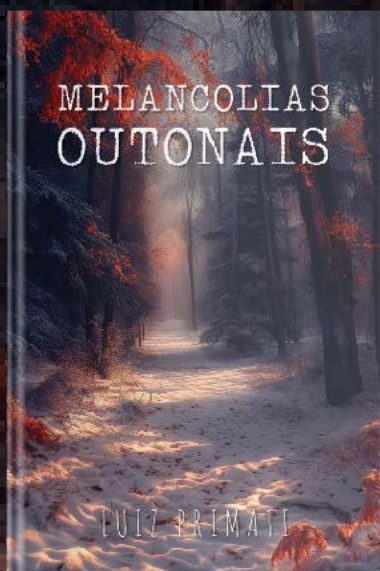
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

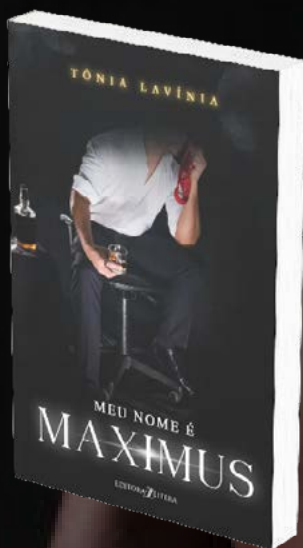


COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



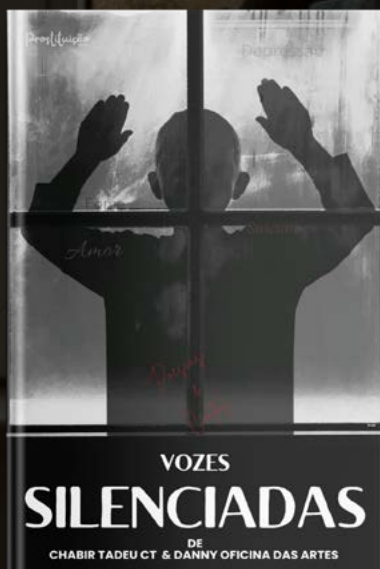
COLUNA

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Sueli Lopes

Acesse o link
clicando no botão abaixo



Nossos Outonos: Uma analogia entre os ciclos da vida e as estações do ano, adornada de crônicas e ilustrações do outono, nos vilarejos ingleses e nos parques londrinos. Nessa jornada, há um convite e sugestões a você, leitor, para desvendar o lugar das histórias, onde a escrita é o recurso que determinará o seu percurso das águas. Que você saia da ilha. Seja qual for o seu deserto, traga água a ele, comece pela escrita. Ela é o início da materialização de suas ideias. Deixe fluir, pois suas ondas irão amenizar a seca de afeto que invade o mundo. Bem-vindo/a ao oceano de metáforas, ao mar da catarse. Bem-vindo-a às ondas que amenizam os desertos da humanidade.



Crônicas do Aqui e Agora: Crônicas criadas no ordinário, no simples, no cotidiano, com destaque à nossa forma de ver o mundo, tão inerente às nossas crenças, fé, alma, capacidade de contemplar. Uma sugestão de que os lugares que frequentamos e a forma que os enxergamos, são uma excelente fonte de escrita, e das mais afetuosas. As crônicas transitam entre a Estação de St Pancras, Londres, à travessia literária do Rio Tejo, Lisboa. Uma excelente fonte de escrita humanizada.



Rubem, Um Gato Descolado: o túnel secreto: Rubem é um ex-gato de rua, adotado por um milionário e culto senhor londrino, de quem se torna herdeiro. Ele descobre um túnel secreto, um portal, que lhe dá poder para viajar no tempo e no espaço, nos levando, de forma bem lúdica, ao encontro de escritores, histórias e lugares incríveis. "O Gato que viajara no tempo e no espaço" é um gato intelectual, descolado, que adora livros e visitas culturais. É caridoso, tem muita compaixão e se interessa pelo resgate de animais abandonados. A história mostra como é importante fazermos as pazes com a nossa própria história de vida, e muitas respostas que Rubem busca, só vai encontrar na literatura, em seus encontros com Ernest Hemingway, Bukovski, Allan Poe e Guimarães Rosa.



A Alma dos Lugares, a Memória Ancestral e os Cinco Sentido: um jeito afetuosos de fazer turismo literário e cultural: Crônicas de turismo literário na França, Inglaterra e Portugal. Quando o escritor se envolve com a alma do lugar, não escreve apenas sobre a paisagem que vê, mas também sobre as camadas invisíveis que compõem aquele espaço. O lugar se transforma em personagem, a história local dialoga com a experiência individual, e o resultado é uma narrativa profundamente humanizada, que conecta leitor, escritor e espaço de forma íntima. Ao explorar a alma dos lugares, descobrimos também partes ocultas de nós mesmos. E ao escrever sobre esses lugares, damos voz às histórias que eles contêm, perpetuando suas memórias e, de certa forma, reescrevendo nossa própria história, enriquecida pela troca e pelo encontro.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



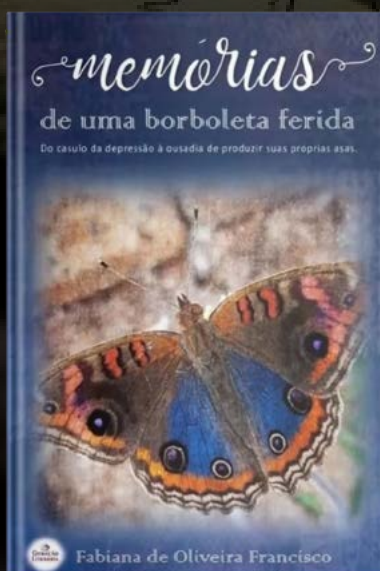
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



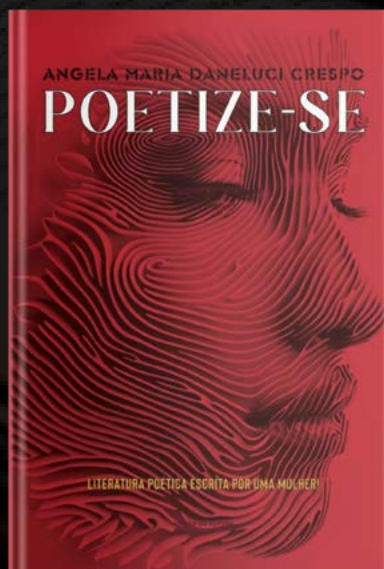
COLUNA

Escritora

Angela Daneluci

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Poetize-se
de Angela Daneluci**



Em "Poetize-se", somos convidados a embarcar numa jornada através das palavras, quando a poesia se torna um espelho das nossas próprias emoções e experiências. Neste livro, cada verso é uma porta aberta para o universo íntimo da autora, que nos guia por paisagens emocionais profundas e reflexões que tocam o cerne da nossa humanidade. Com uma linguagem lírica e sensível, a autora revela a beleza escondida nos detalhes do cotidiano, transformando o ordinário em extraordinário através da magia das palavras. "Poetize-se" não é apenas um convite à contemplação, mas também uma celebração da vida em todas as suas nuances, da alegria efervescente à melancolia sutil. Cada poema é uma pequena joia lapidada com cuidado e dedicação, transmitindo uma gama de sentimentos que ressoam com o leitor, tocando-o profundamente. Com uma voz única e autêntica, a autora nos leva a explorar os mistérios da existência e a descobrir a beleza escondida nos recantos mais obscuros da alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

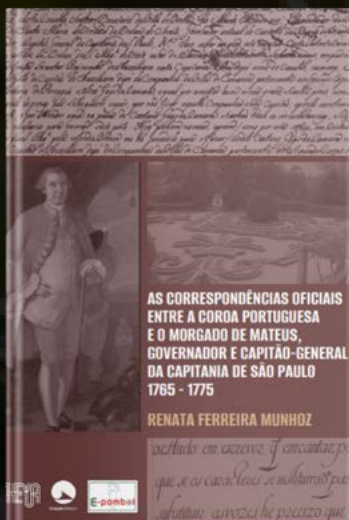


COLUNA

Escritora

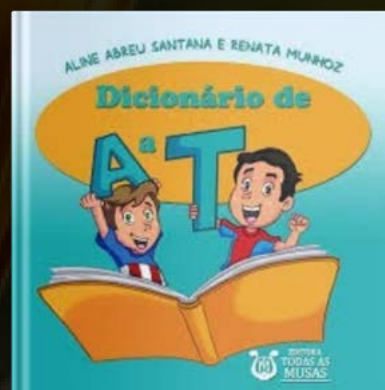
Renata Munhoz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de textos curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



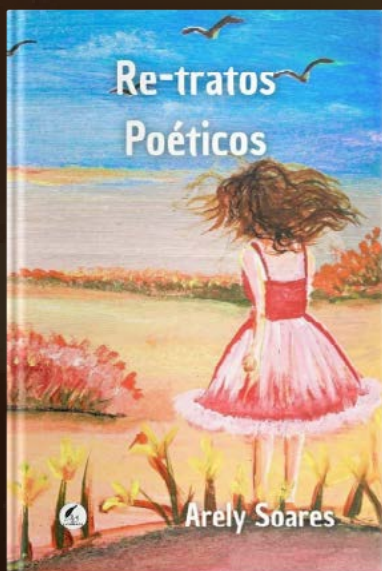
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Re-tratos Poéticos
de Arely Soares**



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui



LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2025

O amor, a arte de todas as artes:
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a
comunicação ao longo da história da humanidade"



34ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

Memória:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

35^a EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2025

PERÍODO DE 12 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.